

TEXTOS PARA DISCUSSÃO Nº 494

MERCOSUL: INTEGRAÇÃO REGIONAL E O COMÉRCIO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS*

Maria Beatriz de Albuquerque David^{**}
Marcelo José Braga Nonnenberg^{***}

Rio de Janeiro, julho de 1997

* Agradecemos às estagiárias Mônica Rodrigues e Paula Rollo pelo trabalho de levantamento, preparação dos dados e indicadores utilizados na pesquisa, assim como pelos comentários feitos ao longo deste trabalho. Agradecemos também a Marcelo Rubens do Amaral, pelo auxílio técnico na preparação da análise fatorial. Somos gratos, ainda, aos participantes do Seminário organizado pela Diretoria de Políticas Públicas do IPEA (Brasília), no dia 11 de março de 1997, pelas sugestões apresentadas durante a exposição e discussão dos dois primeiros relatórios dessa pesquisa. As observações feitas por um leitor anônimo a uma primeira versão do primeiro relatório da pesquisa foram incorporadas no presente texto.

** Da Diretoria de Pesquisa do IPEA e professora-adjunta da FCE-UERJ.

*** Da Diretoria de Pesquisa do IPEA e professor da Universidade Santa Úrsula.



O IPEA é uma fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento e Orçamento, cujas finalidades são: auxiliar o ministro na elaboração e no acompanhamento da política econômica e prover atividades de pesquisa econômica aplicada nas áreas fiscal, financeira, externa e de desenvolvimento setorial.

Presidente

Fernando Rezende

Diretoria

Claudio Monteiro Considera

Luís Fernando Tironi

Gustavo Maia Gomes

Mariano de Matos Macedo

Luiz Antonio de Souza Cordeiro

Murilo Lôbo

TEXTO PARA DISCUSSÃO tem o objetivo de divulgar resultados de estudos desenvolvidos direta ou indiretamente pelo IPEA, bem como trabalhos considerados de relevância para disseminação pelo Instituto, para informar profissionais especializados e colher sugestões.

ISSN 1415-4765

SERVIÇO EDITORIAL

Rio de Janeiro – RJ

Av. Presidente Antônio Carlos, 51 – 14º andar – CEP 20020-010

Telefax: (021) 220-5533

E-mail: editrj@ipea.gov.br

Brasília – DF

SBS Q. 1 Bl. J, Ed. BNDES – 10º andar – CEP 70076-900

Telefax: (061) 315-5314

E-mail: editbsb@ipea.gov.br

© IPEA, 1998

É permitida a reprodução deste texto, desde que obrigatoriamente citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são rigorosamente proibidas.

SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
1 - INTRODUÇÃO	1
2 -ASPECTOS TEÓRICOS DO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL	2
2.1 - Medindo os Efeitos da União Aduaneira.....	5
3 - COMPETITIVIDADE	6
3.1 - Os Indicadores	6
3.2 - Descrição dos Indicadores de Competitividade	8
3.3 - Estratégia de Especialização	9
4 - PRINCIPAIS HIPÓTESES DE TRABALHO	13
5 - METODOLOGIA E FONTE DOS DADOS	13
5.1 - Indicadores Utilizados	14
6 - ANÁLISE GLOBAL DOS INDICADORES DE COMPETITIVIDADE	15
6.1 - Posição no Mercado Mundial.....	15
6.2 - Vantagens Comparativas Reveladas.....	16
6.3 - Taxa de Cobertura	18
6.4 - Indicador de Assimetria	19
7 - ANÁLISE FATORIAL	19
7.1 - Produtos com Comportamento Homogêneo.....	20
8 - COMÉRCIO INTRA-MERCOSUL	22
9 - ANÁLISE DOS PRODUTOS.....	22
10 - PERSPECTIVAS	32
10.1 - União Européia	32
10.2 - Outras Áreas.....	34
11 - CONCLUSÕES	35
ANEXO 1	38
ANEXO 2.....	46
ANEXO 3.....	90
BIBLIOGRAFIA	94

RESUMO

O presente trabalho examina a evolução das exportações e importações dos principais produtos agropecuários dos países que compõem o Mercosul. Trata ainda das mudanças e da evolução na composição do comércio, dos preços e das principais modificações no peso relativo dos parceiros comerciais. A análise é feita com base em uma série de indicadores de competitividade, vantagens comparativas reveladas e evolução da demanda mundial.

Entre as conclusões mais relevantes destacam-se a existência de complementaridades e de assimetrias bastante claras nos setores agropecuários dos países que compõem o Mercosul. Cabe ressaltar também que o impacto da integração sobre os produtos analisados foi, ao contrário do que faziam supor as preocupações externadas por ocasião da criação do bloco, bastante restrito. Os fatores globais, tais como a abertura econômica iniciada no caso do setor agropecuário em 1988, o financiamento das importações e a valorização cambial no Brasil, têm tido maior influência sobre as elevações dos fluxos de comércio do que a redução de barreiras inter-regionais. Além disso, fica clara a necessidade de uma estratégia de especialização tanto para o Brasil como para o conjunto do mercado comum, especialmente no novo cenário de abertura econômica.

ABSTRACT

This paper analyzes the evolution of the exports and imports of the main agricultural products in the Mercosul countries. The changes and evolution in the trade composition, in the relative prices and the modifications in the relative weight of the commercial partners was still examined based on competitive indicators, such as revealed comparative advantages, and the evolution of world demand.

Among the most important conclusions, it is the existence of complementarities and asymmetries in the agricultural sector of the member countries of Mercosul. It has also been verified that the impact of integration upon the products analyzed has been very limited. The global factors, like trade liberalization, import financing and the Brazilian exchange rate appreciation, have had a bigger impact over trade flows than the elimination of inter-regional barriers. Besides that, the necessity of a specialization strategy becomes very clear, both to Brazil and to the other member countries, specially in an environment of trade liberalization.

1 - INTRODUÇÃO

A criação do Mercosul, em 1991, permitiu um fantástico crescimento do comércio entre os quatro países envolvidos. Entre 1991 e 1994, as exportações totais intra-Mercosul passaram de US\$5.400 milhões para US\$12.851 milhões, representando um aumento de 138%. No caso dos produtos agropecuários objetos de análise deste trabalho, o incremento foi de 33%, passando de US\$1.108 milhão para US\$1.469 milhão. Há que se considerar, ainda, o fato de que a liberalização comercial dos produtos agrícolas brasileiros se deu a partir de 1988, muito antes da implementação do Mercosul, e que os protocolos com a Argentina datam da segunda metade da década de 80. Portanto, torna-se relevante observar também a variação do comércio intra-Mercosul entre 1988 e 1994: no que se refere ao comércio total, essa variação alcançou 302%; já para o conjunto de produtos agropecuários objetos deste estudo, essa variação foi igual a 264%.

O processo de integração comercial começou, de fato, em 1986, quando foi assinada a Ata para a Integração Brasil-Argentina, que deu origem ao Programa de Integração e Cooperação Econômica, com redução tarifária para diversos produtos [ver Rego (1995)]. Mas foi em 1990, com a assinatura da Ata de Buenos Aires, que as margens de preferência tarifária (inicialmente fixadas em 47%) passaram a atingir um largo espectro de produtos. No ano seguinte, com o Tratado de Assunção, fica definida a criação de um mercado comum com a incorporação do Paraguai e do Uruguai.

Na verdade, o comércio intra-regional começa a crescer em 1986, em função do aumento do nível de atividade e do início de processos de desgravação tarifária nesses países [ver, por exemplo, Machado e Markwald (1996) e Peña (1996)]. Entretanto, a elevação substancial do ritmo de crescimento dos fluxos intrazonais, observada a partir de 1991, deve ser creditada, na sua maior parte, ao processo de liberalização comercial.

Esse processo assume importância diferenciada para cada uma das economias atingidas. Ao analisarmos o comércio intra-Mercosul para o período 1991/94, observamos que o maior ganhador líquido foi o Brasil, com um crescimento de 156% nas exportações intrazonais, seguido de perto por Uruguai e Argentina, que apresentaram taxas de crescimento iguais a 143 e 126%, respectivamente. No entanto, para o período 1988/94, o maior ganhador líquido foi a Argentina, cujas exportações intrazonais cresceram quase 400%. Já para o Brasil e Uruguai, o peso da integração durante esse período foi bem menor. Para o primeiro, em função do menor coeficiente de abertura, principalmente até 1990, e da menor participação das exportações intra-regionais; para o segundo, em virtude de ser uma economia semelhante à Argentina e, portanto, competirem entre si.

Assim sendo, uma das principais vantagens de um processo de integração comercial está nos incentivos que este traz à especialização da produção, com os efeitos de criação de comércio e de reciprocidade (que serão analisados logo em seguida). Isso significa que cada uma das economias integradas irá aumentar a

produção de um determinado grupo de produtos competitivos e reduzir a produção dos outros. Entretanto, o ritmo de cada um desses processos não será necessariamente o mesmo. A criação de vantagens comparativas em determinados setores, até que resulte em aumento da produção, necessitará de investimentos, com prazos de maturação mais ou menos longos. Ademais, as decisões de investimento necessitam de um tempo relativamente longo para serem tomadas, especialmente em se tratando de países com uma longa tradição de alterações bruscas nas suas políticas macroeconômicas, sem contar com as antigas (e felizmente sepultadas) rivalidades políticas.

Por outro lado, a redução da produção dos setores que perdem competitividade tende a ser muito mais rápida, sobretudo naqueles em que a mera redução das margens de lucro não for suficiente para permitir uma queda dos preços finais. Dessa forma, torna-se necessário, em alguns desses casos, uma intervenção governamental provisória, de maneira a suavizar o processo e reduzir os impactos negativos sobre o nível de emprego.

Ora, o que vem ocorrendo com o setor agrícola brasileiro é justamente o inverso. O processo de liberalização comercial (e não apenas o Mercosul) em curso nos últimos anos elevou substancialmente as importações de produtos agrícolas. Ao mesmo tempo, o desmantelamento das estruturas de proteção a alguns produtos e a redução dos recursos destinados à política de preços mínimos e ao crédito agrícola cumpriram um papel de acelerar o decréscimo da área plantada dos principais produtos, sem estar acompanhada de aumento correspondente da produção de outros produtos, o que revela que a análise dos efeitos do processo de constituição do mercado comum assume uma importância especial para o caso do setor agropecuário brasileiro.

O objetivo deste trabalho é examinar, preliminarmente, a evolução das exportações e importações dos principais produtos agrícolas dos países do Mercosul, sujeitos a alterações mais importantes em função desse processo de integração regional, as mudanças e evolução na composição do comércio e dos preços desses produtos e as principais modificações no peso relativo dos parceiros comerciais.

2 - ASPECTOS TEÓRICOS DO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL

A liberalização do comércio internacional é associada, normalmente, ao aumento do bem-estar das economias nacionais. Assim, desde o pós-guerra, tem se procurado reduzir as barreiras tarifárias e não-tarifárias à circulação internacional de mercadorias através de negociações travadas no âmbito do Gatt (atual Organização Mundial de Comércio). Mais recentemente, o processo de liberalização vem sendo estendido à circulação de capitais, serviços e mão-de-obra.

A liberalização também pode assumir o caráter de integração regional, com a eliminação de barreiras tarifárias entre um determinado grupo de países (área de livre comércio) e, eventualmente, com a adoção de uma tarifa externa comum (união aduaneira), sendo o exemplo mais claro a criação da Comunidade Econômica Européia que, a partir de 1993, passou a ser conhecida como União Européia.

Entretanto, se a maior parte dos analistas concorda que o processo global de liberalização comercial conduz a um aumento do bem-estar em nível mundial, os efeitos de um processo regional de integração comercial são considerados ambíguos. Se, por um lado, existem efeitos positivos sobre o bem-estar dos países envolvidos, também ocorrem efeitos negativos, sendo impossível determinar-se **a priori** qual o resultado líquido. A contribuição seminal nessa área ainda é a de Viner (1950), que desenvolveu os conceitos de criação e desvio de comércio. A criação de comércio acarreta um aumento de bem-estar, pois é o resultado da transferência de um produtor menos eficiente (doméstico) para um produtor mais eficiente, em virtude da eliminação das barreiras ao comércio. O desvio de comércio resulta da substituição de fornecedores mais eficientes que não fazem parte do bloco por fornecedores menos eficientes que fazem parte do mesmo, o que conduz, portanto, a uma redução do bem-estar. Isso ocorre em razão de a eliminação das barreiras tornar o preço final das mercadorias produzidas nos outros países membros do bloco menor do que o dos bens produzidos pelos demais países.

Considerando, por enquanto, apenas esses dois efeitos, pode-se demonstrar que [ver Scammell (1974)]:

- a) quanto maior for a tarifa pré-união entre os países do bloco, maior será o efeito de criação de comércio;
- b) quanto maior for o nível prévio de comércio entre os países do bloco, maior será o ganho de bem-estar resultante;
- c) quanto menor for a tarifa externa comum, menor será o desvio de comércio; e
- d) quanto maiores forem as elasticidades de demanda e oferta das mercadorias comercializadas dentro da união aduaneira, maior será a criação de comércio.

Além desses dois, outros efeitos podem surgir em função da criação de uma união aduaneira. Corden (1984) considera que, em razão do estabelecimento de uma tarifa externa comum, pode ocorrer o seguinte: admita-se, inicialmente, que os países A e B, integrantes da união, tivessem, previamente, tarifas com relação ao país C (resto do mundo) diferentes da tarifa externa comum, sendo a do país A maior e a do país B menor. Neste caso, após a união, a tarifa de A seria reduzida e a de B aumentada, acarretando uma **expansão de comércio** para o primeiro e uma **contração de comércio** para o segundo.

Admitindo-se a existência de economias de escala, alguns efeitos adicionais podem surgir. A ampliação do mercado do produtor do país A decorrente da eliminação das tarifas levará a uma redução dos custos unitários totais (efeito escala) e, eventualmente, dos preços dos produtos, o que poderá aumentar o mercado consumidor em ambos os países A e B. Adicionalmente, essa redução de custos poderá acarretar o deslocamento de C como fornecedor em benefício de A ou de B.

Além das economias de escala, pode-se argumentar que outros efeitos dinâmicos são resultados possíveis da liberalização regional. Primeiro, a ampliação dos mercados deverá trazer um aumento dos investimentos, com reflexos positivos sobre toda a economia e não apenas sobre os setores exportadores. Segundo, poderá ocorrer aumento dos gastos em Pesquisa e Desenvolvimento.

Corden (1995), analisando as prováveis conseqüências da criação de uma zona de livre comércio entre os países latino-americanos e os Estados Unidos, julga que o mais importante efeito para um país em desenvolvimento é a abertura recíproca do mercado norte-americano para os países da região. Este efeito deve ser avaliado não apenas em função das atuais barreiras impostas pelos Estados Unidos, mas também pelas barreiras futuras que poderiam ocorrer caso um acordo desse tipo não fosse firmado. Evidentemente que é extremamente difícil medir tal efeito, mas isso revela que a medida do efeito-reciprocidade subestima o potencial total do acordo. Levando-se em conta a experiência do Mercosul, pode-se considerar que, para Argentina, Uruguai e Paraguai, a abertura do mercado brasileiro, ao menos parcialmente, apresenta um resultado semelhante.

A criação de uma união aduaneira também aumenta substancialmente o poder de barganha dos países envolvidos nas negociações internacionais. A negociação do Mercosul com a União Européia (UE), ora em curso, por exemplo, somente vem sendo possível em virtude da existência do mercado comum, não sendo realista imaginar o interesse desse processo, ao menos com essa amplitude, para a UE caso tivesse que negociar separadamente com os quatro países do bloco. A aceleração das negociações com os demais países da Aladi também é prova desse efeito.

Entretanto, ao se levar em conta discrepâncias de nível de desenvolvimento não apenas entre os países da união mas também internamente às economias nacionais, especialmente no caso de países em desenvolvimento, outros aspectos merecem atenção. Singer (1995) enfatiza que as regiões mais ricas podem se beneficiar mais do processo de integração, devido a maior disponibilidade de infra-estrutura, acesso a serviços especializados, proximidade dos maiores mercados, maior desenvolvimento do mercado financeiro e maior capacitação administrativa e institucional. Dessa forma, o processo de criação de vantagens comparativas, resultante do processo de integração, tenderia a ampliar as desigualdades existentes, de acordo com o que Hirschman chama de **polarização**.

A existência de diferenciais de produtividade acentuados entre as diversas regiões e para um grande número de setores produtivos levará a que as zonas de menor produtividade relativa sejam negativamente afetadas pelo processo de integração, podendo conduzir a uma redução global do nível de atividade e do nível de emprego. Esse problema não deve ser visto como argumento contrário ao processo de integração, mas como um indicador da necessidade de, eventualmente, suavizar-se o ritmo de adoção da liberalização comercial ou, alternativamente, adotarem-se medidas compensatórias para essas regiões, assim como foi feito na Comunidade Européia.

No caso específico da agricultura, deve ser levado em consideração que um dos fatores favoráveis ao processo de integração, ou seja, a existência de economias de escala, dificilmente ocorrerá, ao menos ao nível nacional. Por exemplo, a ampliação do mercado para o trigo argentino em decorrência da criação do Mercosul dificilmente provocará ganhos de escala na produção deste cereal. Da mesma forma, a ampliação dos investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento, no caso da agricultura, depende ainda muito da atuação do Estado e, portanto, não deve ser muito sensível à ampliação do mercado, ao menos dentro de certos limites.

2.1 - Medindo os Efeitos da União Aduaneira

Definir teoricamente os efeitos prováveis da criação de blocos regionais de comércio não é um exercício difícil. O problema está na mensuração dos resultados desse processo, que consistiria na avaliação das alterações no nível de bem-estar de cada um dos países, bem como do conjunto da união. Se, por um lado, existem os efeitos positivos de aumento de bem-estar decorrentes da redução das barreiras institucionais e de aumento de mercado, por outro, pode ocorrer desvio de comércio, já que, em geral, há uma tendência a se proteger a produção e o comércio dos países menos desenvolvidos contra a competição externa. O importante, neste caso, seria avaliar o resultado líquido sobre o nível de bem-estar gerado pela criação e desvio do comércio.

Deve-se ressaltar ainda que diversos outros fenômenos podem afetar o nível do comércio bilateral. Entre eles destacam-se: a liberalização global das trocas (em função dos avanços das negociações multilaterais), o aumento da demanda dos países envolvidos, a concessão (ou retirada) de subsídios à exportação por parte de países externos ao bloco, mudanças nos custos relativos de transporte, alterações nas políticas agropecuárias domésticas, a proximidade geográfica e, finalmente, as alterações nas paridades cambiais entre os diversos membros do bloco.

Por outro lado, alguns desses fenômenos podem ocorrer como conseqüência do processo de integração. O aumento das exportações e dos investimentos resultante do processo de integração regional, por exemplo, certamente resultará em aumento da demanda global que, por sua vez, provocará um aumento das importações provenientes dos outros componentes da união.

Dessa forma, faz-se necessário estabelecer uma metodologia de análise do processo de liberalização comercial que leve em consideração esses outros fenômenos. No entanto, ao menos preliminarmente, a utilização de alguns indicadores de competitividade, que serão analisados a seguir, pode ajudar a lançar alguma luz sobre o impacto resultante da implantação do Mercosul.

3 - COMPETITIVIDADE

Nesta seção apresentaremos as diferentes maneiras de medir e de analisar a competitividade e as vantagens comparativas de um país, ou grupo de países, para podermos discutir as conseqüências do processo de integração sobre o setor agropecuário. Além de estabelecer o grau de complementaridade e de competição entre os países que compõem o Mercosul e seus parceiros mais próximos (Chile, União Européia e Estados Unidos), trataremos também da estratégia de especialização, especialmente do Brasil.

O Mercosul obriga o Brasil a recriar uma estratégia de especialização, postura que foi abandonada no decorrer da década de 80. Se o país não pretende ter uma inserção passiva no mercado mundial, deve adotar uma estratégia de especialização. Essa estratégia lhe possibilitará aproveitar a maior vantagem que um bloco de comércio pode proporcionar, que é o aumento do seu poder de negociação com o resto do mundo, inclusive permitindo aos países membros do bloco explorar melhor suas complementaridades.

3.1 - Os Indicadores

Para estudar o comportamento das exportações de um país podemos utilizar os indicadores de crescimento das exportações (participação constante no mercado mundial, através do método do **constant market share**), os indicadores de competitividade **a priori (ex-ante)**, os indicadores baseados nos fluxos de comércio e, finalmente, a análise das elasticidades-preço e renda das exportações. Esses indicadores podem ser utilizados para realizar análises comparativas entre dois ou mais países, permitindo, também, a análise em relação a um terceiro mercado [ver Durand e Giorno (1987)]. Os indicadores **a priori (ex-ante)** são chamados de indicadores de eficiência, sendo os mais conhecidos a taxa de câmbio efetiva real, a relação câmbio/salário, a relação entre preços externos e internos e o custo unitário da mão-de-obra. Os outros indicadores baseiam-se na observação dos fluxos de comércio e são chamados de indicadores de resultados.

O método do **constant market share** permite desagregar a variação das exportações de um país em quatro fatores: a variação da demanda global, a variação da demanda do **mix** de bens específicos desse país, a variação da demanda dos principais países importadores e, finalmente, a variação da competitividade dos produtos exportados, que é calculada como o resíduo dos demais fatores.

A competitividade guarda uma certa correspondência com os preços relativos ou com os fatores relacionados com a demanda, que caracterizam a denominada diferenciação de produtos. Entre os fatores que caracterizam a diferenciação de produtos podemos ressaltar: o controle e o melhoramento da qualidade dos produtos de exportação, a eficácia da propaganda e do financiamento e a capacidade de satisfazer rapidamente à demanda. No que caracteriza a oferta, o fator mais importante está vinculado às diferenças de produtividade existentes, para cada linha de produto, nos diferentes países. A competitividade pode, assim, estar relacionada aos fatores tecnológicos, à produtividade e à satisfação das encomendas (habilidade para administrar a concorrência ou meios de fornecimento, de entrega, de qualidade e de diferenciação de produtos).

Além desses indicadores podemos ainda estudar a maneira como o país se insere no mercado internacional por meio dos indicadores e formas de especialização. O tema da especialização é importante no momento de discutir uma estratégia de inserção competitiva para o país, pois é ela que irá definir a competitividade desse país a médio e longo prazos.

Lafay (1979) divide os indicadores baseados nos fluxos de comércio em:

- a) taxa de cobertura, que representa a relação entre as exportações e as importações;
- b) coeficiente de especialização de Balassa, que é derivado da taxa de cobertura e que permite determinar a natureza dos fenômenos de especialização;
- c) indicadores assimétricos, que calculam a participação de um grupo de produtos nas exportações totais de um país dado e compara esta participação com a correspondente em uma zona de referência;
- d) indicadores baseados na situação interna, que calculam a participação de um grupo determinado de produtos no PIB do país estudado, em relação à participação correspondente em uma zona de referência; e
- e) indicadores que levam em consideração as relações entre a economia nacional e o resto do mundo. Os mais significativos são os que consideram as relações entre as variáveis internas e os fluxos de comércio internacional.

Na discussão sobre a competitividade e as vantagens comparativas, Lafay define a competitividade como sendo a comparação entre dois ou vários países para um produto determinado e a vantagem comparativa como sendo a comparação entre diferentes produtos para um país dado, ou seja, como melhor utilizar os recursos disponíveis. Para ele, a competitividade, de maneira geral, está subordinada à conjuntura macroeconômica e à taxa de câmbio real, enquanto as vantagens comparativas têm um caráter estrutural. No que tange às vantagens comparativas reveladas pelo comércio internacional, Lafay (1989) propõe o cálculo de

indicadores de contribuição ao saldo comercial apresentando a mesma estrutura lógica que a utilizada no cálculo dos indicadores de especialização.

3.2 - Descrição dos Indicadores de Competitividade

A taxa de câmbio (taxa bilateral ou taxa efetiva real) e a relação câmbio/salário, que é uma medida de rentabilidade da atividade exportadora, são indicadores tradicionais de competitividade e, portanto, suas definições são amplamente conhecidas.

Os preços relativos das exportações (preço interno sobre preço das exportações mundiais) expressos em uma moeda comum são a maneira direta de avaliar o desempenho competitivo. Se os preços dos produtos exportados aumentam, o país perderá competitividade. Esse indicador é baseado nos valores unitários médios das exportações e apresenta os mesmos problemas que a taxa de câmbio real em termos de escolha das ponderações a serem utilizadas. Os empresários podem modificar a relação preço/custo atuando sobre a taxa de lucro (sobre o **mark-up**, em condições de concorrência imperfeita). Eles orientam a produção para o mercado externo de modo a manter o nível de utilização quando a demanda interna cai e também para aumentar sua participação no mercado mundial. A maneira de enfrentar o problema de flutuação do **mark-up** e de seus efeitos sobre os indicadores de competitividade baseados nos preços relativos consiste em utilizar uma **proxy** do custo. Essa categoria de indicador permite medir a competitividade potencial.

O custo unitário relativo da mão-de-obra é o custo unitário da mão-de-obra, convertido em moeda internacional, comparado aos custos respectivos dos parceiros internacionais. O cálculo dos custos unitários relativos da mão-de-obra permite concluir que esses custos aumentam para um país se os salários e os encargos sociais em moeda nacional crescem mais rapidamente que nos outros países, se a taxa de câmbio for valorizada ou ainda se a produtividade crescer mais lentamente que nos outros países. Esse indicador considera a influência das variáveis produtividade da mão-de-obra, salários e câmbio sobre a competitividade. O custo unitário da mão-de-obra e o custo unitário relativo da mão-de-obra foram criticados porque as evidências empíricas demonstram que os países que, no pós-guerra, experimentaram o crescimento mais rápido em termos de exportação e de PIB foram aqueles que conheceram os maiores aumentos em seus custos unitários relativos da mão-de-obra. O “Paradoxo de Kaldor” é devido ao fato de que esta concepção não leva em consideração outros fatores, tais como a demanda e a competitividade não relacionada a preços. Os fatores relacionados com a tecnologia, a produtividade e a capacidade de concorrer no fornecimento e na entrega são importantes para explicar a competitividade do país a médio e longo prazos [Fargerberg (1988)].

O cálculo das elasticidades-preço e renda das exportações é uma outra maneira de determinar os resultados das exportações. Mathis (1990) propõe uma estratégia de especialização baseada no conhecimento do comportamento das elasticidades.

3.3 - Estratégia de Especialização

O objetivo desta subseção é rever rapidamente algumas teorias relativas à importância da estratégia de especialização. Amable (1990) analisa a especialização internacional e suas conseqüências sobre o crescimento de longo prazo de um país. Segundo ele, as exportações dependem não só do crescimento da demanda mundial, da competitividade-preço relativa, mas também da eficiência do sistema nacional de inovação, materializado na qualidade dos produtos. Ele sugere que um país pode orientar a especialização para as atividades que apresentem um forte crescimento da demanda mundial e um elevado conteúdo tecnológico para se beneficiar dos efeitos de um mercado dinâmico, aplicando os critérios de longo prazo na especialização. Ao contrário, o país pode escolher consolidar suas posições aumentando sua participação no mercado graças à sua superioridade em competir mesmo em produtos para os quais a demanda mundial não cresce tão rapidamente.

A escolha das atividades nas quais o país se especializa representa apenas um aspecto da competitividade estrutural. Amable enfatiza a importância dos fatores nacionais, das instituições, em particular as que organizam as interações entre tecnologia e competitividade e determinam a orientação e a trajetória do crescimento. Sua opinião é de que existem diversas maneiras de se adaptar a um mesmo paradigma tecnológico que não terão as mesmas conseqüências em termos de trajetória tecnológica. Ele se apóia em um modelo de crescimento condicionado pelo balanço de pagamentos com progresso técnico endógeno, concluindo que a taxa de crescimento de uma economia é mais elevada na medida em que a especialização repousa sobre setores para os quais a demanda mundial é forte e, portanto, o progresso técnico apresenta tendência a aumentar de uma forma cumulativa.

Na discussão que se inicia em 1984 e prossegue em seus trabalhos posteriores, Lafay defende também a tese da especialização em produtos com forte conteúdo tecnológico e de expressivo crescimento da demanda mundial. Em 1987, ele estabelece a diferenciação entre vantagens comparativas e competitividade e afirma que os dois conceitos devem ser totalmente dissociados. Seu objetivo é fazer uma análise dos produtos através de uma escala dos pólos de competitividade e das cadeias de produção. Para Lafay, quando a análise de competitividade é feita em termos monetários, as vantagens absolutas de Smith se tornam sem importância. Isto porque para cada um dos produtos as posições relativas dos produtores dependem de seus níveis absolutos de custos, expressos em uma unidade monetária comum [Lafay (1989)].

Normalmente a paridade do poder de compra das moedas é aplicada ao conjunto do PIB, mas Balassa (1984) a limita aos produtos que são objetos de transações

externas. Neste caso, a competitividade através dos custos e as vantagens comparativas ricardianas coincidem **ex-post**. Lafay, ao contrário, afirma que a vantagem comparativa ricardiana dissocia-se da competitividade via custos e preços. Segundo essa ótica, a lei das vantagens comparativas permite, em cada país, hierarquizar os produtos através de uma comparação entre a estrutura de custos das empresas nacionais e a de seus parceiros. Para esse autor, é a taxa de câmbio real, dada pela comparação entre os custos de produção do país e a média mundial, que vai determinar a competitividade de cada atividade em relação ao exterior. É possível, assim, construir uma escala das vantagens comparativas ricardianas e provar que a competitividade vai variar em função do nível da taxa de câmbio real. Ricardo considerava que as diferenças de custos estavam dadas, Heckscher e Ohlin explicavam as vantagens comparativas setoriais pela diferença de dotação de fatores de produção, cada economia utilizando intensivamente o fator mais abundante e, portanto, mais barato. Esta teoria supunha uma mobilidade de fatores de produção. Lafay considera que a análise de Heckscher e Ohlin conserva uma certa validade no que tange aos recursos naturais.

Lafay ressalta que a teoria neoclássica negligencia duas dinâmicas: a das empresas em escala mundial e a das nações no espaço econômico. A dinâmica das empresas resulta da inovação de novos produtos e métodos de produção. A dinâmica das nações corresponde às suas progressões ou regressões sobre o cenário econômico mundial em função de seu ritmo de crescimento, superior ou inferior à média. O autor sugere que o limite do crescimento é determinado pelo potencial produtivo interno e pela qualidade da especialização (adaptação de seu leque de atividades à demanda mundial) [Lafay (1979)].

Uma medida indireta das vantagens comparativas pode ser estabelecida a partir dos fluxos de comércio internacional. Os conceitos de vantagens comparativas e de competitividade incorporam todos os outros fatores além dos preços e dos custos. Para Balassa, as vantagens comparativas reveladas se calculam comparando a estrutura das exportações de cada país à estrutura de uma zona de referência. Lafay critica este indicador e afirma que seu inconveniente é que ele se baseia apenas nas exportações e que, portanto, fornece uma visão unilateral do comércio internacional. Os estudos do Centre d'Etudes Prospectives et d'Informations Internationales (CEPII) sobre a especialização internacional atribuem a mesma importância para as exportações e para as importações, baseando-se nos excedentes comerciais (exportações líquidas) dos diferentes produtos. Os interstícios (setores promissores) que representam as vantagens comparativas são construídos pelas empresas implantadas em um país, em uma atividade onde a demanda é fortemente crescente e a oferta não está ainda dominada por uma quantidade excessiva de produtores. Os setores mais dinâmicos são aqueles que se transformam em pólos de competitividade como resultado de uma forte especialização.

Mathis (1990) busca estabelecer parâmetros de competitividade, apoiando-se na taxa de cobertura (exportações/importações). Ele demonstra que um crescimento

sustentado da produção pode ser obtido à custa de um desequilíbrio comercial e, ao contrário, uma taxa de cobertura elevada pode representar um freio durável ao crescimento em comparação aos principais parceiros.

Na análise de Mathis as elasticidades do comércio internacional possuem um papel fundamental. A partir do teorema das elasticidade críticas,¹ ele refuta a hipótese de que as elasticidades-preço dos volumes comercializados são constantes, apresentando os argumentos que tornam pouco viável a hipótese de uma soma das elasticidades-preço do comércio inferior a 1. Ele sustenta a hipótese de elasticidades variáveis e, para fazê-lo, decompõe a taxa de cobertura em duas: a taxa de cobertura em volume e as relações de troca. O autor define, assim, a competitividade de duas maneiras: é a capacidade de alcançar uma taxa de cobertura elevada com uma produção dada e também a capacidade de realizar uma produção elevada a uma taxa de cobertura dada.

Ele considera que os parâmetros da competitividade não relacionados ao preço são a propensão a importar, a propensão a exportar e a demanda mundial. A propensão relativa x/m (entre exportação e importação) é um parâmetro de longo prazo e sua evolução favorável somente pode ser o resultado de uma estratégia do governo ou da firma, no longo prazo. A especialização favorável é orientada para a demanda em crescimento e conduz a uma melhora da taxa de cobertura sem nenhum esforço dos produtores locais e sem nenhuma medida de gestão dos fluxos de comércio por parte do governo.

Mathis utilizava o termo **competitividade** no sentido amplo que leva em conta a qualidade da especialização. O aumento da demanda mundial direcionada a um país pode ser o resultado de esforços passados para atingir uma boa especialização. As elasticidades-preço do comércio exterior são os parâmetros de longo prazo, relativamente inertes no curto prazo. Ao contrário dos parâmetros precedentes, elas não são os únicos indicadores de competitividade e intervêm, de fato, como multiplicadores dos termos de troca. Podemos dizer que sua importância principal está relacionada à competitividade-preço. Os termos de troca aparecem inseparáveis das elasticidades-preço. Eles são, ao menos no curto prazo, mais uma variável de política econômica do que um parâmetro de competitividade.

Os preços relativos são o resultado de diferentes comportamentos: da fixação da taxa de câmbio, da formação dos custos unitários de produção e da margem aplicada pelos produtores ao custo unitário para obter o preço (**mark-up**). A capacidade de reduzir ou de frear o aumento dos custos deverá ser quantificada de competitividade-custo, mais do que de competitividade-preço. Dois parâmetros desempenham um papel sem ambigüidade na caracterização da competitividade: a propensão relativa x/m e a demanda mundial. Quanto mais elevados forem esses dois parâmetros melhor é a competitividade. Não é possível dizer, **a priori**, que

¹Este teorema ensina que a escolha entre desvalorização e revalorização depende do valor das elasticidades-preço dos volumes importados e exportados.

uma boa competitividade é ligada a uma determinada configuração de elasticidade. No entanto, é possível propor uma política de câmbio suscetível de conduzir ao pleno emprego.

Mathis supõe que o Estado influencia dois instrumentos de política econômica: a taxa de câmbio (que, por sua vez, afeta os termos de troca) e o gasto público. Ele afirma que a desvalorização tem efeitos benéficos nos casos em que as elasticidades apresentam uma soma superior a 1, e que a valorização pode ser positiva quando as elasticidades totalizam um valor inferior a 1, sendo o único limite o pleno emprego. No entanto, estas conclusões do autor só são válidas em um quadro extremamente restritivo, com preços constantes e satisfação da demanda de bens intermediários sem recorrer às importações.

O poder de compra depende simultaneamente da produção em volume e dos termos de troca. Supondo que o trabalho é o único fator de produção, o custo unitário vai depender da produtividade do trabalho. Neste caso, o que é relevante para os produtores é a relação salário/preço. A competitividade é, assim, o resultado de ganhos de produtividade e da capacidade de regular os salários, de impor aos assalariados um salário real baixo.

A estratégia de competitividade elaborada por Mathis consiste em colocar em ação os meios destinados a modificar um conjunto de parâmetros de competitividade: participação no mercado, propensão a importar, demanda mundial, elasticidade-preço das importações, elasticidade-preço das exportações e, eventualmente, salários, produtividade do trabalho e margem de lucro. A estratégia específica de competitividade consiste em fazer evoluir um dos parâmetros considerado isoladamente, no sentido de favorecer a produção e o poder de compra. Ela combina as evoluções dos parâmetros favoráveis e desfavoráveis, só importando o resultado global.

A mesma discussão sobre uma estratégia de competitividade aparece na literatura latino-americana. Fajnzylberg (1990) afirma que, nos anos 80, a convergência entre as noções de competitividade internacional e de progresso técnico nos países desenvolvidos se consolidou. No que tange à América Latina, esta opinião é compartilhada a um nível teórico, mas na realidade existe uma tendência à separação das duas noções. A origem da competitividade é tratada pelo autor em um artigo de 1988 no qual ele discute os aspectos de desempenho das exportações dos países latino-americanos na década de 80. Para ele, este aumento é menos o resultado de ganhos de produtividade e de eficiência que da competitividade classificada como espúria, decorrente do baixo custo da mão-de-obra e de uma política comercial e de câmbio cujo propósito foi de “promover a deterioração dos termos de troca” a curto prazo, para estimular as exportações. Esta análise não se verifica para o caso brasileiro, uma vez que o período de forte crescimento das exportações iniciou-se em 1967 e concluiu-se em 1980. A década de 80, no Brasil, caracteriza-se sobretudo pelos resultados da poupança de divisas relacionada à

expansão e à modernização dos setores de insumos essenciais, energia e bens de equipamentos, impulsionados pelo II Plano Nacional de Desenvolvimento.

4 - PRINCIPAIS HIPÓTESES DE TRABALHO

O estabelecimento de uma área de integração comercial, como o Mercosul, pode acarretar vários efeitos sobre o comércio dos países envolvidos, como a criação ou o desvio de comércio, conforme foi explicado anteriormente. Contudo, os ganhos e as perdas de bem-estar associados ao processo de integração dependem de diversos fatores, entre eles o grau de abertura da economia e o nível prévio de comércio entre os países do bloco. Quanto menor for o coeficiente de abertura ou, ainda, quanto menor for o nível prévio de comércio, menores serão os efeitos sobre o bem-estar. Logo, os efeitos da implantação do Mercosul sobre cada um dos países serão distintos, dada a assimetria existente entre eles.

Ademais, os efeitos não são homogêneos para todos os grupos de produtos, dependendo, basicamente, da competitividade de cada país nos diversos produtos e da estrutura de proteção anterior. No caso da agricultura, apesar de as opiniões generalizadas sugerirem o contrário, houve um aumento de competitividade do setor agropecuário nacional em relação aos demais países do Mercosul, em diversos produtos. Dessa forma, a principal hipótese adotada neste trabalho é a de que, apesar de a implementação do processo de integração regional ter provocado um crescimento dos fluxos de comércio entre o Brasil e os demais países do bloco, os impactos negativos sobre o setor agrícola foram e deverão continuar sendo reduzidos, salvo para alguns poucos produtos. É fundamental, para esta análise, separar a variação dos fluxos resultante da variação da demanda global por determinado bem, dos efeitos esperados de criação e desvio de comércio.

A compreensão mais aprofundada desse processo passa, necessariamente, por uma análise minuciosa baseada em uma série de indicadores: de competitividade, da relação entre preços domésticos e externos, da evolução da produção, do consumo aparente e das matrizes de comércio bilateral.

5 - METODOLOGIA E FONTE DOS DADOS

As fontes dos dados são os Anuários da FAO, a Secretaria de Comércio Exterior, a Secretaria da Receita Federal/Sistema Lince e o Chellem.

Conforme foi detalhado na parte teórica do trabalho, nosso objetivo é analisar a competitividade relativa a preço e as demais competitividades, independentes do preço, de cada país e do conjunto de países que compõem o Mercosul. Esta análise se dará através do estudo da escala de vantagens comparativas, da criação ou não de comércio como resultado da integração e do estabelecimento de uma estratégia de especialização.

Para a realização desta pesquisa foram levantados dados relativos a preços, produção, consumo, exportações e importações dos diversos produtos analisados. Contudo, sua utilização, assim como dos indicadores adiante especificados, variou de acordo com o produto analisado, sua importância nos mercados dos países do Mercosul, a estrutura do comércio bilateral, entre outros fatores. Dessa forma, a apresentação de tabelas contendo todos esses dados, além de sobrecarregar o texto com grande número de anexos, não seria de muita utilidade para o leitor. Portanto, optamos por apresentar apenas os indicadores mais utilizados separados por períodos, estando os demais dados citados bem como as observações anuais à disposição dos leitores, bastando para isso contato com os autores.

5.1 - Indicadores Utilizados

Como foi dito anteriormente os indicadores de competitividade guardam uma certa correspondência a preço e a outros fatores, tais como os relativos à demanda (diferenciação de produto, qualidade, prazo de entrega, financiamento).

Os indicadores de resultado ou baseados no fluxo de comércio a serem analisados são: **a)** taxa de cobertura (relação entre a exportação e a importação); **b)** os assimétricos que calculam a participação de um grupo de produtos nas exportações totais de um dado país, comparada à participação no Mercosul; e **c)** relação entre variáveis internas e fluxos de comércio internacional.

O primeiro indicador apresentado foi o cálculo da **Posição no Mercado Mundial (Sik)** de cada um dos produtos analisados (ver Seção 1 do Anexo 1). Este indicador descreve se o país vem ganhando, perdendo ou mantendo sua posição no mercado mundial do referido produto:

$$Sik = ((Xik - Mik)/Wk)*100$$

onde:

Sik = Posição no Mercado Mundial de Produtos Agropecuários;

Xik = Exportações do Produto **k** no País **i**;

Mik = Importações do Produto **k** no País **i**; e

Wk = Exportações do Produto **k** em todo o mundo;

Em seguida, constroem-se as **Vantagens Comparativas Reveladas (VCRs) - (fik)** (ver Seção 2 do Anexo 1) que representam a relação entre uma participação neutra e a participação efetiva do produto no comércio total do mesmo, corrigida pelo PIB (ver Subseção 2.2 do Anexo 1).

$$fik = yik - gik * yi$$

onde:

fik = Vantagem Comparativa Corrigida pelo PIB.

Essas vantagens foram corrigidas por um ano de referência, no caso 1992 (ano seguinte à implantação do Mercosul) com o intuito de eliminar os fatores que não são específicos ao país estudado, por exemplo, o crescimento da demanda mundial pelo produto (ver Subseção 2.3 do Anexo 1). Além disso, como as VCRs representam comparações entre diferentes produtos para um dado país, elas foram ordenadas para formar uma escala de vantagens comparativas.

A **adaptação à demanda mundial (Ai)** é semelhante à VCR, mas calculada com base no comércio total de produtos agrícolas. Esse indicador possibilita ver como os produtos estudados se relacionam com a Taxa Tendencial de Crescimento da Demanda Mundial, ou seja, qual é a qualidade do setor estudado independente do tamanho do país (ver Seção 3 do Anexo 1):

$$\begin{aligned} \text{a) } Ai1 &= \Sigma c'ik * dk1 \\ \text{b) } Ai2 &= \Sigma c'ik * dk2 \end{aligned}$$

onde:

Ai1 = Adaptação à Demanda Mundial em Relação a **dk1**; e

Ai2 = Adaptação à Demanda Mundial em Relação a **dk2**.

Contribuição dos Produtos Agrícolas Estudados ao Saldo Total (Hi) — Este indicador constitui o somatório das contribuições individuais ao saldo (ver Seção 4 do Anexo 1):

$$Hi = \Sigma c'ik$$

onde:

Hi = Contribuição dos Produtos Agrícolas Estudados.

Taxa de Cobertura (T) — Este indicador nos fornece a relação entre as exportações e as importações de um país para um determinado produto (ver Seção 5 do Anexo 1):

$$T = Xik/Mik$$

Indicador de Assimetria (S) — Este indicador nos mostra a participação de um grupo de produtos nas exportações totais do país (ver Seção 6 do Anexo 1):

$$S = \Sigma Xik/Xi$$

6 - ANÁLISE GLOBAL DOS INDICADORES DE COMPETITIVIDADE

6.1 - Posição no Mercado Mundial

A Tabela 1 apresenta os indicadores da participação no mercado mundial de Brasil, Argentina, Chile e Estados Unidos (infelizmente, o Chellem não apresenta

resultados desagregados para Uruguai e Paraguai), por principais atividades, destacando-se o setor de produtos alimentares e de produtos agrícolas. O Chile foi incluído em virtude do acordo recentemente celebrado com o Mercosul e os Estados Unidos em virtude de ser o maior mercado para a maioria desses países. Chama a atenção, em primeiro lugar, a queda da participação brasileira em ambos os setores, sendo muito mais expressiva para os produtos alimentares, ao longo dos três períodos analisados. Observe-se, ademais, que tal redução não é compensada por ganhos em outros setores nos quais o Brasil seja, liquidamente, um exportador, à exceção da siderurgia e dos não-ferrosos. Apenas onde somos importadores líquidos é possível observar uma redução da posição brasileira, revelando que, relativamente ao comércio mundial, o processo de substituição de importações foi muito mais importante do que a elevação das exportações.

Na Argentina também se verifica uma diminuição da posição no comércio mundial, mas em proporção significativamente inferior à ocorrida no Brasil. Na verdade, excetuando-se os produtos agrícolas entre o primeiro e o segundo períodos, sua posição praticamente se mantém. Nos demais setores, a parte desse país é bastante reduzida, sendo a única alteração digna de nota a verificada no setor de energia, em virtude do aumento das exportações de petróleo e derivados.

Já no Chile, a situação é substancialmente distinta, observando-se um aumento da sua parcela do mercado mundial tanto de produtos alimentares quanto de produtos agrícolas, principalmente entre o início e o final da década de 80. Chama a atenção, igualmente, que, a despeito da diferença de dimensão entre os PIBs de Chile e Brasil, a participação do primeiro no mercado de produtos agrícolas seja apenas um pouco inferior à do segundo, respectivamente de 0,89 e 1,34% na média de 1992/94.

É curioso observar que a posição norte-americana no mercado de produtos agrícolas também experimenta forte queda ao longo dos anos analisados, caindo de 13,3% em 1980/87 para 7,5% em 1992/94. Paralelamente, a participação no mercado de produtos alimentares passa de -2,1% no primeiro período para +2,2% nos últimos dois anos em análise. Essa situação decorre principalmente da redução das exportações de alguns produtos importantes como trigo e o complexo soja, além do crescimento relativo das exportações européias e de outros países nos últimos anos.

6.2 - Vantagens Comparativas Reveladas

A Tabela 2 apresenta a evolução das VCRs para Argentina, Brasil e Chile (cálculos do Chellem). Nota-se, em primeiro lugar, uma queda da vantagem comparativa dos produtos agroindustriais, para o Brasil, ao mesmo tempo em que ocorre um aumento em vários outros setores, especialmente mecânica, elétrica e não-ferrosos. Se for tomado como referência o ano de 1980 essa variação é ainda mais expressiva. Esse processo reflete o desenvolvimento de alguns setores industriais com maior valor agregado, ainda como resultado das mudanças

estruturais da indústria nacional verificadas a partir do II PND. A comparação entre os produtos agroindustriais e os siderúrgicos é emblemática das transformações verificadas na economia brasileira nestes últimos 15 anos. Enquanto, em 1980, o coeficiente dos agroindustriais era de cerca de 23 contra cinco para a siderurgia, em 1994 eram, respectivamente, 11 e nove. É importante ressaltar, no entanto, que tal alteração não significa, necessariamente, perda de competitividade da agricultura, uma vez que esse indicador reflete mudanças nas posições relativas entre os setores. O fato de as exportações totais terem aumentado no período considerado significa que ou os produtos mais elaborados ganharam competitividade mais rapidamente que os demais ou, alternativamente, sua demanda cresceu com maior velocidade.

Em segundo lugar, percebe-se a diferença entre Brasil e Argentina. Nos últimos anos, enquanto o coeficiente brasileiro de VCR gira em torno de 10, o da Argentina assume valores três vezes maiores. Além disso, as vantagens comparativas argentinas, à exceção dos agroindustriais e têxteis, são negativas em quase todos os anos, indicando claramente a natureza distinta daquele país, no que se refere ao grau de industrialização. A evolução dos números sugere, igualmente, não estar havendo nenhuma modificação significativa da sua estrutura industrial, mantendo-se o seu padrão de inserção no comércio internacional. Essa tendência revela que o grau de complementaridade entre os dois principais sócios do Mercosul deve elevar-se nos próximos anos.

As Tabelas 3 e 4 mostram a evolução das vantagens comparativas reveladas para os quatro países do Mercosul, Chile e Estados Unidos. Tomando por referência o ano de 1980, é possível verificar que a redução dos índices de VCR do Brasil é o resultado líquido de um processo de especialização da agricultura. Observamos, por um lado, uma perda de vantagem comparativa no caso do algodão, do trigo e do arroz, estes últimos para o período 1992/94 e, por outro lado, o café e a soja (nos últimos três anos), bem como as aves e os açúcares tornaram-se mais competitivos.

Ao se examinar os dados para o Brasil corrigidos das influências do crescimento do produto, as principais modificações estão no trigo, indicando um aumento ainda maior da desvantagem comparativa, uma elevação maior da VCR do açúcar e uma situação relativamente estável para o café. Esses resultados sugerem que a perda de VCR no trigo deveu-se mais à perda de competitividade brasileira do que à redução do mercado do produto. Por outro lado, as nossas exportações de açúcar cresceram mais do que a média mundial, enquanto a queda das exportações de café acompanhou, ao menos parcialmente, a queda das exportações mundiais.

Observando a VCR da Argentina, verificamos que este país é, ainda, uma economia bem menos industrializada que a brasileira e, ao mesmo tempo, muito mais especializada. Assim, as desvantagens comparativas da Argentina são muito menores do que as do Brasil, ao mesmo tempo em que os quatro produtos argentinos com maiores coeficientes de VCR — carne bovina, milho, trigo e complexo da soja —, apresentam valores maiores do que os brasileiros. Mesmo

assim, os índices de VCR desses quatro produtos experimentam queda substancial a partir do início dos anos 90. O índice para o trigo, que chegou a atingir um pico de 22 em 1983, fica abaixo de três em 1993/94. O coeficiente da soja chegou a aumentar bastante entre 1980 e 1989, para sofrer queda significativa a partir de 1990. No caso do trigo e milho, esse resultado é devido, em parte, à queda das exportações desses produtos, verificada a partir de 1986. É curioso notar, entretanto, que as exportações de carne bovina e soja continuam a crescer ao longo da década de 90. Adicionalmente, um fator que contribui para essa explicação é o forte aumento das vantagens comparativas do petróleo bruto a partir de 1992, em grande parte devido ao aumento das exportações para o Brasil e à significativa redução das desvantagens comparativas dos produtos químicos no período 1992/94 (ver Tabela 2), o que pode ser caracterizado como uma modificação estrutural da economia argentina. Contudo, o exame dos dados corrigidos das variações específicas desses quatro produtos agrícolas revela que os seus coeficientes praticamente não se alteraram a partir de 1990, sendo que o da soja experimentou elevação. Isso revela que a demanda mundial por eles está em queda, o que significa que, do ponto de vista dos produtos agrícolas, a estratégia de inserção da Argentina no mercado mundial deveria ser revista, uma vez que a especialização em mercados cadentes representa uma provável estagnação das exportações, a médio ou longo prazos.

O Paraguai, sendo um país pequeno, é naturalmente mais especializado, concentrando muito mais as vantagens comparativas no grupo soja, algodão e carne bovina. Ao contrário da Argentina, o principal produto do grupo soja é a soja em grãos. Após uma forte elevação ao longo dos anos 80, a VCR caiu fortemente durante a década de 90, fenômeno semelhante ao verificado com o algodão. No caso deste último, a principal razão está na redução da produção, conforme analisado mais adiante.

As vantagens comparativas do Uruguai concentram-se em leite, suco de laranja, arroz e carne bovina, sendo crescentes nos três primeiros. Esses resultados não se alteram significativamente quando corrigidos pelo crescimento do mercado.

Em suma, enquanto Brasil e Uruguai parecem seguir uma trajetória de aumento da sua especialização, Argentina e Paraguai, por concentrarem-se na produção de mercadorias com demanda decrescente em termos mundiais, reduzem as vantagens comparativas dos seus principais produtos agrícolas de exportação.

6.3 - Taxa de Cobertura

A análise dos resultados proporcionados por este indicador na Tabela 5 nos permite afirmar que o Mercosul é competitivo em torta de soja, suco de laranja, laranja, soja, óleo de soja, açúcar, fumo, aves e carne bovina, uma vez que as exportações destes produtos compensam, de maneira geral, as suas importações. No entanto, desde 1990, a taxa de cobertura para o Mercosul, mesmo para esses produtos, vem decrescendo significativamente. Isto revela que está ocorrendo uma

perda de competitividade dos produtos agroindustriais. Para o Brasil e o Uruguai, essa queda da taxa de cobertura se verifica a partir de 1992, enquanto, para a Argentina, ao contrário, esse indicador mantém-se crescente até 1993.

6.4 - Indicador de Assimetria

O indicador de assimetria mostra a importância das exportações do conjunto de produtos estudados nas exportações totais dos países. A estrutura das exportações brasileiras é semelhante à do Mercosul e, como pode ser visto na Tabela 6, esses produtos vêm perdendo peso no total exportado desde 1984. No caso do Paraguai, o indicador de assimetria é levemente crescente até 1993, caindo bruscamente em 1994. Já para Argentina, Uruguai e Chile, ele tem uma tendência mais estável, enquanto para os Estados Unidos, ele é decrescente durante todo o período. Cabe ressaltar, neste ponto, que o conjunto de produtos definido para este trabalho assume uma importância muito maior nas exportações dos países do Mercosul, o que explica os baixos índices observados para o Chile e os Estados Unidos.

Da mesma forma que concluímos para a taxa de cobertura, o indicador de assimetria nos mostra a perda de competitividade desses produtos agroindustriais, uma vez que, de maneira geral, eles vêm perdendo participação nas exportações totais desses países para outros produtos.

7 - ANÁLISE FATORIAL

Para obter um panorama geral dos produtos objetos deste estudo, lançamos mão da análise fatorial. O propósito era agrupar as vantagens comparativas reveladas dos produtos que apresentavam um comportamento de evolução inter-relacionado, possuindo, portanto, trajetórias associadas.

A idéia geral envolvendo esse modelo estatístico é identificar, em um grupo de múltiplas variáveis, um número reduzido de fatores que condensem informações das variáveis com comportamentos inter-relacionados. Este procedimento facilita a análise dos determinantes endógenos e exógenos que estariam influenciando o comportamento de cada um dos fatores comuns identificados pela técnica, além de reduzir a dimensão quando existe um grande número de variáveis. A vantagem em relação à análise de Cluster é que a análise fatorial permite identificar os componentes e as características de cada um dos grupos, ou seja, verificar sua evolução.

Os Gráficos 1 a 5 apresentam as séries de VCR para Brasil e Argentina em cada grupo de produtos e os seus respectivos fatores. Foi feita uma transformação na escala das variáveis para que fossem apresentadas, em um mesmo gráfico, as suas tendências ao longo dos anos. A transformação escolhida é a de normalização, onde as variáveis passam a ter média 0 e variância 1.

O pressuposto inicial foi o de tentar conhecer o comportamento das séries para reduzir o número de tabelas apresentadas. A idéia era mostrar os dados por períodos e não ano a ano. Buscou-se determinar períodos que, além de serem comuns para todas os produtos, mostrassem as mudanças no comportamento da série. Apesar das variáveis se agruparem em seis fatores no caso do Brasil e em sete fatores no caso da Argentina, essa metodologia permitiu o estabelecimento de períodos relevantes para os cortes de alteração de tendências (1980/86, 1987/91 e 1992/94).

Dentre os fatores obtidos, passaremos a analisar, em seguida, a tendência dos três principais fatores, ou seja, aqueles que agrupam o maior número de produtos com comportamentos semelhantes.

7.1 - Produtos com Comportamento Homogêneo

- Brasil

- Grupo 1

O fator 1 agrupa as VCRs do Brasil para os seguintes produtos: açúcar bruto, açúcar refinado, aves, cacau, café, laranja, maçãs, óleo de soja, torta de soja e trigo. Ele nos mostra uma tendência decrescente até 1986 e estagnada a partir desse ano. Excetuam-se maçã e trigo, que se relacionam negativamente com o fator, apresentando uma tendência crescente até 1986. A explicação deste comportamento especial está na área plantada, na conseqüente expansão da produção e no fato de que esses dois produtos são de importação, enquanto os demais são de exportação.

No caso das aves, sua tendência crescente se afasta do fator após 1989, em conseqüência do aumento da quantidade exportada. Os demais produtos que apresentam vantagens comparativas estagnadas constituem os principais produtos da pauta de exportação de origem agropecuária.

- Grupo 2

O fator 2 reúne as VCRs do Brasil para carne bovina, laticínios, leite, milho e arroz. Todos eles se correlacionam positivamente com o fator, que apresenta tendência crescente até 1985 e uma queda brusca em 1986, a qual pode ser explicada pelo congelamento dos preços no Plano Cruzado. Nos anos subseqüentes há uma recuperação desses produtos mas, em 1989, observamos uma nova quebra em leite, laticínios e carne bovina, decorrente de um grande aumento das importações sem um aumento correspondente da produção interna.

— Grupo 3

O fator 3 agrupa as VCRs do Brasil para algodão, cebola e carne de porco. Ele nos mostra uma tendência claramente decrescente a partir de 1987 para algodão e a partir de 1990 para cebola, produtos que se relacionam positivamente com o fator. Já a carne de porco, que possui correlação negativa com o fator, apresenta tendência crescente a partir de 1986, e uma quebra em 1989, a qual pode ser explicada pela variação brusca na quantidade importada nesse ano.

No caso do algodão, a tendência decrescente pode ser explicada pela redução da produção a partir de 1987, conseqüência, principalmente, da falta de incentivo às exportações deste produto e das facilidades de importação do mesmo, como será melhor detalhado na análise do produto. Com isso, o Brasil passou de grande exportador para importador de algodão.

Já a tendência decrescente da cebola a partir de 1990 decorre não de variações na produção, mas do aumento da quantidade importada pelo Brasil a partir desse ano.

- Argentina

— Grupo 1

O fator 1 agrupa as VCRs da Argentina para açúcar bruto, açúcar refinado, laranja, milho, óleo de soja e torta de soja — produtos típicos de exportação argentina. A tendência desse fator é semelhante à do fator 1 para as VCRs do Brasil, ou seja, é decrescente até 1986 e praticamente estacionada desse ano até 1992. No entanto, para o período 1992/94, enquanto a tendência do Brasil é ligeiramente crescente, a tendência da Argentina é claramente decrescente.

Assim, os produtos positiva e altamente correlacionados com o fator 1 (açúcar bruto e açúcar refinado) apresentam comportamento semelhante, com queda da produção e conseqüentes redução da quantidade exportada e aumento da quantidade importada a partir de 1992. O milho, por sua vez, apesar de apresentar correlação positiva com o fator, deixa de acompanhar a sua tendência a partir de 1987 e passa a apresentar movimentos praticamente opostos aos do fator. Isto pode ser explicado pela fraca correlação entre o produto e o fator 1. Já os produtos que possuem correlação negativa com o fator 1 (laranja, óleo de soja e torta de soja) possuem um comportamento oposto ao seu, ou seja, tendência crescente na maior parte do período analisado. A explicação para esses comportamentos opostos pode estar no fato de que a especialização da produção em um dos grupos de produtos (no caso laranja, óleo de soja e torta de soja) só foi possível graças ao deslocamento dos fatores de produção do outro grupo (açúcares), uma vez que parece não ter ocorrido aumento da produtividade ou da disponibilidade dos fatores, ou então este aumento não foi suficiente.

— Grupo 2

O fator 2 reúne as VCRs para suco de laranja e uva (correlação positiva) e arroz (correlação negativa). Ele nos mostra uma tendência decrescente a partir de 1987 que se repete nas curvas de VCR do suco de laranja e da uva, sendo que esta última começa a dar sinais de recuperação em 1994. O suco de laranja, ao contrário, apresenta uma grande queda nesse ano, resultado de uma redução da exportação argentina de suco a um nível mais baixo do que o apresentado em qualquer outro ano do período estudado (1980/94).

8 - COMÉRCIO INTRA-MERCOSUL

A análise dos fluxos de exportação e importação dos países do Mercosul nos mostra claramente a elevação do comércio entre os países do bloco, a partir de 1989. A participação do comércio intra-Mercosul no comércio mundial total, por exemplo, elevou-se de 0,11 para 0,30% entre 1988 e 1994, o que corresponde a uma variação de 173%. O comércio intra-Mercosul do conjunto de produtos aqui estudados, por sua vez, aumentou sua participação no comércio mundial a uma taxa de 243% no mesmo período, passando de 0,28 para 0,96%, como pode ser visto na Tabela 21.

Dentre os produtos analisados, merecem destaque, pela incrementação das transações intra-Mercosul, os açúcares (especialmente o refinado), a carne bovina, os laticínios, o óleo de soja e, principalmente nos últimos anos, a soja e o suco de laranja (ver Gráfico 6).

Uma análise semelhante foi feita para os fluxos de exportação e importação entre os países do Mercosul e o Chile (ver Tabela 22 e Gráfico 7), e obtivemos variações significativamente menores na maioria dos produtos estudados. Isto se deve, provavelmente, ao fato de o Chile ser um importador mais persistente dos produtos citados anteriormente, o que acaba por nos fornecer matriz de fluxos mais equilibrada do que a matriz do comércio intra-Mercosul, que é muito dependente da produção interna de cada um dos países envolvidos.

9 - ANÁLISE DOS PRODUTOS

- arroz

O Brasil é, tradicionalmente, um importador líquido de arroz. Contudo, a participação das importações na oferta global do produto é bastante reduzida, variando, nos últimos anos, entre 5 e 10% da produção. É curioso observar que o preço médio do arroz produzido no país é sensivelmente inferior ao preço CIF da mercadoria importada, em grande parte devido ao fato de a importação ocorrer na entressafra. Evidentemente, uma análise mais precisa requereria observar os preços finais nos principais mercados consumidores, tanto do produto nacional

quanto do produto importado o que, dados os custos de transporte, poderia alterar essa relação. Não se pode esquecer, todavia, que um dos principais centros produtores de arroz é o Rio Grande do Sul, cuja distância dos mercados é, pelo menos, inferior ao dos principais fornecedores, Argentina e Uruguai.² De toda forma, esses dados sugerem que o Brasil é competitivo nesse produto e poderia aumentar a produção não apenas para substituir a importação mas, principalmente, para tornar-se exportador.

Outra observação interessante refere-se ao fato de tanto Argentina quanto Uruguai terem aumentado suas participações no mercado doméstico brasileiro, apesar de o preço CIF do produto originário desses dois países ser substancialmente superior ao dos outros fornecedores e de a tarifa já ser nula há alguns anos, mesmo antes da implantação do mercado comum. De fato, em 1991, por exemplo, enquanto o preço do arroz importado dos nossos sócios do Mercosul era, aproximadamente, US\$ 0,45 por kg, o dos Estados Unidos, maior fornecedor naquele ano, era apenas US\$ 0,27 por kg, e o dos outros, US\$ 0,35. Em 1995, apesar da queda dos preços da Argentina para US\$ 0,36 e do Uruguai e dos Estados Unidos para US\$ 0,26, praticamente igual ao dos demais, a participação dos dois países latino-americanos nas importações brasileiras elevou-se de 31,5 para 72,9% contra uma retração de 68,4 para 26,7% dos Estados Unidos e outros. Mesmo levando em consideração diferenças de qualidade do produto, parece estar havendo influência de outros fatores no comércio desse produto, muito provavelmente a existência de financiamentos externos já que, de fato, um pouco menos da metade das importações de arroz, nos últimos anos, tem sido financiada. Esses fatores refletem-se, em última instância, no fato de a VCR do Brasil ter crescido em valores negativos a partir de 1987 (ver Tabelas 3 e 4).

Essa possibilidade é coerente com o aumento da participação do arroz uruguaio e argentino no mercado internacional (ver Tabela 9). Enquanto a posição da Argentina no mercado mundial passou de cerca de 0,5% no período 1987/91 para cerca de 1,2% entre 1992 e 1994, a do Uruguai passa de cerca de 2,1 para cerca de 2,5% no mesmo período. Deve-se notar que o indicador de vantagens comparativas reveladas (ver Tabela 3) desses dois países para arroz elevou-se de cerca de 0,1 na média do período 1987/91 para 0,3 na média de 1992/94, no caso da Argentina, e de cerca de 10 para 13 no Uruguai no mesmo período. Esses dois indicadores conjugados revelam que as exportações argentinas e uruguaias de arroz elevaram-se mais do que a média das exportações mundiais mas também mais do que a média das exportações totais dos dois países, o que representa, nitidamente, uma trajetória de especialização. Logo, esse deslocamento das importações de terceiros mercados, no caso do Brasil, não parece ser decorrente da implantação do Mercosul e, sim, do aumento da competitividade de Argentina e Uruguai, não caracterizando, portanto, desvio de comércio. Esses resultados são confirmados pelos indicadores de contribuição corrigida ao saldo global (ver Tabela 14), indicando aumento da participação para esses dois países, em especial o Uruguai.

² Pelo menos 80% do arroz importado pelo Brasil entram no país através da região Sul.

- algodão

Observamos, em primeiro lugar, o grande acréscimo das importações brasileiras de algodão a partir de 1992, em detrimento da produção doméstica. Enquanto, ao longo da década de 80, o Brasil era praticamente auto-suficiente nesse bem, em 1993 as importações chegaram a atingir 60% do consumo total, caindo, em 1994 e 1995, para 43 e 26%, respectivamente. Esse aumento é o resultado de uma conjugação de diversos fatores.³ o primeiro deles foi a redução da tarifa (que caiu de 55 para 10% entre 1986 e 1989 e foi virtualmente eliminada a partir do início dos anos 90) e das barreiras não-tarifárias; o segundo, a perda de produtividade e, conseqüentemente, a queda da produção das maiores regiões produtoras, em razão, principalmente, da infestação do bicudo. Além desses fatores, foram fundamentais o grande crescimento da participação das importações financiadas e a evolução da conjuntura internacional do produto.

Entre 1990 e 1993, a abertura comercial, junto com a queda da produtividade, foram os fatores preponderantes para o aumento das importações brasileiras. Em 1993, ano em que as importações experimentaram elevação de 60% em relação ao ano anterior, pesou fortemente o cenário internacional, no qual ocorreu queda das cotações internacionais, provocada, principalmente, pela redução do consumo e pelo aumento das exportações originárias dos antigos países da URSS e da China. Essa queda, ocorrida principalmente ao longo do segundo semestre de 1992, influenciou, de forma negativa, o plantio da safra 1992/93, que foi a mais baixa dos últimos anos. A partir de 1994, observa-se uma recuperação dos preços no mercado internacional. Contudo, o aumento das linhas de financiamento às importações aliado ao grande diferencial entre as taxas de juros externas e internas elimina a aparente competitividade do produto nacional, elevando a parcela financiada para mais de 80% do total das importações do produto.

Provavelmente em razão de as tarifas externas serem nulas, a expansão das importações não resultou em aumento das compras intra-regionais. Ao contrário, a participação dos países do Mercosul cai de $\frac{3}{4}$ do total em 1991 para menos da metade em 1995. Essa queda da participação reflete a perda de competitividade de Argentina e Paraguai no mercado mundial do produto a partir de 1991 (apesar da recuperação argentina em 1994). Esta perda de competitividade pode ser expressa tanto na redução das suas exportações como também na diminuição do índice de vantagens comparativas reveladas dos dois países (ver Tabela 3) e na queda da participação no comércio mundial do produto (ver Tabela 9), resultado da substancial redução da produção em ambos os países, verificada a partir do início da década de 90. Enquanto a produção argentina cai cerca de 53% entre 1991 e 1993 (para se recuperar em 1994), a produção paraguaia experimenta uma redução de 37% entre 1990 e 1994, provavelmente sofrendo o mesmo tipo de concorrência enfrentada pelo Brasil.

³ Ver Rezende, Nonnenberg e Marques (1996) para uma análise mais detalhada.

É interessante observar que a abertura comercial, para o algodão, trouxe não apenas uma convergência entre os preços domésticos e os internacionais, mas também uma queda de quase 50% dos primeiros entre o início da década de 80 e os anos mais recentes, bem como uma inversão do padrão sazonal de preços. Estudos preliminares revelam que, no Brasil, ao contrário do que seria lógico esperar, os preços domésticos, nos anos recentes, elevam-se por ocasião da safra para caírem na época da entressafra. Esse movimento na trajetória dos preços coincide com o comportamento no mercado internacional, onde os períodos de plantio/colheita ocorrem em épocas opostas às do Brasil.

- laticínios

No que se refere às importações globais do Brasil, as importações de laticínios representam uma parcela significativa do total, alcançando, no ano de 1995, 1,5%. Chama a atenção o fato de 1994 corresponder ao início de um período de elevação das importações brasileiras de laticínios e também de substancial aumento da participação dos laticínios de origem argentina e uruguaia. Enquanto, em 1992, as importações brasileiras originárias da Argentina e do Uruguai representavam, respectivamente, 4 e 12%, em 1994 estas participações alcançaram 33 e 22%. Além disso, as compras brasileiras passaram de US\$ 77 milhões para US\$ 270 milhões no mesmo período. Isto revela que o efeito de criação de comércio vem suplantando o desvio de comércio.

Desde 1985, vem aumentando substancialmente as exportações de laticínios do Uruguai, passando de cerca de US\$ 22 milhões neste ano, para mais de US\$ 103 milhões em 1995. Isto representa uma elevação na sua participação no mercado mundial de laticínios de 0,2% em 1985 para 0,4% em 1995. Também a contribuição dos laticínios ao saldo desse país sofre significativo aumento no período, passando de 0,8 para 2,3% (ver Tabela 13).

Já a Argentina, que chegou a ser importadora líquida de laticínios em 1991 e 1992, recupera-se no mercado mundial a partir de 1993 e alcança quase 1% de participação em 1995.

- café

Dentre os países do Mercosul, o Brasil é o único produtor e exportador significativo de café. No entanto, as exportações brasileiras desse produto para os demais países do bloco representam parcela muito reduzida do total exportado. Assim, a implantação do mercado comum não afetou as vendas externas brasileiras. Chama a atenção, de toda forma, a expressiva queda das exportações brasileiras desse produto a partir de 1985. Em grande parte, esse comportamento pode ser explicado pela queda dos preços do produto nesse período, resultado da elevação da produção mundial. De fato, os preços do café passam a apresentar tendência de queda entre 1986 e 1992, passando de US\$ 4,2 mil/t para US\$ 0,9 mil/t entre esses dois anos. A partir daí, entretanto, eles voltam a elevar-se,

atingindo US\$ 2,5 mil/t em 1994. Além disso, as exportações desse produto, em quantidade, estão em queda desde 1991.

- soja

Em primeiro lugar, deve-se considerar que a análise faz mais sentido quando observamos todo o chamado complexo soja, ou seja, grãos, óleo, e farelo e torta (que aparecem juntos nas estatísticas comerciais), uma vez que a composição das exportações desses produtos varia, parcialmente, em função das cotações internacionais de cada um.

Brasil, Paraguai e Argentina, como já visto anteriormente, são exportadores do complexo soja (e Uruguai, basicamente, de soja em grão), o que significa que suas vendas externas não devem ter sido influenciadas pela implantação do Mercosul. Dos três, apenas Brasil e Argentina possuem participação significativa no mercado mundial do produto (ver Tabela 9). No entanto, enquanto a participação brasileira vem permanecendo praticamente constante nos últimos 15 anos, a da Argentina vem aumentando substancialmente, em virtude, basicamente, da elevação dos produtos industrializados, isto é, torta, farelo e óleo. Neste último, suas exportações já ultrapassam as brasileiras. Mesmo assim, os indicadores de vantagem comparativa corrigida pelo crescimento do mercado se reduzem para os dois países, o que significa que a demanda mundial cresceu ainda mais que as exportações desses dois países (ver Tabelas 3 e 4). O indicador de contribuição corrigida ao saldo, para o complexo soja, no caso do Brasil, muda de patamar entre as décadas de 80 e 90, passando de cerca de 1,5 para cerca de 4. No caso da Argentina, esses números saem de aproximadamente 1 no início dos anos 80 para cerca de 4 a partir de 1991 (ver Tabela 14).

- trigo

Após um período de forte redução das importações verificado entre a primeira e a segunda metades da década de 80, quando passaram de cerca de 4,5 milhões de toneladas anuais para menos de um milhão, respectivamente, as importações brasileiras de trigo voltam a crescer fortemente a partir de 1989. Esse comportamento é a contrapartida do que aconteceu com a produção. Após haver crescido mais de 100% entre 1980 e 1987, a produção doméstica reduz-se de 6,0 milhões de toneladas em 1987 para 1,5 milhão em 1995. Fundamentalmente, esse processo de substituição negativa das importações foi provocado pela redução dos subsídios, em especial após 1990 e continua a se verificar apesar de, desde 1994, o preço doméstico vir sendo competitivo com o do similar importado.

A princípio, esse é um dado positivo e refletiria uma tendência natural de especialização, trazendo, assim, ganhos de bem-estar para o Brasil. A reforçar esse argumento, está o fato de a Argentina ser muito mais competitiva que o Brasil (ver Tabela 3), cujo custo de produção é cerca de três vezes superior ao daquele país. Ou seja, a redução da produção doméstica de trigo, como reflexo seja da política

comercial, seja da política agrícola, ao eliminar distorções de preço, estaria trazendo ganhos ao consumidor certamente superiores às perdas dos tricultores, resultando num ganho líquido de bem-estar doméstico.

Segundo, apesar de a Argentina ter um custo de produção inferior ao brasileiro, é preciso levar em consideração que o aumento da demanda mundial verificado entre 1990 e 1992 e em 1995 não vem sendo acompanhado de igual acréscimo da oferta, acarretando uma elevação de cerca de 30% nas cotações internacionais entre 1990 e 1995, fazendo com que o preço atual já supere o custo médio brasileiro de produção, que está em aproximadamente US\$ 160/t. Dessa forma, estaríamos nos tornando competitivos, ainda mais que a tendência é que os preços internacionais continuem elevados num horizonte visível, dado o aumento da demanda de países como China e Rússia. Entretanto, dada a ausência de política agrícola, especialmente no que diz respeito a financiamentos, dificilmente a produção retornaria ao nível anterior, pelo menos até que essa tendência dos preços seja percebida pelos produtores como duradoura.

Finalmente, deve-se levar em consideração que a cultura de trigo é, normalmente, associada com a da soja, trazendo redução de custos para ambas as culturas, em virtude de fertilização recíproca. Assim, a redução da área plantada com trigo pode trazer aumento do custo de produção da soja que, eventualmente, pode reduzir a competitividade brasileira.

Em termos de vantagens comparativas, a posição do trigo na escala brasileira permanece constante (ver Tabela 7), com aumento da desvantagem a partir de 1989. O cálculo das vantagens comparativas que elimina as influências do crescimento do mercado apresenta valores negativamente superiores aos da vantagem comparativa brasileira sem essa correção, a partir de 1991 (ver Tabelas 3 e 4). Isto decorre do fato de estar havendo aumento das importações brasileiras de trigo apesar da redução do mercado global a partir desse ano. Ao mesmo tempo, aumenta a contribuição negativa do produto ao saldo do comércio de produtos agrícolas para o Brasil (ver Tabela 13).

O aumento das importações brasileiras não provocou aumento significativo do coeficiente de penetração da Argentina, que é o grande exportador do Mercosul, no mercado brasileiro, permanecendo pouco superior a 50%. É interessante observar que essa estrutura se mantém apesar do aumento da preferência tarifária concedida aos países do bloco, em 1992. Nesse ano, as importações procedentes da Argentina pagaram alíquotas de 6%, contra 10% para os demais países; em 1995 essa diferença aumenta para 0 e 9%, respectivamente.

No caso da Argentina, o trigo, que era o segundo colocado na escala de vantagens comparativas em 1980, perde posição a partir do período 1987/91 e permanece em quarto lugar no período 1992/94 (ver Tabela 7). Apesar do leve crescimento da demanda mundial em alguns anos a partir de 1989, as exportações argentinas cresceram abaixo da média mundial até 1992, para caírem ainda mais a partir daí.

Mesmo assim, a contribuição do trigo argentino ao saldo de produtos agrícolas aumenta no período 1992/94 (ver Tabela 13).

- carnes de aves

Inicialmente, deve-se levar em consideração que o Brasil é significativamente mais competitivo do que os demais países do Mercosul na produção de carne de aves (basicamente frango) e tem, de acordo com dados da Cepal, o custo de produção 22% mais baixo do que o argentino e 10% inferior ao uruguaio.

Dadas estas condições, o Brasil é um exportador líquido de carne de aves e detém parcela significativa do mercado mundial. Em contrapartida, a Argentina é um importador líquido desse produto. Em 1992, suas importações, principalmente do Brasil, cresceram substancialmente em função de um aumento significativo da demanda interna, provavelmente como efeito do plano de estabilização ocorrido em abril de 1991 (Plano Cavallo). Em um primeiro momento, esse plano alterou a massa salarial, beneficiando, provavelmente, as camadas de menor poder aquisitivo. Porém, esse impacto não se sustentou e a taxa de crescimento da demanda interna volta ao patamar anterior, para decrescer em 1995.

Porém, é interessante observar que esse aumento de comércio verificado principalmente a partir de 1992 não deve se manter, pois o crescimento de 45% do preço de importação (de 1988 a 1995), associado ao pequeno, mas persistente, crescimento da demanda estimulou a modernização dos frigoríficos argentinos, dando a estes condições de aumentar sua oferta.

De fato, a partir de 1996, as importações de frango argentinas provenientes do Brasil representavam 4% da produção doméstica daquele país, o que significou uma queda de 45,19% com relação ao ano de 1994. Essa queda das importações pode ser atribuída, ainda, ao esforço do Centro de Empresas Processadoras Agrícolas (Cepa), que, ao tentar conter o excesso de oferta verificado na Argentina em 1994, estabeleceu um acordo com a Associação Brasileira de Exportadores de Frango (Abef) para regulamentar as exportações brasileiras.

Quanto aos demais países do Mercosul, apresentam-se, normalmente, como exportadores, porém com participações pouco expressivas no mercado mundial deste produto.

É interessante observar que a participação brasileira no mercado desse produto cai a partir de 1986, para nunca mais se recuperar (ver Tabela 9). Isso ocorre apesar de um forte crescimento das nossas exportações, que passam de cerca de US\$ 235 milhões, entre 1985 e 1987, para US\$ 637 milhões, entre 1993 e 1995, influenciado, principalmente, pela elevação da quantidade exportada. Apesar do crescimento das exportações brasileiras, esse mercado mostra um dinamismo superior à capacidade do país em aumentar a sua oferta. De fato, nos últimos anos, a demanda por proteínas animais vem experimentando alterações estruturais, com

a substituição parcial de carne vermelha (bovina e suína) por carne de aves e peixes.

- carne bovina

O Brasil é, ao mesmo tempo, importador e exportador de carne bovina, situação única entre os países do bloco. De fato, as exportações brasileiras elevam-se de US\$ 179 milhões em 1991 para US\$ 272 milhões em 1993, caindo para US\$ 181 milhões em 1995. Ao mesmo tempo, as importações, à exceção de 1993, sobem no mesmo período, atingindo US\$ 170 milhões em 1995. Contudo, é necessário ressaltar que a composição das importações e das exportações é significativamente diferente. Enquanto as primeiras são constituídas, basicamente, de carcaças, as segundas compreendem produtos desossados, cujo preço é, nos últimos anos, aproximadamente o dobro das primeiras. A rigor, portanto, trata-se de produtos distintos, que devem ser analisados separadamente.

Pelo lado das importações, pode-se notar um forte aumento da participação dos três sócios do Mercosul no mercado brasileiro, a partir de 1993, passando a controlar virtualmente todas as compras externas do ano seguinte em diante, em detrimento das importações procedentes da União Européia. Como os preços das mercadorias importadas da Argentina, em especial, são substancialmente mais elevados que os oriundos da Europa, não se pode atribuir essa modificação da composição geográfica das importações simplesmente à implantação do mercado comum, até porque as tarifas para carne bovina já eram zero há vários anos. Na verdade, o forte crescimento das importações brasileiras de origem argentina reflete a redução da demanda nesse país, em razão da queda do consumo da classe média (com o aumento do desemprego), da substituição da carne bovina pela carne de aves, e da desvalorização do peso argentino ante o real (após 1994), induzindo a um aumento das suas exportações a preços cada vez mais baixos. Adicionalmente, as preferências do consumidor brasileiro, dado o aumento da renda pós-real, deslocaram-se para carnes de melhor qualidade, resfriadas e não congeladas, justamente onde se situa o aumento das exportações argentinas e a redução das compras vindas da União Européia.

Pelo lado das exportações brasileiras, as vendas destinam-se, integralmente, a mercados extra-regionais, onde o preço encontra-se em forte elevação desde o início da presente década, parcialmente compensando a queda contínua desde 1994 nas quantidades exportadas, como resultado do aumento da demanda doméstica, no Brasil.

A Argentina, por sua vez, tem-se beneficiado de um expressivo aumento de suas exportações de carne bovina dirigidas ao mercado brasileiro e, especialmente, ao chileno, entre 1989 e 1994. Já as exportações para a Europa praticamente não se alteraram no mesmo período. No que se refere à carne bovina fresca, resfriada e congelada, por exemplo, as exportações argentinas para a Europa aumentaram 15% entre 1988 e 1994, enquanto para o Brasil esse aumento foi de 2.039% e, para o Chile, alcançou 4.340% no mesmo período.

- milho

A Argentina é, praticamente, o único país exportador de milho do bloco, com uma participação em torno de 6% do mercado mundial (ver Tabela 9), apesar de observarem-se oscilações muito expressivas a partir de 1987. O milho tem mostrado um decréscimo na vantagem comparativa argentina desde 1989 (ver Tabela 3) sem, no entanto, alterar muito a sua posição entre os produtos agropecuários, logo após o complexo soja, tortas, torta de soja, trigo, óleo de soja e soja em grãos (apenas no período 1987/91 ele fica também abaixo da carne bovina). A demanda mundial do produto tem mostrado uma tendência de crescimento desde 1987 até 1992.

As importações brasileiras de milho representam, nos últimos anos, menos de 5% da oferta global do produto, não obstante haverem experimentado um crescimento médio de 36% a.a. entre 1993 e 1995, compatível com o crescimento do consumo aparente de 37% entre 1988 e 1994. Desde 1992 as vantagens comparativas do milho têm piorado (ver Tabela 3), em parte por condições internas, já que o indicador que elimina as influências das mudanças não específicas ao país é negativamente superior ao mesmo indicador sem essa correção (ver Tabela 4). No entanto, se a comparação for feita com o início do período estudado, verifica-se que houve ganhos em termos de vantagens comparativas.

A Argentina mantém-se como principal fornecedor de milho para o Brasil, apesar de verificar-se uma queda após 1988, ano em que o milho argentino chegou a representar quase 100% do total de milho importado pelo Brasil, até alcançar cerca de 70% entre 1994 e 1995. A participação dos outros fornecedores, como Estados Unidos e União Européia, no mercado brasileiro vem se reduzindo (à exceção dos Estados Unidos em 1994), enquanto o Paraguai, que, até 1993, virtualmente não exportava para o Brasil, torna-se responsável por 15% das importações de milho em 1995. Assim, não se pode falar em criação de comércio.

- suco de laranja

A perda de participação do Brasil no mercado mundial de suco de laranja vem ocorrendo desde 1993 (ver Tabela 9). Em 1992 o país deteve 53% desse mercado, ao passo que, em 1994, sua participação cai para 41%, apesar da tendência de crescimento da demanda mundial.

A vantagem comparativa mostra-se também decrescente neste período (ver Tabela 3). Quando se eliminam as influências de mudanças não específicas do país, esse número torna-se inferior ao indicador sem correção (ver Tabela 4), significando que a redução da participação do Brasil no mercado mundial está mais relacionada aos fatores externos. De fato, desde 1989, o preço do suco de laranja no mercado mundial experimentou queda de cerca de 50%, ao mesmo tempo em que o crescimento do mercado interno não foi suficiente para compensar essa perda. Mais recentemente, nota-se um conflito de interesses entre produtores e indústria,

como conseqüência da queda de preço do suco de laranja no mercado internacional. Isto vem acarretando um desvio da produção de laranjas para o mercado doméstico acompanhado de um aumento do consumo de suco processado. Poderia estar havendo, assim, um aumento do consumo interno em detrimento das exportações, explicado essencialmente por diferenciais de preços.

Os principais importadores são: Europa, que importa entre 50 e 60% das exportações totais do Brasil, seguida dos Estados Unidos, com cerca de 30%. Os outros mercados são Canadá e Ásia, destacando-se, neste último, o Japão, que incrementou sua participação nas exportações brasileiras, passando nos últimos anos de cerca de 2 para 9%. O Uruguai, dentro do bloco, é o segundo exportador de suco de laranja, com parcela ínfima do mercado mundial, ao contrário da laranja, em que detém 1,35% do total.

- cacau e derivados

Entre os países do Mercosul, o Brasil é o único exportador de cacau, mas tem apresentado, desde 1986, redução da quantidade exportada e da participação no mercado mundial desse produto (ver Tabela 9), apesar de a demanda mundial também ter se reduzido desde então. Essa retração persistente da demanda vem sendo observada desde 1987, verificando-se, entretanto, uma exceção em 1994, quando ela cresce. A vantagem comparativa do cacau brasileiro também decresce a partir de 1987 (ver Tabela 3).

É importante esclarecer que consideramos, nesta análise, as exportações de cacau em amêndoa, manteiga e pasta de cacau. Durante todo o período analisado, os Estados Unidos mantêm-se como o maior mercado para o cacau brasileiro, excetuando-se os anos de 1989 e 1990, nos quais ele perde o posto para a Europa por uma pequena diferença. No entanto, as importações norte-americanas de cacau brasileiro vêm diminuindo consideravelmente desde 1989, e a sua participação nesse mercado, que era de 46% em 1988, reduziu-se a 35% em 1994. Em contrapartida, as importações européias e argentinas, que representavam, respectivamente, 22 e 0,41% em 1988, passaram a representar, em 1994, 33 e 14%. Note-se que, em produtos como o cacau, em que o Brasil é o único exportador do bloco e possui um papel importante no mercado mundial, o impacto da criação do bloco sobre o comércio será, necessariamente, muito reduzido.

- açúcares

O açúcar mereceria um esforço brasileiro no sentido de rediscutir os termos do acordo firmado recentemente no âmbito do Mercosul, que prevê a conclusão do regime de adequação até 2001. O Brasil é o país do bloco com maior participação no mercado mundial desse produto, principalmente no que se refere, a partir de 1992, ao açúcar bruto (ver Tabela 9).

A vantagem comparativa do açúcar brasileiro é crescente desde 1989, apesar de ser inferior à do início do período analisado (ver Tabela 3). Já as contribuições do

açúcar bruto e do refinado ao saldo global de produtos agrícolas do Brasil crescem a partir de 1988 (ver Tabela 13). A vantagem comparativa da Argentina, que era pequena mas positiva, torna-se negativa para o refinado e próxima a zero para o bruto em 1994. O mesmo comportamento é observado quando se examina a participação da Argentina no mercado mundial, onde esse país já aparece como importador de 2,3% do total transacionado (ver Tabela 9). A demanda mundial do açúcar bruto apresenta uma tendência à queda até 1993, ao contrário da demanda do refinado, cuja tendência é crescente desde 1985.

- fumo

O Brasil detém, desde 1989, uma participação crescente e significativa (14% em 1994) do mercado mundial. Os principais importadores do fumo brasileiro são, por ordem de importância, a Europa e os Estados Unidos. Com o advento do Mercosul, esta situação não foi modificada.

Já a participação argentina no mercado mundial vem caindo, de 2,4 em 1992 para 1,6% em 1994. A tendência da demanda mundial alterou-se desde 1993, tendo sido crescente entre 1986 e 1992. Apesar disso, a vantagem comparativa do fumo no Brasil vinha crescendo. No entanto, desde 1992 apresenta uma ligeira tendência de queda acompanhando e mesmo antecipando a redução da demanda mundial. Esse mesmo comportamento é observado no caso da Argentina.

10 - PERSPECTIVAS

As iniciativas de ampliação do processo de integração regional com União Européia, o Chile, a Bolívia e a Alca abrem novas perspectivas para o Mercosul, que merecem ser brevemente analisadas aqui.

10.1 - União Européia

O objetivo inicial da Política Agrícola Comum (PAC) foi o de aumentar a produção agrícola em uma Europa grandemente deficitária em produtos alimentares de base. A política tradicional de proteção consistia em subsídios às atividades agropecuárias. A PAC contribuiu de maneira substancial para o auto-abastecimento de produtos agropecuários, mas seus custos foram elevados, no que se refere à subvenção aos produtores e aos subsídios concedidos aos exportadores. O resultado mais palpável dessa política é a distorção dos preços relativos dos produtos em nível internacional. Essas distorções são agravadas pela utilização de política semelhante por parte dos Estados Unidos e do Japão. Nos anos 60 e 70, os instrumentos de sustentação de preços, acionados nos quadros das organizações da Comunidade Européia, permitiram o desenvolvimento da produção, protegendo produtores e consumidores das flutuações do mercado mundial de alimentos. No início dos anos 80 cresceram os excedentes de diversos produtos, e os objetivos de frear a expansão da produção, de ajudar as regiões produtoras desfavorecidas e de

contribuir para a proteção do meio ambiente passaram a assumir maior relevância. Essas preocupações e a Rodada Uruguai deram origem à reforma de 1992. As principais características da reforma, que representa, de fato, a continuidade de um processo que se iniciou em 1984, podem ser resumidas em: **a)** abandono do sistema de sustentação de preços a um nível elevado; **b)** sua substituição por um sistema combinando preços internos baixos, ajuda direta aos produtores e mecanismos de controle de oferta.

Uma diminuição importante dos preços de sustentação já foi implementada, notadamente no segmento de cereais, que constitui o pivô da reforma, e, em uma menor proporção, nos produtos da pecuária e seus derivados. Um aumento das ajudas diretas, com a instauração do subsídio por hectare a fim de compensar os preços baixos, constitui um outro elemento importante da reforma, bem como a obrigação de um congelamento da área plantada, para se beneficiar das ajudas compensatórias. Algumas medidas de acompanhamento vêm compensar, ainda, as medidas restritivas e estão ligadas ao estímulo à proteção do meio ambiente, à aposentadoria antecipada dos agricultores e à ajuda ao reflorestamento. A reforma atinge 75% da produção e exclui o vinho, o óleo de oliva, frutas e legumes. No caso do açúcar, o sistema de quotas começou a se modificar em junho de 1993.

Após a Rodada Uruguai, avançou-se na reforma da PAC. As barreiras não tarifárias foram transformadas em tarifas **ad valorem** através da elevação das tarifas de carne, produtos lácteos, açúcar, legumes, cítricos, banana, milho e trigo (superiores a 100%). Entre as novas metas está a redução do auxílio à agricultura de US\$ 81.500 para US\$ 67.700 milhões no ano 2000. A reforma da PAC supõe a mudança de um sistema de sustentação e da entrada de agricultores, mediante o instrumento de preços, para um mecanismo direto de apoio à renda por meio de compensações e prêmios. Esse mecanismo permitirá a queda dos preços, aproximando-os dos preços internacionais, e um melhor controle da produção, com o propósito de reduzir tanto os custos da PAC quanto os custos para os consumidores europeus e os excedentes agropecuários. As compensações seriam calculadas por hectare de terra e constituem uma indenização aos agricultores que se vêem afetados pelos efeitos da diminuição de preços sobre a renda da atividade agropecuária, com a condição de que não explorem certo percentual de terras cultiváveis.

O acordo da Rodada Uruguai reforça as modificações introduzidas pela reforma da PAC e induz a que as tarifas sejam calculadas sobre uma base de preços de sustentação menores que os existentes quando do início do processo de reforma. As mudanças na PAC devem implicar menores gastos para os consumidores, mas maiores custos para o orçamento comunitário, principalmente para os países membros. Os gastos da França, por exemplo, devem elevar-se até US\$ 500 milhões.

A manutenção de subsídios à agricultura, ainda que reduzidos, insere-se na perspectiva europeia de estabelecer como objetivos prioritários do setor preservar o meio ambiente e manter a paisagem, preservando e cuidando do espaço rural.

Neste sentido, a utilidade social dos agricultores não se medirá mais somente pelo valor de sua produção. Isso conduz a que as políticas agrícolas não se resumam a reduzir as despesas orçamentárias ou a controlar os excedentes de produção. Espera-se que a baixa nos preços dos cereais estimule os produtores mais eficientes a reduzir os custos de produção, a utilizar técnicas menos poluentes e mesmo que mantenham seus níveis de renda. Como conciliar uma pecuária bovina mais extensiva com o consumo de cereais pelos animais é um outro desafio que se coloca.

As mudanças introduzidas pela reforma de 1992 e o protocolo firmado entre a União Européia e o Mercosul favorecem as relações entre os dois blocos, especialmente no que se refere aos produtos de origem agropecuária, abrindo, assim, boas possibilidades para o crescimento da participação dos países que fazem parte do acordo do Mercosul e, em particular, do Brasil no mercado europeu.

Cabe ressaltar, neste ponto, que a participação dos produtos brasileiros nas importações européias dependerá da capacidade de adaptação desses produtos às exigências específicas desse mercado. Com isso, há a necessidade de se estabelecer, no Brasil, uma estratégia de especialização para os produtos a serem exportados para a União Européia, de forma a atender aos quesitos de harmonização técnica definidos pela comunidade. A principal dificuldade em cumprir essas exigências decorre da falta de conhecimento, por parte dos fornecedores extracomunitários, em relação às modificações que estão ocorrendo nas regulamentações da União Européia. Dentre essas regulamentações, a harmonização técnica deve ser uma das prioridades, uma vez que ela estabelece novas regras relativas ao processo de produção, à qualidade do produto, ao nível de segurança e à sua dimensão física.

Também é importante ressaltar, finalmente, que, dado que a partir de 1º de janeiro de 1997 o Brasil, graças ao seu grau de desenvolvimento, foi graduado pela União Européia no Sistema Geral de Preferências para produtos agrícolas, ele será paulatinamente excluído do benefício, sofrendo 50% de redução na margem de preferência em 1997 e 100% em 1999. Com isso, podem ocorrer perdas na exportação de produtos agrícolas do Brasil para a Europa.

10.2 - Outras Áreas

A criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) é uma iniciativa do governo dos Estados Unidos, realizada em 1994, que compreende o estabelecimento de uma zona de livre comércio entre todos os 34 países das Américas, envolvendo diversas áreas como investimentos, serviços, meio ambiente e propriedade intelectual. É evidente que, por envolver um grande número de países e de temas, não se espera uma conclusão rápida das negociações, apesar de os acordos assinados até o final de 1996 terem como meta a conclusão do processo em 2005, já com resultados concretos em 2000.

As diferenças com relação aos principais objetivos de cada país no âmbito das negociações também constituem um obstáculo ao processo. Enquanto os interesses norte-americanos concentram-se na área de serviços, investimentos e propriedade intelectual, por exemplo, a maioria dos países latino-americanos busca uma redução das barreiras não-tarifárias, naquele mercado, dos produtos de origem agropecuária. Por outro lado, pode-se interpretar a existência de diferenças de objetivos como um elemento de facilitação das negociações, na medida em que estabelece pontos onde será possível obter concessões de parte a parte.

Nas relações com o Chile o assunto se apresenta mais delicado e complexo, no que se refere aos produtos agropecuários. O Acordo de Complementação Econômica iniciado em outubro de 1996 prevê, para uma ampla gama de produtos, tarifas médias de 6%, que devem ser reduzidas a zero em um período de oito anos, para os principais produtos. No entanto, os produtos agrícolas foram enquadrados como exceções ou produtos especiais. Para esses produtos, a margem de preferência, inicialmente de 40%, será ampliada em cerca de oito pontos percentuais até atingir 100%. Alguns produtos classificados como sensíveis e sensíveis-especiais terão suas margens de preferência iniciais congeladas por quatro anos em 30 e 0% e serão desgravados em 10 anos. Os produtos considerados de “exceção” terão um período mais amplo de desgravação, que vai do décimo ao décimo quinto ano, enquanto os produtos de origem tritícola somente terão seu comércio liberado em 18 anos.

Os produtos agropecuários encontram-se classificados, basicamente, como produtos de exceção, cuja redução de tarifas se dará a partir de 2006 com margem de 17%, e produtos especiais, que compreendem o açúcar e a cadeia do trigo. Nesses casos, a margem de preferência de 17% começará a ser aplicada a partir de 2007.

Antes mesmo do acordo, o comércio entre o Brasil e o Chile vinha crescendo rapidamente (cerca de 60% entre 1992 e 1995). Como Argentina e Chile são países concorrentes em produtos agropecuários, os cuidados do acordo foram de assegurar um período de transição tranqüilo para os dois países. No entanto, o comércio do Chile com o Brasil pode perder dinamismo, dado que a diversidade produtiva dos dois permitiria um protocolo muito menos restritivo.

11 - CONCLUSÕES

O presente estudo permitiu tirar algumas conclusões importantes a respeito da estrutura de competitividade dos países do Mercosul, bem como refutar algumas afirmações que vinham sendo feitas com referência aos impactos do processo regional de integração sobre o setor agropecuário.

Em primeiro lugar, observa-se que existem complementaridades e assimetrias bastante claras nos setores agropecuários dos países que compõem o Mercosul. As complementaridades constatadas pelo presente estudo são observadas para

cebola, maçã, arroz, leite e laticínios, algodão, carne de aves e de porcos e, finalmente, trigo. No caso específico do trigo, apesar da clara vantagem comparativa da Argentina, o crescimento da demanda do bloco não foi integralmente atendido por esse país, provavelmente em virtude do tipo de produto, pois parte do trigo demandado é o "duro", essencial para a mistura na produção de massas de qualidade superior. Fenômeno semelhante é constatado no caso do milho, devido a maiores custos de transporte no atendimento a demanda de certas regiões.

Por outro lado, a competição entre o Brasil, Argentina e, mais recentemente, o Paraguai centra-se no complexo soja (óleo, soja em grão e torta de soja). Para a carne bovina há perspectivas de que todos os países do bloco possam obter ganhos se medidas como controle de qualidade e erradicação de doenças forem empreendidas.

Em segundo lugar, o impacto do Mercosul sobre o comércio dos produtos analisados foi, ao contrário do que faziam supor as preocupações externadas por ocasião da criação do bloco, bastante restrito. Os fatores globais, tais como a abertura econômica iniciada, no caso do setor agropecuário, em 1988, o financiamento das importações e a valorização cambial no Brasil têm tido maior influência sobre as elevações dos fluxos de comércio do que a redução das barreiras inter-regionais. Dentre os principais produtos, apenas para o trigo é possível observar um aumento consistente da participação da Argentina.

Apesar de a integração regional ter provocado um crescimento dos fluxos de comércio entre o Brasil e os demais países do bloco, o impacto sobre o setor agrícola restringiu-se a alguns poucos produtos (aves e trigo). Por outro lado, dados a estrutura industrial e o padrão de inserção internacional expresso nos coeficientes de Vantagens Comparativas Reveladas, a complementaridade entre a Argentina e o Brasil pode elevar-se com o aprofundamento do processo de integração.

Vale, também, notar a evolução na participação destes produtos sobre as exportações e importações totais dos quatro países do bloco. Enquanto para a Argentina, Paraguai e Uruguai não houve grandes alterações na participação destes produtos no total das exportações dos países durante o período estudado (permanecendo em torno de 40, 70 e 30%, respectivamente), em se tratando do Brasil esse percentual vem se reduzindo consideravelmente (de 45% em 1980 para 28% em 1994). Já para as importações, enquanto a participação para o Brasil varia entre 5 e 8%, para os demais países do bloco esse número está em torno de 2 e 3%, indicando claramente a diferença marcante na evolução da estrutura industrial entre aquele país e os outros.

No entanto, seja devido ao Mercosul ou aos fatores apontados anteriormente, houve mudanças significativas na estrutura de competitividade dos países analisados. No caso do setor agropecuário nacional, houve um aumento de

competitividade em relação aos demais países do Mercosul em alguns produtos, tais como carne de aves, carne suína e açúcar.

Uma outra conclusão refere-se ao processo de especialização em curso na agricultura brasileira, com perda de vantagens em trigo, algodão e arroz e ganhos de competitividade em café, soja, aves e açúcar. Já a demanda mundial para os principais produtos argentinos está em queda, sugerindo a necessidade de mudanças na estratégia de inserção desse país no mercado mundial, uma vez que a especialização em mercados cadentes representa uma provável estagnação das exportações no médio e longo prazos. Assim, enquanto o Brasil e o Uruguai parecem seguir uma trajetória de aumento de sua especialização, Argentina e Paraguai, ao contrário, concentram sua produção em mercadorias com demanda mundial decrescente e reduzem as vantagens comparativas de seus principais produtos de exportação.

Apesar de todos os países do Mercosul serem exportadores líquidos de produtos agropecuários, desde 1989 as importações brasileiras desses produtos vêm crescendo, acontecendo o mesmo fenômeno para os demais sócios do Mercosul a partir de 1991. Além disso, desde 1994, a participação dos produtos agropecuários no total exportado volta a crescer.

Finalmente, a necessidade de uma estratégia de especialização nos produtos agropecuários torna-se clara, tanto para o Brasil como para o conjunto do mercado comum, especialmente no novo cenário de abertura econômica. Em relação a arroz, algodão, carne bovina e suco de laranja parece ser necessária a definição de uma estratégia clara com vistas a aumentar a competitividade do Brasil ou para recuperar a participação do país no mercado mundial. O sistema de financiamento às exportações por parte de nossos concorrentes parece ser um dos fatores que explicaria a redução de nossa participação no mercado mundial, mas que tem estimulado principalmente importações de produtos nos quais somos competitivos.

Os acordos firmados pelo Mercosul com o Chile e Bolívia e a implementação da Alca abrem perspectivas para ampliar os mercados de exportações agropecuárias, desde que seja estabelecida uma agenda de negociação para eliminar as barreiras não-tarifárias, que limitam o acesso a esses mercados.

ANEXO 1

MEMÓRIA DE CÁLCULO DOS INDICADORES⁴

1 - Posição do País *i* no Mercado Mundial dos Produtos (*Sik*)

Este indicador foi calculado dividindo-se o saldo comercial do país *i* no produto *k* (exportação do produto *k* no país *i* — importação do produto *k* no país *i*) pelo comércio mundial do produto *k* (exportações do produto *k* em todo o mundo). O resultado dessa divisão foi multiplicado por 100 e, assim, obtivemos o indicador em percentagem:

$$Sik = ((Xik - Mik)/Wk)*100$$

onde:

Sik = Posição no Mercado Mundial de Produtos Agropecuários ;

Xik = Exportações do Produto *k* no País *i*;

Mik = Importações do Produto *k* no País *i*; e

Wk = Exportações do Produto *k* em todo o mundo.

2 - Vantagem Comparativa

2.1 - Cálculos Intermediários

2.1.1 - Participação do saldo comercial dos produtos no PIB (*yik*)

Este cálculo foi obtido dividindo-se o saldo comercial do país *i* no produto *k* (exportação do país *i* no produto *k* — importação do país *i* no produto *k*) pelo PIB do país *i*, em mil dólares correntes. O resultado desse cálculo foi multiplicado por mil e, então, obtivemos a contribuição do saldo comercial do produto *k* ao PIB, ou seja, para cada mil dólares do PIB, esse cálculo nos fornece o valor que corresponde ao excedente das exportações sobre as importações do país *i* em cada produto:

$$yik = 1000 * ((Xik - Mik)/Yi)$$

onde:

yik = Participação do Saldo Comercial do País *i* por Produto no PIB; e

Yi = PIB do País *i*.

⁴ Os indicadores sublinhados possuem tabelas correspondentes que podem ser consultadas no Anexo 2.

2.1.2 - Participação do saldo comercial total do país **i** no PIB (**yi**)

Este cálculo é idêntico ao anterior (2.1.1) mas, ao invés de utilizarmos o saldo comercial por produto **k**, utilizamos o saldo comercial total do país **i** (exportações totais do País **i** — importações totais do país **i**):

$$y_i = 1000 * ((X_i - M_i)/Y_i)$$

onde:

yi = Participação do Saldo Comercial Total do País **i** no PIB;

Xi = Exportações Totais do País **i**; e

Mi = Importações Totais do País **i**.

2.1.3 - Participação do comércio do produto **k** no comércio total do país **i** (**gik**)

Este cálculo foi obtido dividindo-se o comércio do produto **k** no país **i** (exportações do produto **k** no país **i** + importações do produto **k** no país **i**) pelo comércio total do país **i** (exportações totais do país **i** + importações totais do país **i**):

$$g_{ik} = (X_{ik} + M_{ik})/(X_i + M_i)$$

onde:

gik = Participação do Comércio do Produto **k** no Comércio Total do País **i**.

2.1.4 - Índice para eliminação da influência das mudanças não-específicas do país estudado (**ek⁽ⁿ⁾**)

Este índice foi calculado de duas maneiras diferentes, sendo que, em ambos os casos, utilizamos 1992 como o ano de referência, por ser o ano seguinte à assinatura do acordo que criou o Mercosul.

2.1.4.1 - **ek⁽ⁿ⁾** por produto estudado

Neste caso calculamos, em primeiro lugar, a participação do comércio mundial do produto **k** no comércio mundial total, em 1992 (ano de referência) e em cada um dos anos estudados (1980 a 1994), separadamente. Em seguida calculamos o quociente entre as participações obtidas anteriormente, sendo o numerador a participação no ano de referência e o denominador as participações em cada um dos anos estudados. Com isso, obtivemos um índice que varia ano a ano para cada um dos produtos, e que é igual a 1 no ano de 1992 (ano de referência ou ano base):

$$e_k^{(n)} = (W_k(r)/W(r))/(W_k(n)/W(n))$$

onde:

ek⁽ⁿ⁾¹ = Índice para Eliminação da Influência das Mudanças Não-Específicas do País Estudado Por Produto Estudado;

Wk(r) = Comércio Mundial do Produto **k** no Ano de Referência;

W(r) = Comércio Mundial Total no Ano de Referência;

Wk(n) = Comércio Mundial do Produto **k** no Ano Estudado; e

W(n) = Comércio Mundial Total no Ano Estudado.

2.1.4.2 - **ek⁽ⁿ⁾** Para o total de produtos agrícolas

Os cálculos feitos para a obtenção deste índice são os mesmos utilizados anteriormente, em 2.1.4.1, com a diferença de que, ao invés de utilizarmos o comércio mundial do produto **k** no ano de referência e em todos os anos estudados, utilizamos o comércio mundial de produtos agrícolas nos mesmos anos. Com isso, obtivemos um único índice por ano, o qual é válido para a correção das exportações e importações da totalidade de produtos agrícolas dos países estudados:

$$\mathbf{ek}^{(n)2} = (\mathbf{Wu}(r)/\mathbf{W}(r))/(\mathbf{Wu}(n)/\mathbf{W}(n))$$

onde:

ek⁽ⁿ⁾² = Índice para Eliminação da Influência das Mudanças Não-Específicas do País Estudado para o Total de Produtos Agrícolas;

Wu(r) = Comércio Mundial dos Produtos Agrícolas no Ano de Referência; e

Wu(n) = Comércio Mundial dos Produtos Agrícolas no Ano Estudado;

2.2 - Vantagem Comparativa Corrigida pelo PIB (**fik**)

Este indicador foi obtido através dos seguintes cálculos: primeiramente multiplicamos os resultados obtidos em 2.1.3 e 2.1.2. Em seguida, calculamos a diferença entre 2.1.1 e a multiplicação feita anteriormente. Com isso, obtivemos, finalmente:

$$\mathbf{fik} = \mathbf{yik} - \mathbf{gik} * \mathbf{yi}$$

onde:

fik = Vantagem Comparativa Corrigida pelo PIB.

2.3 - Vantagem comparativa corrigida pelo índice para eliminação da influência das mudanças não-específicas do país estudado (**f'ik**)

Primeiramente corrigimos os valores das exportações e importações de cada um dos produtos estudados, multiplicando-os pelo índice obtido em 2.1.4.1, e os valores das exportações e importações do total de produtos agrícolas, multiplicando-os por 2.1.4.2. Em seguida, calculamos **y'ik** e **g'ik** da mesma forma que **yik** (2.1.1) e **gik** (2.1.2), com a diferença de que utilizamos os valores corrigidos das exportações e importações dos produtos estudados e do total de produtos agrícolas. Assim, obtivemos:

$$f'ik = y'ik - g'ik * yi$$

onde:

f'ik = Vantagem Comparativa Corrigida pelo Índice para Eliminação da Influência das Mudanças Não-Específicas do País Estudado;

y'ik = Participação Corrigida do Saldo Comercial do País **i** por Produto no PIB; e

g'ik = Participação Corrigida do Comércio do Produto **k** no Comércio Total do País **i**.

3 - Adaptação à Demanda Mundial (Ai)

3.1 - Cálculos Intermediários

3.1.1 - Participação do saldo comercial por produto na média das trocas do país **i** (**pik**)

Este cálculo é feito dividindo-se o saldo comercial do país **i** no produto **k** (exportações do produto **k** no país **i** — importações do produto **k** no país **i**) pela média aritmética do comércio total do país **i** ((exportações totais do país **i** + importações totais do país **i**)/2):

$$pik = 100 * ((Xik - Mik)/(1/2 (Xi + Mi)))$$

onde:

pik = Participação do Saldo Comercial por Produto na Média das Trocas do País **i**.

3.1.2 - Participação do saldo comercial do total de produtos agrícolas na média das trocas do país **i** (**piu**)

Este cálculo foi feito da mesma maneira que o anterior (3.1.1), com a diferença de que, ao invés de utilizarmos o saldo comercial do país **i** por produto, utilizamos o saldo comercial do país **i** no total de produtos agrícolas (exportação total de produtos agrícolas do país **i** — importação total de produtos agrícolas do país **i**):

$$piu = 100 * ((Xiu - Miu)/(1/2 (Xi + Mi)))$$

onde:

piu = Participação do Saldo Comercial do Total de Produtos Agrícolas na Média das Trocas do País **i**.

3.1.3 - Participação do comércio do produto **k** no comércio do total de produtos agrícolas do país **i** (**qik**)

Obtivemos essa participação através do quociente entre a soma das exportações e importações do produto **k** e a soma das exportações e importações do total de produtos agrícolas, para cada um dos países estudados:

$$\mathbf{qik} = (\mathbf{Xik} + \mathbf{Mik})/(\mathbf{Xiu} + \mathbf{Miu})$$

onde:

qik = Participação do Comércio do Produto **k** no Comércio do Total de Produtos Agrícolas do País **i**.

3.1.4 - Contribuição do produto **k** ao saldo global dos produtos agrícolas, em relação à média das trocas (**cik**)

Primeiramente multiplicamos os resultados obtidos em 3.1.3 (**qik**) e 3.1.2 (**piu**). Em seguida calculamos a diferença entre os resultados de **pik**, obtido em 3.1.1, e da multiplicação realizada anteriormente. Com isso, foi possível obter:

$$\mathbf{cik} = \mathbf{pik} - \mathbf{qik} * \mathbf{piu}$$

onde:

cik = Contribuição do Produto **k** ao Saldo Global dos Produtos Agrícolas, em Relação à Média das Trocas.

3.1.5 - Contribuição corrigida do produto **k** ao saldo global dos produtos agrícolas, em relação à média das trocas (**c'ik**)

Da mesma forma que foi feito com 2.3, recalculamos 3.1.1, 3.1.2 e 3.1.3 com as exportações e importações corrigidas pelos índices 2.1.4.1 e 2.1.4.2 e obtivemos **p'ik**, **p'iu** e **q'ik**. Com isso, torna-se possível calcular:

$$\mathbf{c'ik} = \mathbf{p'ik} - \mathbf{q'ik} * \mathbf{p'iu}$$

onde:

c'ik = Contribuição Corrigida do Produto **k** ao Saldo Global dos Produtos Agrícolas, em Relação à Média das Trocas;

p'_{ik} = Participação Corrigida do Saldo Comercial por Produto na Média das Trocas do País i ;

q'_{ik} = Participação Corrigida do Comércio do Produto k no Comércio do Total de Produtos Agrícolas do País i ; e

p'_{iu} = Participação Corrigida do Saldo Comercial do Total de Produtos Agrícolas na Média das Trocas do País i .

3.1.6 - Taxa tendencial de crescimento da demanda mundial (dk)

Essa taxa foi calculada da seguinte forma:

Primeiramente calculamos o crescimento ou tendência do comércio mundial para cada um dos produtos estudados, utilizando os valores logaritmizados (\ln) das importações mundiais. Em seguida, calculamos dois tipos diferentes de dk :

3.1.6.1 - Taxa tendencial de crescimento da demanda mundial em relação ao ano de referência/1992 ($dk1$)

Neste caso, calculamos dk com a base 1992 = 1, ou seja, cada crescimento obtido anteriormente foi dividido pelo crescimento do ano de 1992 (ano de referência). Com isso, obtivemos uma taxa que varia anualmente para cada um dos produtos estudados e que é igual a 1 no ano de 1992 para todos os produtos:

$$dk1 = \text{Crescimento} (\ln Wk (n)) / \text{Crescimento} (\ln Wk (1992))$$

onde:

$dk1$ = Taxa Tendencial de Crescimento da Demanda Mundial em Relação ao Ano de Referência 1992;

Crescimento ($\ln Wk(n)$) = Tendência Exponencial de Crescimento do Valor Logaritmizado do Comércio Mundial no Ano Estudado; e

Crescimento ($\ln Wk (1992)$) = Tendência Exponencial de Crescimento do Valor Logaritmizado do Comércio Mundial em 1992.

3.1.6.2 - Taxa tendencial de crescimento da demanda mundial em relação ao ano anterior ($dk2$)

Neste caso, calculamos dk dividindo o crescimento obtido em cada ano pelo crescimento do ano anterior. Assim, $dk2$ só pôde ser calculada a partir de 1981, uma vez que o primeiro ano dos nossos dados é 1980. A taxa obtida dessa maneira também varia anualmente para cada um dos produtos estudados:

$$dk2 = \text{Crescimento} (\ln Wk (n)) / \text{Crescimento} (\ln Wk (n - 1))$$

onde:

$dk2$ = Taxa Tendencial de Crescimento da Demanda Mundial em Relação ao Ano Anterior; e

Tendência ($\ln W_k(n - 1)$) = Tendência Exponencial de Crescimento do Valor Logaritimizado do Comércio Mundial no Ano Anterior ao Estudado.

3.2 - Indicadores da Adaptação à Demanda Mundial ($Ai1$ e $Ai2$)

Estes indicadores foram obtidos da seguinte forma:

Primeiramente multiplicamos a contribuição corrigida do produto k ao saldo global dos produtos agrícolas ($c'ik$), obtida para cada um dos países estudados, pela taxa tendencial de crescimento da demanda mundial em relação a 1992 ($dk1$) e a mesma taxa em relação ao ano anterior ($dk2$). Em seguida, calculamos os somatórios de cada uma dessas multiplicações separadamente, obtendo, respectivamente, $Ai1$ e $Ai2$. Esses somatórios foram calculados tanto em relação aos anos (o que nos dá $Ai1$ e $Ai2$ para cada um dos produtos e países estudados) quanto em relação aos produtos (o que nos dá $Ai1$ e $Ai2$ para cada um dos anos e países estudados):

$$a) Ai1 = \sum c'ik * dk1$$

$$b) Ai2 = \sum c'ik * dk2$$

onde:

$Ai1$ = Adaptação à Demanda Mundial em Relação a $dk1$; e

$Ai2$ = Adaptação à Demanda Mundial em Relação a $dk2$.

4 - Contribuição dos Produtos Agrícolas Estudados (Hi)

Este indicador foi obtido através do somatório da contribuição corrigida do produto k ao saldo global dos produtos agrícolas ($c'ik$). Da mesma forma que foi feito em 3.2, calculamos os somatórios em relação aos anos (somatório vertical) e em relação aos produtos (somatório horizontal):

$$Hi = \sum c'ik$$

onde:

Hi = Contribuição dos Produtos Agrícolas Estudados.

5 - Taxa de Cobertura (T)

A taxa de cobertura representa a relação entre as exportações totais dos produtos estudados e as importações totais desse mesmo conjunto de produtos:

$$T = Xik/Mik$$

6 - Indicador de Assimetria (S)

Este indicador mostra a participação das exportações de um grupo de produtos nas exportações totais de um país dado:

$$S = \Sigma X_{ik}/X_i$$

ANEXO 2

TABELAS

PRINCIPAIS INDICADORES SEPARADOS POR PERÍODOS

Tabela 1
Participação no Mercado Mundial

	Brasil			Argentina			
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	
Divisão em Seções	Prod. alimentares	4,28	2,67	2,21	1,84	1,87	1,79
	Agricultura	1,82	1,64	1,34	2,21	1,37	1,32
	Energia	-1,65	-1,27	-1,20	-0,05	-0,02	0,26
	Agroalimentares	2,91	2,15	1,82	2,05	1,62	1,58
	Têxtil	1,32	0,99	0,85	0,23	0,28	-0,01
Divisão em Cadeias	Celulose	0,56	0,54	0,69	-0,29	-0,05	-0,39
	Química	-0,26	-0,10	-0,16	-0,33	-0,15	-0,37
	Siderurgia	4,15	5,27	5,39	-0,11	0,20	-0,11
	Não-Ferrosos	0,12	0,71	0,86	0,02	0,11	-0,08
	Mecânica	-0,28	-0,17	-0,11	-0,42	-0,18	-0,47
	Veículos	0,47	0,43	0,18	-0,23	-0,07	-0,55
	Elétrica	-0,41	-0,13	0,02	-0,38	-0,14	-0,48
	Eletrônica	-0,34	-0,39	-0,50	-0,51	-0,18	-0,45
	Primários	-0,53	0,28	0,43	0,57	0,49	0,63
	Manuf. de base	0,56	1,24	1,23	-0,20	-0,01	-0,27
Divisão em Estágios	Bens intermediários	0,24	0,31	0,33	-0,29	-0,06	-0,31
	Prod. mistos	1,99	1,43	1,21	0,90	0,95	0,78
	Outros	0,67	0,38	0,36	-1,23	-0,28	-0,10
	TOTAL	0,28	0,44	0,34	0,08	0,14	-0,08

Fonte: Chellem.

Continuação - Tabela 1

		Estados Unidos			Chile		
		1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Divisão em Seções	Prod. Alimentares	-2,12	0,04	2,20	0,18	0,43	0,57
	Agricultura	13,28	9,39	7,50	0,23	0,72	0,89
	Energia	-13,57	-14,17	-14,41	-0,12	-0,16	-0,21
	Agroalimentares	6,46	4,71	4,62	0,21	0,58	0,72
	Têxtil	-12,27	-14,34	-13,47	-0,19	-0,09	-0,16
Divisão em Cadeias	Celulose	-4,62	-4,80	-2,69	0,09	0,09	0,12
	Química	4,61	3,01	2,81	-0,18	-0,17	-0,20
	Siderurgia	-8,24	-5,25	-5,45	0,16	0,04	-0,04
	Não-Ferrosos	-7,12	-4,48	-5,16	3,43	3,62	4,23
	Mecânica	9,10	4,64	5,80	-0,26	-0,28	-0,36
	Veículos	-16,31	-17,25	-13,09	-0,27	-0,24	-0,41
	Elétrica	-0,64	-4,30	-3,51	-0,23	-0,20	-0,24
	Eletrônica	-1,29	-4,65	-6,18	-0,21	-0,16	-0,19
	Primários	-4,40	-3,21	-5,33	0,16	0,41	0,54
	Manuf. de base	-4,25	-3,25	-3,68	0,76	0,79	0,73
Divisão em Estágios	Bens interm.	1,38	-1,20	-0,52	-0,13	-0,13	-0,15
	Prod. mistos	-5,68	-4,70	-3,18	-0,02	0,10	0,08
	Outros	-8,13	-4,39	-2,86	-0,14	0,03	0,09
	TOTAL	-3,51	-4,04	-3,53	0,01	0,05	0,01

Fonte: Chellem.

Tabela 2
Vantagem Comparativa
Divisão em Setores
Ano-base: 1992

	Brasil			Argentina			
	1981/86	1987/91	1992/94	1981/86	1987/91	1992/94	
Divisão em Seções	Agricultura	5,63	4,55	2,87	16,45	12,10	12,02
	Prod. alimentares	14,33	8,70	7,63	17,45	19,65	18,68
	Primários	-7,97	-5,28	-2,22	13,53	8,08	14,40
	Manuf. de base	1,51	3,98	4,40	-3,88	-3,86	-2,62
	Bens intermediários	-1,02	-0,18	0,81	-10,01	-7,82	-7,50
Divisão em Estágios	Bens	-11,80	-10,85	-9,06	-14,59	-12,48	-13,87
	Equipamentos	11,35	7,60	5,63	28,24	24,68	21,77
	Produtos mistos	5,54	3,44	-1,22	-3,31	-3,13	-7,08
	Bens de consumo	1,10	0,34	0,58	-9,71	-3,46	-0,38
	Outros	-16,37	-13,05	-11,14	-0,98	-2,54	4,24
Divisão em Cadeias	Energia	19,96	13,25	10,50	33,90	31,75	30,71
	Agroalimentares	6,39	4,35	3,78	3,48	3,73	0,27
	Têxtil	1,22	1,23	2,04	-2,65	-1,58	-3,21
	Celulose	-4,67	-4,11	-4,53	-8,67	-9,22	-5,58
	Química	7,67	9,66	10,23	-0,81	-0,32	-0,15
	Siderurgia	-0,32	0,34	0,59	-0,13	0,04	-0,17
	Não-Ferrosos	-7,53	-6,47	-4,77	-10,02	-10,12	-9,00
	Mecânica	1,76	1,60	-0,34	-3,06	-2,67	-6,93
	Veículos	-2,33	-1,25	-0,55	-2,83	-2,23	-2,90
	Elétrica	-5,79	-5,55	-5,81	-8,23	-6,84	-7,28
	Eletrônica						
TOTAL	-0,0000014	0,0000022	-0,0000011	0,0000061	0,0000037	0,0000070	

Fonte: Chellem.

Tabela 2
Vantagem Comparativa
Divisão em Setores
Ano-base: 1992

	Chile			Estados Unidos			
	1981/86	1987/91	1992/94	1981/86	1987/91	1992/94	
Divisão em Seções	Agricultura	15,80	40,40	37,08	4,00	4,10	3,64
	Prod. Alimentares	14,09	27,18	29,14	-0,10	1,18	1,72
	Primários	30,95	49,82	56,11	-0,13	-0,66	-2,09
	Manuf. de base	57,72	62,86	49,42	-1,24	-0,15	-0,52
Divisão em Estágios	Bens Intermediários	-20,19	-33,09	-25,30	4,28	3,27	3,52
	Bens Equipamentos	-44,82	-64,63	-61,91	12,84	9,62	8,59
	Produtos mistos	-1,00	10,35	5,29	0,64	1,17	1,90
	Bens de consumo	-26,18	-26,31	-26,60	-13,88	-10,97	-9,21
	Outros	-5,19	0,64	2,51	-0,96	0,41	0,16
	Energia	-9,91	-18,20	-16,07	-5,85	-6,35	-6,85
	Agroalimentares	29,89	67,58	66,23	3,89	5,28	5,36
	Têxtil	-11,07	-8,86	-11,43	-5,36	-5,47	-5,38
	Celulose	4,25	4,24	6,24	-0,84	-0,28	0,40
	Química	-23,01	-28,23	-21,34	4,48	4,45	4,26
Divisão em Cadeias	Siderurgia	3,78	0,49	-1,11	-1,33	-0,59	-0,70
	Não-Ferrosos	79,77	90,83	82,87	-0,88	-0,20	-0,35
	Mecânica	-33,43	-48,96	-43,95	10,06	8,66	9,36
	Veículos	-14,56	-27,39	-33,38	-7,41	-6,59	-5,13
	Elétrica	-8,82	-10,47	-9,00	0,45	0,00	0,03
	Eletrônica	-16,89	-21,02	-19,05	2,79	1,10	-1,02
	TOTAL	0,0000005	-0,0000041	0,0000037	-0,0000003	-0,0000066	-0,0000015

Fonte: Chellem

Tabela 3
Vantagem Comparativa Revelada
Corrigida pelo PIB (fik)

	Brasil			Argentina			Chile		
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão	0,15	-0,18	-1,13	0,20	0,41	0,36	-1,28	-1,84	-0,74
Açúcar bruto	1,61	0,42	0,92	1,00	0,24	0,10	-0,53	-0,02	0,00
Açúcar refinado	0,86	0,34	0,41	0,21	0,08	-0,10	-1,71	-1,10	-0,43
Arroz	-0,39	-0,36	-0,53	0,28	0,12	0,30	-0,38	-0,38	-0,25
Aves	0,87	0,59	0,99	-0,12	-0,05	-0,18	0,01	0,24	0,25
Bovino	0,14	-0,11	0,26	3,11	2,00	1,66	-0,36	-0,28	-1,60
Cacau	2,01	0,81	0,47	-0,12	-0,08	-0,07	-0,44	-0,57	-0,53
Café	6,92	3,17	2,45	-1,02	-0,58	-0,19	-0,58	-0,47	-0,34
Cebola	0,00	-0,01	-0,06	0,00	0,02	0,12	0,18	0,34	0,16
Laranja	0,05	0,04	0,04	0,07	0,16	0,15	-0,03	0,00	0,00
Laticínios	-0,25	-0,48	-0,36	0,18	0,32	0,06	-0,99	-0,97	-0,85
Leite	-0,19	-0,34	-0,24	0,07	0,16	0,04	-0,65	-0,86	-0,63
Maçãs	-0,20	-0,15	-0,06	0,87	0,48	0,37	3,76	4,33	3,45
Milho	-0,38	-0,19	-0,34	6,71	1,90	2,44	-0,97	-0,52	-0,53
Óleo de soja	1,37	0,52	0,63	1,31	2,16	2,89	-2,16	-0,89	-1,00
Porco	0,00	-0,04	0,12	0,00	-0,01	-0,18	-0,04	0,07	0,19
Soja	0,75	1,33	1,52	4,59	2,57	2,79	0,00	0,00	-0,01
Suco de laranja	2,20	2,08	1,66	0,02	0,05	0,01	-0,02	-0,04	-0,03
Tabaco	1,33	1,03	1,20	0,38	0,38	0,49	-0,15	0,19	0,30
Torta de soja	5,25	3,35	3,12	2,50	5,79	5,31	-0,41	-0,64	-0,82
Tortas	5,43	3,41	3,20	4,13	6,97	6,08	-0,42	-0,70	-0,87
Trigo	-3,15	-1,00	-1,82	7,95	3,18	3,13	-6,39	-0,38	-1,94
Uva	-0,01	-0,02	0,00	0,01	0,03	0,01	6,96	9,86	7,44
Complexo laranja	2,25	2,13	1,70	0,09	0,21	0,16	-0,05	-0,03	-0,03
Complexo açúcar	2,47	0,76	1,33	1,21	0,32	0,01	-2,25	-1,12	-0,43
Complexo soja	7,36	5,19	5,27	8,39	10,52	10,99	-2,57	-1,54	-1,83

Continuação - Tabela 3

	Uruguai			Paraguai			Estados Unidos		
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão	-1,81	-1,42	-0,63	28,89	52,29	36,89	0,69	0,50	0,37
Açúcar bruto	-0,23	-0,30	-1,02	0,85	0,73	0,40	-0,36	-0,11	-0,09
Açúcar refinado	0,41	0,59	0,04	-0,04	-0,13	-0,09	0,06	0,03	0,01
Arroz	11,38	10,10	13,07	0,00	0,00	0,08	0,34	0,17	0,13
Aves	0,52	0,31	0,10	0,00	0,00	-0,02	0,11	0,12	0,19
Bovino	23,35	18,40	15,46	1,56	13,70	9,62	-0,20	0,01	0,12
Cacau	-0,49	-0,46	-0,21	-0,01	-0,01	-0,03	-0,10	-0,07	-0,05
Café	-0,52	-0,36	-0,22	0,15	2,74	0,30	-0,76	-0,34	-0,22
Cebolas	-0,03	-0,03	-0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Laranjas	1,62	2,15	3,60	0,00	0,00	-0,02	0,07	0,05	0,05
Laticínios	3,40	5,44	7,29	-0,17	-0,21	-0,88	0,00	0,00	0,02
Leite	0,44	1,78	3,92	-0,16	-0,30	-0,84	0,06	0,05	0,05
Maçãs	0,00	0,01	-0,02	0,00	0,00	0,03	0,03	0,03	0,05
Milho	-0,24	-0,77	-0,79	0,05	0,03	0,60	2,21	1,19	0,81
Óleo de soja	-0,08	-0,02	-0,07	0,36	0,80	8,19	0,17	0,07	0,07
Porco	-0,07	-0,08	-0,29	0,00	0,00	0,00	-0,02	-0,03	0,02
Soja	0,49	0,57	0,12	18,16	45,91	41,61	1,89	0,96	0,80
Suco de laranja	0,01	0,20	0,16	0,00	0,00	-0,02	-0,05	-0,07	0,01
Tabaco	-0,80	-0,56	-0,62	1,95	1,22	1,15	0,37	0,19	0,13
Torta de soja	0,05	0,16	-0,23	1,73	2,38	9,88	0,47	0,28	0,19
Tortas	0,28	0,22	-0,23	3,67	4,34	10,65	0,50	0,32	0,22
Trigo	-0,02	0,85	-1,31	-1,13	1,68	0,44	2,02	0,95	0,76
Uva	0,00	0,03	-0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	-0,01	0,00
Complexo laranja	1,63	2,34	3,76	0,00	0,00	-0,04	0,02	-0,02	0,06
Complexo açúcar	0,18	0,29	-0,99	0,80	0,60	0,31	-0,30	-0,08	-0,08
Complexo soja	0,46	0,72	-0,18	20,26	49,09	59,68	2,53	1,31	1,06

Tabela 4
Vantagem Comparativa Revelada
Corrigida pelo Índice para Eliminação da Influência das
Mudanças Não-Específicas do País Estudado (f^*ik)

	Brasil			Argentina			Chile		
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão	0,07	-0,12	-1,23	0,09	0,29	0,37	-0,73	-1,29	-0,78
Açúcar bruto	0,48	0,23	0,97	0,29	0,13	0,11	-0,14	-0,01	0,00
Açúcar refinado	0,65	0,36	0,46	0,15	0,08	-0,12	-1,31	-1,17	-0,47
Arroz	-0,31	-0,40	-0,54	0,20	0,12	0,30	-0,27	-0,44	-0,26
Aves	1,13	0,73	0,93	-0,16	-0,06	-0,17	0,02	0,29	0,23
Bovino	0,15	-0,11	0,28	3,03	2,03	1,79	-0,38	-0,28	-1,72
Cacau	0,90	0,53	0,45	-0,06	-0,06	-0,06	-0,19	-0,40	-0,52
Café	2,06	1,73	1,88	-0,30	-0,31	-0,15	-0,17	-0,25	-0,27
Cebola	0,00	-0,01	-0,05	0,00	0,01	0,11	0,18	0,36	0,14
Laranjas	0,05	0,04	0,04	0,07	0,16	0,16	-0,02	0,01	0,00
Laticínios	-0,26	-0,51	-0,39	0,18	0,33	0,08	-1,02	-1,01	-0,88
Leite	-0,22	-0,38	-0,26	0,08	0,16	0,06	-0,78	-0,94	-0,66
Maçãs	-0,19	-0,17	-0,07	0,80	0,54	0,40	3,78	4,87	3,74
Milho	-0,22	-0,18	-0,40	3,53	1,75	2,74	-0,48	-0,51	-0,62
Óleo de soja	0,70	0,49	0,52	0,72	2,05	2,56	-1,07	-0,87	-0,90
Porco	0,00	-0,04	0,14	-0,01	-0,01	-0,19	-0,05	0,07	0,21
Soja	0,39	1,15	1,50	2,32	2,23	2,76	0,00	0,00	-0,01
Suco de laranja	2,00	1,71	1,63	0,02	0,04	0,01	-0,02	-0,03	-0,03
Tabaco	0,96	1,07	1,40	0,27	0,40	0,56	-0,10	0,20	0,35
Torta de soja	3,53	2,86	3,26	1,74	4,81	5,51	-0,28	-0,55	-0,85
Tortas	3,78	2,93	3,38	2,94	5,83	6,35	-0,30	-0,61	-0,91
Trigo	-1,71	-0,98	-2,19	4,32	2,96	3,70	-3,42	-0,37	-2,33
Uva	-0,01	-0,02	0,00	0,01	0,03	0,01	7,46	9,68	7,34
Complexo laranja	1,97	1,96	1,72	0,08	0,19	0,16	-0,04	-0,03	-0,03
Complexo açúcar	1,05	0,56	1,46	0,50	0,23	0,00	-0,95	-0,86	-0,45
Complexo soja	4,11	4,51	5,21	4,87	9,02	10,88	-1,47	-1,37	-1,81

Continuação - Tabela 4

	Uruguai			Paraguai			Estados Unidos		
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão	-1,05	-1,00	-0,66	15,57	37,49	39,05	0,36	0,35	0,39
Açúcar bruto	-0,06	-0,19	-1,07	0,28	0,42	0,41	-0,11	-0,06	-0,10
Açúcar refinado	0,44	0,65	0,02	-0,05	-0,14	-0,10	0,04	0,03	0,02
Arroz	8,40	10,78	13,40	0,00	0,00	0,08	0,23	0,17	0,14
Aves	0,68	0,40	0,09	0,00	0,00	-0,02	0,14	0,15	0,18
Bovino	23,79	18,73	16,61	1,61	14,00	10,28	-0,20	0,01	0,13
Cacau	-0,21	-0,31	-0,20	0,00	0,00	-0,02	-0,05	-0,05	-0,05
Café	-0,15	-0,20	-0,18	0,05	1,71	0,25	-0,23	-0,19	-0,18
Cebola	-0,03	-0,03	-0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Laranja	1,41	2,13	3,74	0,00	0,00	-0,03	0,06	0,05	0,05
Laticínios	3,63	5,77	7,79	-0,17	-0,23	-0,95	0,00	-0,01	0,02
Leite	0,54	1,99	4,20	-0,19	-0,34	-0,91	0,07	0,05	0,05
Maçãs	0,00	0,01	-0,02	0,00	0,00	0,03	0,03	0,03	0,06
Milho	-0,15	-0,70	-0,92	0,03	0,02	0,76	1,10	1,08	0,91
Óleo de soja	-0,04	-0,02	-0,07	0,23	0,80	7,24	0,09	0,07	0,06
Porco	-0,09	-0,09	-0,32	0,00	0,00	0,00	-0,02	-0,03	0,02
Soja	0,26	0,48	0,11	9,39	40,32	40,90	0,94	0,80	0,79
Suco de laranja	0,01	0,17	0,16	0,00	0,00	-0,02	-0,04	-0,05	0,01
Tabaco	-0,57	-0,58	-0,72	1,45	1,24	1,34	0,27	0,19	0,15
Torta de soja	0,04	0,12	-0,24	1,25	2,09	10,08	0,32	0,23	0,20
Tortas	0,21	0,17	-0,25	2,69	3,76	10,89	0,36	0,27	0,22
Trigo	-0,13	0,80	-1,43	-0,62	1,52	0,81	1,10	0,88	0,90
Uva	0,00	0,03	-0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	-0,01	0,00
Complexo laranja	1,41	2,17	3,82	0,00	0,00	-0,05	0,02	-0,01	0,06
Complexo açúcar	0,13	0,18	-1,08	0,40	0,46	0,33	-0,13	-0,06	-0,09
Complexo soja	0,28	0,60	-0,18	11,75	43,52	59,02	1,42	1,11	1,05

Tabela 5
Taxa de Cobertura
Brasil — 1980/94

	1980	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Algodão	2,87	*	0,24	4,14	0,28	0,70	0,82	1,13	0,13	0,01	0,01
Açúcar bruto	*	*	*	*	*	*	*	*	16,09	39,18	58,88
Açúcar refinado	*	*	*	*	*	*	*	*	* 1.183,1	0	928,82
Arroz	0,00	0,03	0,00	0,05	0,20	0,05	0,01	0,00	0,02	0,03	0,00
Aves	*	*	*	*	*	*	714,25	2.334,26	*	*	969,78
Bovino	0,20	5,75	0,42	1,47	22,55	0,55	0,35	1,54	2,35	7,55	2,31
Cacau	*	*	*	*	*	*	*	*	94,76	84,40	144,71
Café	*	*	*	*	*	*	*	*	4.639,71	484,55	*
Cebola	*	0,00	0,00	*	*	*	*	0,01	0,01	0,01	0,00
Laranja	*	*	*	*	*	*	*	*	151,67	*	78,30
Laticínios	0,06	0,04	0,00	0,01	0,16	0,01	0,00	0,01	0,13	0,15	0,01
Leite	0,04	0,05	0,00	0,01	0,49	0,01	0,00	0,01	0,13	0,18	0,01
Maçãs	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,02	0,04	0,03	0,65	0,42	0,26
Milho	0,00	0,01	0,00	0,00	0,07	0,01	0,00	0,00	0,01	0,01	0,01
Óleo de soja	11,57	8,86	2,03	23,03	9,81	15,54	72,36	6,74	6,67	4,88	5,38
Porco	*	28,05	0,31	0,38	*	0,23	6,32	37,28	*	55,70	22,61
Soja	3,21	18,03	4,33	6,89	16,55	54,68	278,26	6,64	7,32	31,54	7,02
Suco de laranja	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	* 10.288,9
Tabaco	182,87	3.371,63	998,29	3.055,12	2.877,78	138,04	120,32	37,59	22,36	26,89	24,61
Torta de soja	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Tortas	*	*	*	*	*	*	3.295,23	*	2.252,82	1.252,8	8.562,81
Trigo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Uvas	0,09	0,60	1,64	0,49	0,67	0,11	0,18	0,71	1,60	2,82	0,92
Complexo laranja	*	*	*	*	*	*	*	*	8.319,31	*	2.172,78
Complexo açúcar	*	*	*	*	*	*	*	*	29,20	55,24	72,96
Complexo soja	14,23	23,05	12,99	24,23	41,16	82,96	362,21	21,35	17,50	32,63	12,05

* Não houve importação.

Taxa de Cobertura
Argentina — 1980/94

	1980	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Algodão	6,73	4,44	0,11	0,26	51,84	6,23	14,07	18,53	8,52	1,43	22,42
Açúcar bruto	*	*	*	*	*	*	*	*	*	11,81	2,41
Açúcar refinado	*	*	*	*	*	*	*	77,31	*	4,69	0,02
Arroz	30,10	*	*	*	*	*	16,10	7,71	29,75	33,68	19,83
Aves	0,00	*	0,00	0,15	0,19	0,13	0,92	0,20	0,01	0,01	0,02
Bovino	*	*	*	*	*	*	*	66,38	18,81	34,19	78,48
Cacau	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,01	0,00	0,00
Café	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00
Cebola	0,59	*	*	*	0,12	*	*	45,43	*	*	208,46
Laranja	0,59	*	*	*	*	*	*	*	353,69	*	51,28
Laticínios	0,51	3,15	4,01	1,15	10,67	107,04	50,35	0,94	0,28	1,24	2,38
Leite	0,30	0,05	1,15	0,10	9,23	77,50	35,84	0,64	0,26	1,24	2,59
Maçãs	58,19	*	*	*	*	*	*	132,16	122,38	35,74	31,20
Milho	2.409,86	666,00	256,54	154,67	207,34	85,91	192,46	193,21	159,95	139,72	149,95
Óleo de soja	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Porco	0,00	*	1,41	0,39	*	*	*	0,04	0,00	0,00	0,01
Soja	535,94	*	*	*	*	*	*	*	*	*	2.301,53
Suco de laranja	1,80	*	*	*	*	*	*	38,88	4,80	3,79	0,21
Tabaco	12,20	45,00	283,84	95,68	226,80	421,11	47,40	17,80	33,57	8,94	11,06
Torta de soja	60,66	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Tortas	242,04	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Trigo	*	*	211,30	*	*	*	1.893,35	148,21	290,97	18.371,75	177,71
Uvas	0,81	*	*	*	*	*	*	24,28	1,62	0,89	1,51
Complexo laranja	0,72	*	*	*	*	*	*	241,85	28,38	28,35	5,48
Complexo açúcar	*	*	*	*	*	*	*	344,55	*	10,80	0,17
Complexo soja	321,98	*	*	*	*	*	*	*	*	*	8.985,89

* Não houve importação.

Taxa de Cobertura
Chile — 1980/94

	1980	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Algodão	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Açúcar bruto	0,00	0,00	*	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	*	*	*
Açúcar refinado	0,26	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Arroz	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	2,90	0,16	0,01	0,03	0,00	0,00
Aves	0,00	0,02	*	*	*	*	*	*	21,58	*	*
Bovino	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,04	0,01	0,00	0,00	0,00
Cacau	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00
Café	0,00	0,00	0,00	0,00	0,06	0,14	0,07	0,05	0,05	0,00	0,00
Cebola	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Laranja	0,00	*	0,95	*	*	*	*	*	*	*	*
Laticínios	0,03	0,21	5,51	0,19	0,10	0,07	0,23	0,24	0,16	0,22	0,48
Leite	0,06	0,27	5,00	0,18	0,10	0,07	0,25	0,26	0,17	0,25	0,66
Maçãs	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Milho	0,00	2,42	0,07	0,04	0,15	2,04	0,92	0,36	0,65	0,49	0,45
Óleo de soja	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00
Porco	0,00	*	*	*	*	0,00	*	62,45	66,12	10,85	61,68
Soja	0,00	*	*	*	*	*	0,15	0,18	0,03	0,47	0,27
Suco de laranja	*	0,01	0,20	0,22	0,09	0,06	0,03	0,52	0,35	0,24	0,21
Tabaco	0,00	6,90	2,08	9,76	3,01	2,49	2,57	2,44	2,66	3,75	9,31
Torta de soja	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Tortas	0,21	0,00	0,29	0,03	0,07	0,10	0,05	0,00	0,00	0,00	0,00
Trigo	0,00	0,00	0,00	0,52	0,00	*	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00
Uvas	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Complexo laranja	0,00	0,04	0,46	0,22	0,12	0,29	0,19	0,80	0,36	0,25	0,24
Complexo açúcar	0,13	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Complexo soja	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00

*Não houve importação.

Taxa de Cobertura
Uruguai — 1980/94

	1980	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Algodão	0,00	0,00	0,00	0,03	0,21	0,01	0,01	0,01	0,00	0,01	0,01
Açúcar bruto	0,00	0,00	*	*	0,00	0,00	2,04	0,00	0,14	0,17	0,14
Açúcar refinado	*	*	*	*	*	2,58	*	*	2,95	0,00	0,00
Arroz	*	*	*	*	*	8.936,00	53,78	35,42	*	*	44,52
Aves	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Bovino	*	*	*	*	*	*	647,68	96,54	245,99	*	1.929,85
Cacau	0,00	0,00	0,03	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Café	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Cebola	0,29	*	*	*	*	0,07	0,04	0,00	0,00	0,03	1,14
Laranja	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Laticínios	22,31	*	157,68	138,03	105,62	324,77	347,14	164,99	77,19	136,43	94,38
Leite	6,88	*	25,80	59,63	46,60	*	*	218,64	211,54	182,76	198,95
Maçãs	0,80	*	*	*	*	*	0,64	*	0,15	4,77	0,11
Milho	0,10	0,41	0,00	0,00	0,14	0,00	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00
Óleo de soja	*	0,00	0,06	*	*	*	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Porco	*	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Soja	14,55	*	124,17	23,37	1,89	9,42	47,58	19,23	1,49	4,26	*
Suco de laranja	*	*	*	*	*	18,88	19,53	31,42	*	10,81	3,02
Tabaco	0,00	0,00	0,10	0,02	0,25	0,09	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
Torta de soja	*	*	0,31	1,22	22,00	*	1,07	0,51	0,00	0,00	0,00
Tortas	8,52	*	2,26	2,17	9,28	21,19	6,71	0,28	0,31	0,00	0,00
Trigo	0,00	*	0,00	0,00	0,00	9,52	*	*	0,00	0,00	0,00
Uvas	*	*	*	*	*	*	*	*	*	0,07	0,06
Complexo laranja	*	*	*	*	*	130,79	147,14	272,32	*	288,71	154,38
Complexo açúcar	0,00	37,14	*	*	1,89	1,24	10,51	0,34	0,36	0,15	0,13
Complexo soja	21,52	5,20	11,17	5,81	2,30	16,11	17,26	1,71	0,56	0,44	0,14

*Não houve importação.

Taxa de Cobertura
Paraguai — 1980/94

	1980	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Algodão	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Açúcar bruto	*	*	*	*	*	1,91	*	*	*	*	*
Açúcar refinado	*	*	0,00	0,00	*	0,00	*	*	0,00	*	0,00
Arroz	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Aves	*	*	*	0,00	*	*	*	*	*	0,00	0,00
Bovino	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	14,61
Cacau	0,00	*	*	0,00	*	*	*	0,00	0,00	0,00	0,00
Café	*	*	*	*	*	*	*	*	*	4,19	1,82
Cebola	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Laranja	*	*	*	*	*	*	*	*	0,08	0,00	0,15
Laticínios	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,52	0,39	0,06	0,00	0,00	0,00
Leite	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Maçãs	*	*	*	*	*	*	*	*	1,84	*	0,76
Milho	*	*	*	*	*	*	*	*	4,64	0,37	6,50
Óleo de soja	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Porco	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Soja	*	40,03	10,25	*	269,86	981,97	124,39	113,86	232,58	*	*
Suco de laranja	*	*	*	*	*	*	*	*	*	0,00	0,00
Tabaco	*	2,01	8,85	4,48	9,95	8,12	4,05	2,51	2,48	1,53	1,27
Torta de soja	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Tortas	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Trigo	0,00	0,00	0,00	*	*	*	*	0,00	0,00	0,00	17,37
Uvas	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Complexo laranja	*	*	*	*	*	*	*	*	0,08	0,00	0,03
Complexo açúcar	*	*	1,06	1,36	*	1,39	*	*	5,35	*	0,17
Complexo soja	*	42,42	12,71	*	295,47	1.019,83	131,71	128,68	383,47	*	*

*Não houve importação.

Taxa de Cobertura
Estados Unidos — 1980/94

	1980	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Algodão	806,17	103,64	224,58	2.853,22	1.886,90	644,83	5.373,03	602,30	829,41	2.923,27	370,42
Açúcar bruto	0,00	0,00	0,00	0,03	0,00	0,00	0,01	0,02	0,01	0,00	0,01
Açúcar refinado	103,15	3,33	5,73	4,98	6,65	11,37	6,43	4,72	2,42	1,70	1,85
Arroz	1.019,71	22,82	16,28	13,15	11,92	13,67	9,61	8,08	6,90	6,20	6,76
Aves	*	72,45	83,36	91,28	88,92	151,82	182,80	161,19	275,27	221,09	331,26
Bovino	0,15	0,37	0,48	0,50	0,65	0,86	0,84	0,93	1,06	1,06	1,37
Cacau	0,05	0,04	0,07	0,07	0,06	0,09	0,07	0,05	0,05	0,05	0,08
Café	0,08	0,05	0,07	0,07	0,09	0,07	0,08	0,07	0,08	0,12	0,15
Cebola	1,51	0,38	0,49	0,39	0,39	0,53	0,74	0,58	0,58	0,75	0,82
Laranja	28,06	12,13	12,42	11,41	18,41	17,49	14,16	3,07	13,11	10,98	8,69
Laticínios	0,44	0,76	0,75	0,63	0,89	0,77	0,48	0,60	1,01	1,07	0,82
Leite	18,92	12,57	13,00	11,14	12,08	7,67	2,80	6,60	8,76	8,25	5,15
Maçãs	3,63	1,28	1,22	1,28	1,96	1,98	4,30	4,80	3,52	3,74	4,91
Milho	1.195,73	258,01	78,19	327,81	276,17	110,43	246,87	121,50	66,08	67,20	46,11
Óleo de soja	*	19,05	113,35	43,48	3,83	32,10	17,68	28,02	51,19	19,61	15,28
Porco	1,19	0,15	0,14	0,19	0,47	0,57	0,55	0,61	1,04	1,00	1,08
Soja	2.978,69	4.002,18	762,82	1.802,07	283,87	166,28	230,15	143,94	274,60	205,04	90,26
Suco de laranja	2,18	0,18	0,14	0,14	0,17	0,28	0,30	0,84	0,81	1,09	0,95
Tabaco	3,19	3,13	1,96	1,77	2,66	1,99	2,01	1,39	1,66	1,32	1,78
Torta de soja	*	*	*	*	*	749,69	486,50	284,06	149,28	113,49	145,19
Tortas	371,84	55,89	75,84	42,29	36,27	23,40	23,87	19,08	17,73	13,21	8,83
Trigo	4.343,02	97,17	109,82	75,53	76,04	100,60	46,21	48,12	22,48	20,59	13,51
Uvas	2,18	0,38	0,52	0,47	0,45	0,73	0,71	0,85	0,77	0,87	0,92
Complexo laranja	4,71	0,59	0,57	0,48	0,41	0,67	0,60	1,27	1,54	2,10	1,76
Complexo açúcar	0,17	0,06	0,12	0,23	0,21	0,23	0,20	0,24	0,18	0,14	0,21
Complexo soja	4.153,31	222,90	736,60	694,71	48,23	149,16	138,76	134,29	190,85	120,48	65,39

* Não houve importação.

Taxa de Cobertura
 Mercosul — 1980/95

	1980	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995
Algodão	7,07	10,78	0,80	2,73	2,53	2,19	3,45	3,87	1,29	0,26	0,55	1,35
Açúcar bruto	162,41	2193,50	*	*	96,89	38,99	561,46	32,29	10,51	19,18	17,11	44,03
Açúcar refinado	*	*	57,79	90,16	*	60,78	*	1214,23	161,72	95,52	1,75	7,16
Arroz	1,10	1,40	0,34	2,25	3,05	2,05	0,88	0,41	1,05	1,10	0,71	0,91
Aves	8,44	*	13,71	13,33	327,29	111,61	149,77	85,25	10,18	10,69	10,12	19,52
Bovino	7,74	11,27	1,39	4,30	49,31	3,15	3,15	6,19	5,87	17,08	8,05	6,07
Cacau	35,18	72,66	34,25	37,14	50,31	41,75	36,28	15,53	10,81	12,88	9,38	10,47
Cacau	22,30	38,01	13,58	26,15	29,83	32,32	28,86	27,42	21,97	21,63	24,90	16,45
Café	0,40	0,00	0,00	*	0,20	2,08	7,89	0,73	1,18	0,97	1,13	0,97
Cebola	4,02	*	*	*	*	*	*	*	119,35	295,53	90,71	76,80
Laranja	0,32	1,33	0,20	0,39	3,39	0,65	1,06	0,44	0,46	0,80	0,69	0,43
Laticínios	0,14	0,27	0,03	0,10	4,09	0,47	0,74	0,31	0,38	0,73	0,68	0,46
Leite	1,64	2,17	1,28	2,36	1,77	1,12	1,33	1,47	3,85	2,83	1,36	0,96
Maçãs	1,90	19,14	2,32	3,17	39,14	6,61	3,25	3,47	7,60	2,82	2,26	3,26
Milho	13,10	13,36	5,15	40,69	23,79	30,21	160,86	22,96	19,00	14,43	11,18	15,70
Óleo de soja	0,00	4,59	0,32	0,37	66,28	0,26	5,71	1,65	1,44	1,31	1,13	0,15
Porco	8,42	32,33	12,93	11,62	28,65	74,81	337,73	22,11	14,22	56,43	11,88	7,83
Soja	399,03	*	*	*	*	9026,84	10176,75	2988,89	828,16	475,44	134,61	118,88
Suco de laranja	26,56	55,37	136,35	78,94	94,99	65,46	53,29	23,93	18,80	15,54	15,58	3,40
Tabaco	1357,95	*	3555,87	1835,74	26799,33	*	16959,33	2893,01	1693,85	1101,59	541,96	889,75
Torta de soja	815,31	*	4014,67	2005,83	10869,90	12541,04	4296,20	2996,18	1142,79	677,69	553,58	565,68
Tortas	0,76	1,89	1,32	1,15	2,86	2,88	2,39	0,93	1,09	0,86	0,78	1,01
Trigo	0,32	0,90	2,13	1,21	1,38	0,53	0,80	1,41	1,61	1,90	1,07	0,51
Uva	48,30	*	*	*	*	9516,73	10652,40	3293,19	577,72	448,33	128,29	112,80
Complexo laranja	215,97	3881,41	122,39	188,07	164,96	46,57	984,41	52,63	17,59	25,05	6,15	19,60
Complexo açúcar	18,89	34,14	22,80	37,29	66,76	123,21	498,37	47,10	33,39	58,40	20,38	20,35

* Não houve importação.

Tabela 6

Indicador de Assimetria

	1980/86	1987/91	1992/94
Brasil	0,40	0,30	0,26
Argentina	0,49	0,49	0,43
Chile	0,06	0,06	0,05
Uruguai	0,29	0,25	0,27
Paraguai	0,70	0,76	0,80
Estados Unidos	0,13	0,07	0,06

Tabela 7

Vantagem Comparativa Revelada Corrigida pelo PIB
Classificada em Ordem Decendente pelo Período 1992/94

	Brasil			Argentina			
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	
Complexo soja	7,36	5,19	5,27	Complexo soja	8,39	10,52	10,99
Tortas	5,43	3,41	3,2	Tortas	4,13	6,97	6,08
Torta de soja	5,25	3,35	3,12	Torta de soja	2,5	5,79	5,31
Café	6,92	3,17	2,45	Trigo	7,95	3,18	3,13
Complexo laranja	2,25	2,13	1,7	Óleo de soja	1,31	2,16	2,89
Suco de laranja	2,2	2,08	1,66	Soja	4,59	2,57	2,79
Soja	0,75	1,33	1,52	Milho	6,71	1,9	2,44
Complexo açúcar	2,47	0,76	1,33	Bovino	3,11	2	1,66
Tabaco	1,33	1,03	1,2	Tabaco	0,38	0,38	0,49
Aves	0,87	0,59	0,99	Maçãs	0,87	0,48	0,37
Açúcar bruto	1,61	0,42	0,92	Algodão	0,2	0,41	0,36
Óleo de soja	1,37	0,52	0,63	Arroz	0,28	0,12	0,3
Cacau	2,01	0,81	0,47	Complexo laranja	0,09	0,21	0,16
Açúcar refinado	0,86	0,34	0,41	Laranja	0,07	0,16	0,15
Bovino	0,14	-0,11	0,26	Cebola	0	0,02	0,12
Porco	0	-0,04	0,12	Açúcar bruto	1	0,24	0,1
Laranja	0,05	0,04	0,04	Laticínios	0,18	0,32	0,06
Uva	-0,01	-0,02	0	Leite	0,07	0,16	0,04
Cebola	0	-0,01	-0,06	Complexo açúcar	1,21	0,32	0,01
Maçãs	-0,2	-0,15	-0,06	Suco de laranja	0,02	0,05	0,01
Leite	-0,19	-0,34	-0,24	Uva	0,01	0,03	0,01
Milho	-0,38	-0,19	-0,34	Cacau	-0,12	-0,08	-0,07
Laticínios	-0,25	-0,48	-0,36	Açúcar refinado	0,21	0,08	-0,1
Arroz	-0,39	-0,36	-0,53	Porco	0	-0,01	-0,18
Algodão	0,15	-0,18	-1,13	Aves	-0,12	-0,05	-0,18
Trigo	-3,15	-1	-1,82	Café	-1,02	-0,58	-0,19

Vantagem Comparativa Revelada
Corrigida pelo PIB
Classificada em Ordem Descendente pelo Período 1992/94

	Chile			Uruguai			
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	
Uva	6,96	9,86	7,44	Bovino	23,35	18,4	15,46
Maçãs	3,76	4,33	3,45	Arroz	11,38	10,1	13,07
Tabaco	-0,15	0,19	0,3	Laticínios	3,4	5,44	7,29
Aves	0,01	0,24	0,25	Leite	0,44	1,78	3,92
Porco	-0,04	0,07	0,19	Complexo laranja	1,63	2,34	3,76
Cebola	0,18	0,34	0,16	Laranja	1,62	2,15	3,6
Laranja	-0,03	0	0	Suco de laranja	0,01	0,2	0,16
Açúcar bruto	-0,53	-0,02	0	Soja	0,49	0,57	0,12
Soja	0	0	-0,01	Aves	0,52	0,31	0,1
Complexo laranja	-0,05	-0,03	-0,03	Açúcar refinado	0,41	0,59	0,04
Suco de laranja	-0,02	-0,04	-0,03	Uva	0	0,03	-0,01
Arroz	-0,38	-0,38	-0,25	Maçãs	0	0,01	-0,02
Café	-0,58	-0,47	-0,34	Cebola	-0,03	-0,03	-0,04
Açúcar refinado	-1,71	-1,1	-0,43	Óleo de soja	-0,08	-0,02	-0,07
Complexo açúcar	-2,25	-1,12	-0,43	Complexo soja	0,46	0,72	-0,18
Milho	-0,97	-0,52	-0,53	Cacau	-0,49	-0,46	-0,21
Cacau	-0,44	-0,57	-0,53	Café	-0,52	-0,36	-0,22
Leite	-0,65	-0,86	-0,63	Tortas	0,28	0,22	-0,23
Algodão	-1,28	-1,84	-0,74	Torta de soja	0,05	0,16	-0,23
Torta de soja	-0,41	-0,64	-0,82	Porco	-0,07	-0,08	-0,29
Laticínios	-0,99	-0,97	-0,85	Tabaco	-0,8	-0,56	-0,62
Tortas	-0,42	-0,7	-0,87	Algodão	-1,81	-1,42	-0,63
Óleo de soja	-2,16	-0,89	-1	Milho	-0,24	-0,77	-0,79
Bovino	-0,36	-0,28	-1,6	Complexo açúcar	0,18	0,29	-0,99
Complexo soja	-2,57	-1,54	-1,83	Açúcar bruto	-0,23	-0,3	-1,02
Trigo	-6,39	-0,38	-1,94	Trigo	-0,02	0,85	-1,31

Vantagem Comparativa Revelada
Corrigida pelo PIB
Classificada em Ordem Descendente pelo Período 1992/94

	Paraguai				Estados Unidos		
	1980/86	1987/91	1992/94		1980/86	1987/91	1992/94
Complexo soja	20,26	49,09	59,68	Complexo soja	2,53	1,31	1,06
Soja	18,16	45,91	41,61	Milho	2,21	1,19	0,81
Algodão	28,89	52,29	36,89	Soja	1,89	0,96	0,8
Tortas	3,67	4,34	10,65	Trigo	2,02	0,95	0,76
Torta de soja	1,73	2,38	9,88	Algodão	0,69	0,5	0,37
Bovino	1,56	13,7	9,62	Tortas	0,5	0,32	0,22
Óleo de soja	0,36	0,8	8,19	Torta de soja	0,47	0,28	0,19
Tabaco	1,95	1,22	1,15	Aves	0,11	0,12	0,19
Milho	0,05	0,03	0,6	Tabaco	0,37	0,19	0,13
Trigo	-1,13	1,68	0,44	Arroz	0,34	0,17	0,13
Açúcar bruto	0,85	0,73	0,4	Bovino	-0,2	0,01	0,12
Complexo açúcar	0,8	0,6	0,31	Óleo de soja	0,17	0,07	0,07
Café	0,15	2,74	0,3	Complexo laranja	0,02	-0,02	0,06
Arroz	0	0	0,08	Laranja	0,07	0,05	0,05
Maçãs	0	0	0,03	Leite	0,06	0,05	0,05
Cebola	0	0	0	Maçãs	0,03	0,03	0,05
Porco	0	0	0	Laticínios	0	0	0,02
Uva	0	0	0	Porco	-0,02	-0,03	0,02
Aves	0	0	-0,02	Açúcar refinado	0,06	0,03	0,01
Laranja	0	0	-0,02	Suco de laranja	-0,05	-0,07	0,01
Suco de laranja	0	0	-0,02	Cebola	0	0	0
Cacau	-0,01	-0,01	-0,03	Uva	0	-0,01	0
Complexo laranja	0	0	-0,04	Cacau	-0,1	-0,07	-0,05
Açúcar refinado	-0,04	-0,13	-0,09	Complexo açúcar	-0,3	-0,08	-0,08
Leite	-0,16	-0,3	-0,84	Açúcar bruto	-0,36	-0,11	-0,09
Laticínios	-0,17	-0,21	-0,88	Café	-0,76	-0,34	-0,22

Tabela 8
Vantagem Comparativa Revelada
Corrigida pelo Índice para Eliminação das Influências Não-Específicas do País Estudado
Classificada em Ordem Descendente pelo Período 1992/94

	Brasil			Argentina			
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	
Complexo soja	4,11	4,51	5,21	Complexo soja	4,87	9,02	10,88
Tortas	3,78	2,93	3,38	Tortas	2,94	5,83	6,35
Torta de soja	3,53	2,86	3,26	Torta de soja	1,74	4,81	5,51
Café	2,06	1,73	1,88	Trigo	4,32	2,96	3,7
Complexo laranja	1,97	1,96	1,72	Soja	2,32	2,23	2,76
Suco de laranja	2	1,71	1,63	Milho	3,53	1,75	2,74
Soja	0,39	1,15	1,5	Óleo de soja	0,72	2,05	2,56
Complexo açúcar	1,05	0,56	1,46	Bovino	3,03	2,03	1,79
Tabaco	0,96	1,07	1,4	Tabaco	0,27	0,4	0,56
Açúcar bruto	0,48	0,23	0,97	Maçãs	0,8	0,54	0,4
Aves	1,13	0,73	0,93	Algodão	0,09	0,29	0,37
Óleo de soja	0,7	0,49	0,52	Arroz	0,2	0,12	0,3
Açúcar refinado	0,65	0,36	0,46	Complexo laranja	0,08	0,19	0,16
Cacau	0,9	0,53	0,45	Laranja	0,07	0,16	0,16
Bovino	0,15	-0,11	0,28	Açúcar bruto	0,29	0,13	0,11
Porco	0	-0,04	0,14	Cebola	0	0,01	0,11
Laranja	0,05	0,04	0,04	Laticínios	0,18	0,33	0,08
Uva	-0,01	-0,02	0	Leite	0,08	0,16	0,06
Cebola	0	-0,01	-0,05	Suco de laranja	0,02	0,04	0,01
Maçãs	-0,19	-0,17	-0,07	Uva	0,01	0,03	0,01
Leite	-0,22	-0,38	-0,26	Complexo açúcar	0,5	0,23	0
Laticínios	-0,26	-0,51	-0,39	Cacau	-0,06	-0,06	-0,06
Milho	-0,22	-0,18	-0,4	Açúcar refinado	0,15	0,08	-0,12
Arroz	-0,31	-0,4	-0,54	Café	-0,3	-0,31	-0,15
Algodão	0,07	-0,12	-1,23	Aves	-0,16	-0,06	-0,17
Trigo	-1,71	-0,98	-2,19	Porco	-0,01	-0,01	-0,19

Vantagem Comparativa Revelada
Corrigida pelo Índice para Eliminação das Influências Não-Específicas do País Estudado
Classificada em Ordem Decendente pelo Período 1992/94

	Chile			Uruguai			
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	
Uva	7,46	9,68	7,34	Bovino	23,79	18,73	16,61
Maçãs	3,78	4,87	3,74	Arroz	8,4	10,78	13,4
Tabaco	-0,1	0,2	0,35	Laticínios	3,63	5,77	7,79
Aves	0,02	0,29	0,23	Leite	0,54	1,99	4,2
Porco	-0,05	0,07	0,21	Complexo laranja	1,41	2,17	3,82
Cebola	0,18	0,36	0,14	Laranja	1,41	2,13	3,74
Laranja	-0,02	0,01	0	Suco de laranja	0,01	0,17	0,16
Açúcar bruto	-0,14	-0,01	0	Soja	0,26	0,48	0,11
Soja	0	0	-0,01	Aves	0,68	0,4	0,09
Suco de laranja	-0,02	-0,03	-0,03	Açúcar refinado	0,44	0,65	0,02
Complexo laranja	-0,04	-0,03	-0,03	Uva	0	0,03	-0,01
Arroz	-0,27	-0,44	-0,26	Maçãs	0	0,01	-0,02
Café	-0,17	-0,25	-0,27	Cebola	-0,03	-0,03	-0,04
Complexo açúcar	-0,95	-0,86	-0,45	Óleo de soja	-0,04	-0,02	-0,07
Açúcar refinado	-1,31	-1,17	-0,47	Complexo soja	0,28	0,6	-0,18
Cacau	-0,19	-0,4	-0,52	Café	-0,15	-0,2	-0,18
Milho	-0,48	-0,51	-0,62	Cacau	-0,21	-0,31	-0,2
Leite	-0,78	-0,94	-0,66	Torta de soja	0,04	0,12	-0,24
Algodão	-0,73	-1,29	-0,78	Tortas	0,21	0,17	-0,25
Torta de soja	-0,28	-0,55	-0,85	Porco	-0,09	-0,09	-0,32
Laticínios	-1,02	-1,01	-0,88	Algodão	-1,05	-1	-0,66
Óleo de soja	-1,07	-0,87	-0,9	Tabaco	-0,57	-0,58	-0,72
Tortas	-0,3	-0,61	-0,91	Milho	-0,15	-0,7	-0,92
Bovino	-0,38	-0,28	-1,72	Açúcar bruto	-0,06	-0,19	-1,07
Complexo soja	-1,47	-1,37	-1,81	Complexo açúcar	0,13	0,18	-1,08
Trigo	-3,42	-0,37	-2,33	Trigo	-0,13	0,8	-1,43

Vantagem Comparativa Revelada
 Corrigida pelo Índice para Eliminação das Influências Não-Específicas do País Estudado
 Classificada em Ordem Decendente pelo Período 1992/94

Paraguai				Estados Unidos			
	1980/86	1987/91	1992/94		1980/86	1987/91	1992/94
Complexo soja	11,75	43,52	59,02	Complexo soja	1,42	1,11	1,05
Soja	9,39	40,32	40,9	Milho	1,1	1,08	0,91
Algodão	15,57	37,49	39,05	Trigo	1,1	0,88	0,9
Tortas	2,69	3,76	10,89	Soja	0,94	0,8	0,79
Bovino	1,61	14	10,28	Algodão	0,36	0,35	0,39
Torta de soja	1,25	2,09	10,08	Tortas	0,36	0,27	0,22
Óleo de soja	0,23	0,8	7,24	Torta de soja	0,32	0,23	0,2
Tabaco	1,45	1,24	1,34	Aves	0,14	0,15	0,18
Trigo	-0,62	1,52	0,81	Tabaco	0,27	0,19	0,15
Milho	0,03	0,02	0,76	Arroz	0,23	0,17	0,14
Açúcar bruto	0,28	0,42	0,41	Bovino	-0,2	0,01	0,13
Complexo açúcar	0,4	0,46	0,33	Óleo de soja	0,09	0,07	0,06
Café	0,05	1,71	0,25	Maçãs	0,03	0,03	0,06
Arroz	0	0	0,08	Complexo laranja	0,02	-0,01	0,06
Maçãs	0	0	0,03	Leite	0,07	0,05	0,05
Cebola	0	0	0	Laranja	0,06	0,05	0,05
Porco	0	0	0	Açúcar refinado	0,04	0,03	0,02
Uva	0	0	0	Laticínios	0	-0,01	0,02
Aves	0	0	-0,02	Porco	-0,02	-0,03	0,02
Cacau	0	0	-0,02	Suco de laranja	-0,04	-0,05	0,01
Suco de laranja	0	0	-0,02	Cebola	0	0	0
Laranja	0	0	-0,03	Uva	0	-0,01	0
Complexo laranja	0	0	-0,05	Cacau	-0,05	-0,05	-0,05
Açúcar refinado	-0,05	-0,14	-0,1	Complexo açúcar	-0,13	-0,06	-0,09
Leite	-0,19	-0,34	-0,91	Açúcar bruto	-0,11	-0,06	-0,1
Laticínios	-0,17	-0,23	-0,95	Café	-0,23	-0,19	-0,18

Tabela 9
Posição no Mercado Mundial dos Produtos — em % (Sik)

	Brasil			Argentina			Chile		
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão	0,73	-0,07	-7,44	0,44	1,19	1,14	-0,37	-0,53	-0,52
Açúcar bruto	5,23	2,93	11,12	1,36	0,58	0,46	-0,16	-0,01	0,00
Açúcar refinado	7,38	4,39	4,91	0,63	0,42	-0,70	-1,16	-0,66	-0,39
Arroz	-2,79	-2,95	-4,12	0,85	0,50	1,23	-0,20	-0,23	-0,22
Aves	13,09	8,91	9,98	-0,52	-0,15	-0,95	-0,01	0,20	0,20
Bovino	1,07	0,40	1,26	4,14	2,82	2,56	-0,10	-0,05	-0,51
Cacau	14,50	9,20	6,93	-0,24	-0,20	-0,49	-0,19	-0,31	-0,63
Café	19,47	17,63	16,77	-0,74	-0,59	-0,68	-0,10	-0,11	-0,19
Cebola	-0,01	-0,55	-3,07	0,01	0,53	3,41	1,05	1,75	0,88
Laranja	0,90	0,84	0,75	0,44	1,09	1,11	-0,04	0,01	0,00
Laticínios	-0,52	-0,84	-0,65	0,13	0,31	0,01	-0,20	-0,11	-0,16
Leite	-0,95	-1,32	-0,91	0,11	0,34	0,01	-0,31	-0,22	-0,26
Maçãs	-3,79	-2,74	-0,99	6,95	4,39	3,49	6,07	6,89	6,51
Milho	-1,05	-0,76	-1,68	7,90	3,83	6,09	-0,24	-0,13	-0,29
Óleo de soja	21,33	16,68	15,76	8,46	22,51	28,50	-2,06	-1,24	-2,05
Porco	0,04	-0,08	0,85	-0,03	-0,02	-0,60	-0,03	0,03	0,10
Soja	4,24	11,65	13,39	8,35	8,27	9,31	0,00	0,00	-0,01
Suco de laranja	59,81	54,07	45,85	0,17	0,45	0,07	-0,03	-0,04	-0,06
Tabaco	9,91	11,55	13,55	0,97	1,52	2,05	-0,11	0,13	0,27
Torta de soja	34,98	30,83	30,93	6,88	17,40	20,59	-0,19	-0,27	-0,65
Tortas	29,19	24,61	24,90	8,88	16,39	18,45	-0,16	-0,23	-0,54
Trigo	-4,75	-2,31	-5,29	5,61	3,74	4,77	-0,85	-0,06	-0,62
Uva	-0,17	-0,45	0,24	0,10	0,35	0,05	17,74	20,83	19,62
Complexo laranja	23,97	24,17	18,91	0,33	0,81	0,68	-0,04	-0,01	-0,03
Complexo açúcar	5,76	3,41	8,07	1,12	0,53	-0,12	-0,47	-0,25	-0,20
Complexo soja	17,23	20,24	20,67	7,91	13,88	16,67	-0,38	-0,27	-0,57

Posição no Mercado Mundial dos Produtos — em % (Sik)

	Uruguai			Paraguai			Estados Unidos		
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão	-0,17	-0,14	-0,13	1,72	3,06	2,56	28,80	28,07	30,57
Açúcar bruto	-0,03	-0,04	-0,32	0,05	0,05	0,04	-15,82	-8,98	-13,93
Açúcar refinado	0,09	0,14	0,00	-0,02	-0,02	-0,02	3,66	2,95	1,27
Arroz	2,01	2,14	2,53	0,00	0,00	0,01	23,12	16,96	13,01
Aves	0,19	0,08	0,02	0,00	0,00	0,00	15,08	15,31	18,29
Bovino	2,10	1,33	1,11	0,07	0,50	0,30	-11,25	-3,53	1,87
Cacau	-0,07	-0,08	-0,07	0,00	0,00	-0,01	-9,55	-9,80	-10,27
Café	-0,03	-0,03	-0,04	0,01	0,15	0,01	-27,77	-23,61	-21,20
Cebola	-0,10	-0,04	-0,08	0,00	0,00	0,00	-0,83	-7,00	-4,47
Laranja	0,56	0,74	1,23	0,00	0,00	-0,01	11,36	8,33	9,34
Laticínios	0,19	0,25	0,33	-0,01	-0,01	-0,05	-0,95	-0,83	-0,08
Leite	0,06	0,19	0,38	-0,03	-0,02	-0,09	3,62	2,34	2,43
Maçãs	0,00	0,01	-0,02	0,00	0,00	0,00	5,40	5,72	11,76
Milho	-0,02	-0,07	-0,13	0,00	0,00	0,03	62,05	59,24	49,71
Óleo de soja	-0,02	-0,01	-0,05	0,08	0,22	1,65	24,37	17,40	17,18
Porco	-0,01	-0,01	-0,05	0,00	0,00	0,00	-3,81	-4,22	0,18
Soja	0,06	0,09	0,02	1,10	3,51	2,85	81,09	66,94	65,67
Suco de laranja	0,01	0,09	0,08	0,00	0,00	-0,01	-20,96	-23,72	-1,02
Tabaco	-0,14	-0,09	-0,17	0,18	0,11	0,05	22,55	13,74	9,93
Torta de soja	0,01	0,02	-0,06	0,15	0,20	0,77	29,89	21,54	18,34
Tortas	0,04	0,03	-0,05	0,26	0,28	0,64	26,03	19,25	15,79
Trigo	0,00	0,05	-0,11	-0,06	0,05	0,00	35,56	27,75	28,11
Uva	0,00	0,02	-0,01	0,00	0,00	0,00	-3,88	-8,32	-3,17
Complexo laranja	0,34	0,46	0,76	0,00	0,00	-0,01	-2,01	-5,86	5,16
Complexo açúcar	0,00	0,02	-0,16	0,03	0,03	0,01	-9,92	-4,66	-6,32
Complexo soja	0,03	0,05	-0,02	0,62	1,71	1,85	55,22	41,87	39,68

Tabela 10
Posição Corrigida no Mercado Mundial dos Produtos (S'ik)

	Brasil			Argentina			Chile		
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão	0,36	-0,04	-8,13	0,21	0,87	1,19	-0,21	-0,38	-0,55
Açúcar bruto	1,61	1,65	11,71	0,40	0,32	0,47	-0,04	0,00	0,00
Açúcar refinado	6,77	4,78	5,51	0,50	0,42	-0,86	-0,88	-0,71	-0,43
Arroz	-2,32	-3,34	-4,22	0,63	0,54	1,26	-0,14	-0,27	-0,22
Aves	17,78	11,37	9,43	-0,66	-0,21	-0,89	0,00	0,24	0,19
Bovino	1,15	0,39	1,35	4,09	2,86	2,77	-0,11	-0,05	-0,55
Cacau	6,57	6,23	6,75	-0,11	-0,15	-0,48	-0,09	-0,23	-0,62
Café	5,87	10,04	13,80	-0,22	-0,34	-0,57	-0,03	-0,06	-0,16
Cebola	-0,02	-0,49	-2,80	0,01	0,51	3,11	1,09	1,85	0,78
Laranja	0,80	0,84	0,78	0,39	1,11	1,15	-0,04	0,01	0,00
Laticínios	-0,55	-0,89	-0,71	0,14	0,33	0,02	-0,20	-0,12	-0,17
Leite	-1,12	-1,47	-1,00	0,12	0,36	0,04	-0,38	-0,24	-0,27
Maçãs	-3,63	-3,13	-1,09	6,64	4,92	3,79	6,07	7,85	7,08
Milho	-0,68	-0,73	-2,00	4,36	3,59	6,91	-0,12	-0,13	-0,35
Óleo de soja	11,13	15,80	13,69	5,03	21,72	26,00	-1,08	-1,22	-1,88
Porco	0,07	-0,09	0,94	-0,04	-0,02	-0,67	-0,05	0,03	0,11
Soja	2,34	10,10	13,20	4,34	7,51	9,19	0,00	0,00	-0,01
Suco de laranja	56,12	45,11	45,38	0,17	0,37	0,08	-0,03	-0,03	-0,06
Tabaco	7,27	12,01	16,06	0,71	1,57	2,38	-0,07	0,14	0,33
Torta de soja	24,26	26,43	32,41	4,99	15,13	21,44	-0,13	-0,24	-0,67
Tortas	20,98	21,27	26,33	6,59	14,40	19,36	-0,11	-0,21	-0,57
Trigo	-2,62	-2,30	-6,54	3,16	3,58	5,77	-0,45	-0,06	-0,77
Uva	-0,22	-0,47	0,23	0,11	0,35	0,05	19,53	20,56	19,36
Complexo laranja	20,81	22,28	19,21	0,28	0,76	0,70	-0,04	-0,01	-0,03
Complexo açúcar	2,64	2,51	8,85	0,48	0,38	-0,15	-0,19	-0,20	-0,21
Complexo soja	9,90	17,58	20,45	4,71	12,41	16,51	-0,21	-0,25	-0,56

Posição Corrigida no Mercado Mundial dos Produtos (S'ik)

	Uruguai			Paraguai			Estados Unidos		
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão	-0,10	-0,10	-0,14	0,94	2,18	2,72	15,09	19,95	32,41
Açúcar bruto	-0,01	-0,03	-0,34	0,02	0,03	0,04	-4,97	-5,09	-14,50
Açúcar refinado	0,10	0,16	-0,01	-0,02	-0,02	-0,03	2,69	3,14	1,41
Arroz	1,49	2,30	2,60	0,00	0,00	0,01	16,19	17,90	13,30
Aves	0,24	0,11	0,02	0,00	0,00	0,00	20,18	19,51	17,18
Bovino	2,12	1,35	1,20	0,07	0,51	0,32	-11,39	-3,60	2,08
Cacau	-0,03	-0,06	-0,07	0,00	0,00	-0,01	-4,33	-6,99	-10,01
Café	-0,01	-0,02	-0,03	0,00	0,10	0,01	-8,32	-13,57	-18,29
Cebola	-0,10	-0,04	-0,08	0,00	0,00	0,00	-1,74	-7,37	-4,21
Laranja	0,49	0,74	1,28	0,00	0,00	-0,01	10,12	8,42	9,70
Laticínios	0,20	0,27	0,35	-0,01	-0,01	-0,05	-1,01	-0,89	-0,10
Leite	0,07	0,21	0,41	-0,03	-0,02	-0,10	4,39	2,54	2,58
Maçãs	0,00	0,01	-0,02	0,00	0,00	0,00	5,05	6,39	12,88
Milho	-0,01	-0,06	-0,16	0,00	0,00	0,04	32,34	54,25	56,65
Óleo de soja	-0,01	-0,01	-0,05	0,05	0,22	1,49	13,45	16,40	15,76
Porco	-0,01	-0,01	-0,06	0,00	0,00	0,00	-4,78	-4,70	0,19
Soja	0,03	0,07	0,02	0,57	3,09	2,80	41,30	57,08	64,69
Suco de laranja	0,01	0,08	0,08	0,00	0,00	-0,01	-16,54	-18,96	-0,99
Tabaco	-0,10	-0,09	-0,20	0,13	0,11	0,06	16,48	14,47	11,79
Torta de soja	0,01	0,02	-0,06	0,11	0,17	0,78	20,80	18,37	19,00
Tortas	0,03	0,02	-0,05	0,19	0,25	0,66	18,73	16,61	16,38
Trigo	-0,01	0,05	-0,12	-0,03	0,04	0,01	19,78	25,79	33,90
Uva	0,00	0,02	-0,01	0,00	0,00	0,00	-3,52	-8,10	-3,13
Complexo laranja	0,30	0,43	0,78	0,00	0,00	-0,01	-1,20	-5,16	5,27
Complexo açúcar	0,01	0,01	-0,18	0,01	0,02	0,01	-4,68	-3,44	-6,84
Complexo soja	0,02	0,04	-0,02	0,36	1,52	1,83	31,68	36,19	39,28

Tabela 11
Participação do Saldo Comercial dos Produtos no PIB (yik)

	Brasil			Argentina			Chile		
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão	0,19	-0,02	-0,98	0,33	0,73	0,31	-1,21	-1,65	-0,75
Açúcar bruto	1,68	0,54	1,09	1,11	0,36	0,09	-0,57	-0,02	0,00
Açúcar refinado	0,92	0,44	0,49	0,24	0,14	-0,12	-1,77	-1,00	-0,42
Arroz	-0,35	-0,30	-0,46	0,34	0,18	0,26	-0,37	-0,34	-0,26
Aves	0,97	0,76	1,17	-0,11	-0,04	-0,21	0,02	0,26	0,24
Bovino	0,29	0,12	0,38	3,62	2,90	1,46	-0,36	-0,25	-1,63
Cacau	2,29	1,07	0,56	-0,10	-0,07	-0,08	-0,42	-0,51	-0,54
Café	7,85	4,21	2,86	-0,88	-0,46	-0,22	-0,55	-0,42	-0,34
Cebola	0,00	-0,01	-0,05	0,00	0,02	0,11	0,18	0,39	0,16
Laranja	0,06	0,05	0,05	0,10	0,22	0,13	-0,03	0,01	0,00
Laticínios	-0,22	-0,40	-0,31	0,26	0,61	-0,02	-0,98	-0,84	-0,88
Leite	-0,17	-0,28	-0,20	0,10	0,32	-0,01	-0,63	-0,74	-0,66
Maçãs	-0,19	-0,12	-0,05	1,01	0,64	0,33	4,05	4,89	3,42
Milho	-0,35	-0,16	-0,30	8,25	2,65	2,17	-0,97	-0,39	-0,55
Óleo de soja	1,61	0,72	0,79	1,77	3,10	2,56	-2,05	-0,81	-1,02
Porco	0,00	-0,01	0,15	0,00	-0,01	-0,20	-0,04	0,07	0,19
Soja	0,96	1,82	1,87	5,65	3,61	2,48	0,00	0,00	-0,01
Suco de laranja	2,63	2,73	1,98	0,02	0,08	0,01	-0,02	-0,03	-0,03
Tabaco	1,52	1,35	1,46	0,48	0,56	0,43	-0,13	0,25	0,29
Torta de soja	5,79	4,44	3,70	3,26	8,27	4,72	-0,39	-0,58	-0,83
Tortas	6,00	4,52	3,80	5,25	9,98	5,41	-0,40	-0,62	-0,88
Trigo	-2,91	-0,83	-1,58	10,13	4,76	2,78	-6,22	-0,33	-1,97
Uva	0,00	-0,01	0,01	0,01	0,04	0,00	7,68	11,11	7,33
Complexo laranja	2,69	2,78	2,03	0,12	0,30	0,14	-0,05	-0,03	-0,03
Complexo açúcar	2,61	0,98	1,58	1,35	0,50	-0,03	-2,34	-1,02	-0,42
Complexo soja	8,37	6,98	6,35	10,67	14,97	9,75	-2,44	-1,39	-1,86

Participação do Saldo Comercial dos Produtos no PIB (yik)

	Uruguai			Paraguai			Estados Unidos		
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão	-1,73	-1,32	-0,73	21,64	47,98	26,04	0,61	0,43	0,33
Açúcar bruto	-0,28	-0,29	-1,28	0,63	0,69	0,29	-0,41	-0,13	-0,11
Açúcar refinado	0,46	0,64	0,01	-0,09	-0,14	-0,16	0,05	0,02	0,01
Arroz	11,79	10,95	11,33	0,00	0,00	0,05	0,30	0,14	0,11
Aves	0,51	0,34	0,09	0,00	0,00	-0,04	0,10	0,10	0,17
Bovino	24,23	20,09	13,48	1,06	12,77	6,66	-0,27	-0,08	0,04
Cacau	-0,48	-0,43	-0,24	-0,01	-0,01	-0,04	-0,12	-0,08	-0,06
Café	-0,51	-0,33	-0,26	0,11	2,85	0,16	-0,92	-0,43	-0,27
Cebola	-0,04	-0,03	-0,05	0,00	0,00	0,00	0,00	-0,01	-0,01
Laranja	1,74	2,30	3,13	0,00	0,00	-0,05	0,06	0,04	0,05
Laticínios	3,61	5,89	6,29	-0,24	-0,28	-1,59	-0,03	-0,03	0,00
Leite	0,47	1,91	3,39	-0,23	-0,35	-1,51	0,05	0,04	0,04
Maçãs	0,00	0,01	-0,04	0,00	0,00	0,01	0,02	0,02	0,04
Milho	-0,24	-0,71	-0,93	0,04	0,02	0,34	1,95	1,03	0,71
Óleo de soja	-0,08	-0,02	-0,08	0,26	0,67	5,72	0,15	0,06	0,06
Porco	-0,07	-0,07	-0,34	0,00	0,00	0,00	-0,04	-0,05	0,00
Soja	0,50	0,66	0,09	13,47	43,58	29,05	1,67	0,82	0,71
Suco de laranja	0,01	0,22	0,14	0,00	0,00	-0,04	-0,08	-0,09	0,00
Tabaco	-0,80	-0,51	-0,72	1,38	0,93	0,42	0,29	0,12	0,08
Torta de soja	0,05	0,19	-0,27	1,29	2,19	7,01	0,41	0,24	0,17
Tortas	0,25	0,26	-0,28	2,74	3,99	7,56	0,44	0,27	0,19
Trigo	0,09	1,02	-1,49	-1,69	1,71	-0,25	1,79	0,82	0,67
Uva	0,00	0,04	-0,01	0,00	0,00	0,00	-0,01	-0,02	-0,01
Complexo laranja	1,75	2,52	3,27	0,00	0,00	-0,08	-0,02	-0,05	0,04
Complexo açúcar	0,19	0,35	-1,27	0,54	0,55	0,12	-0,36	-0,10	-0,10
Complexo soja	0,47	0,84	-0,27	15,02	46,44	41,78	2,23	1,12	0,94

Tabela 12
Participação Corrigida do Saldo Comercial dos Produtos no PIB (y'ik)

	Brasil			Argentina			Chile		
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão	0,10	-0,01	-1,06	0,16	0,52	0,32	-0,68	-1,16	-0,80
Açúcar bruto	0,50	0,30	1,15	0,33	0,19	0,09	-0,15	-0,01	0,00
Açúcar refinado	0,74	0,47	0,55	0,19	0,14	-0,15	-1,31	-1,07	-0,46
Arroz	-0,28	-0,34	-0,47	0,24	0,19	0,27	-0,25	-0,38	-0,26
Aves	1,29	0,96	1,10	-0,14	-0,05	-0,20	0,03	0,32	0,23
Bovino	0,30	0,12	0,41	3,55	2,95	1,57	-0,37	-0,25	-1,75
Cacau	1,02	0,69	0,54	-0,05	-0,05	-0,07	-0,18	-0,36	-0,52
Café	2,33	2,27	2,23	-0,26	-0,24	-0,17	-0,16	-0,22	-0,27
Cebola	0,00	-0,01	-0,05	0,00	0,02	0,10	0,19	0,40	0,14
Laranja	0,05	0,05	0,05	0,09	0,23	0,14	-0,02	0,01	0,00
Laticínios	-0,24	-0,42	-0,34	0,26	0,63	-0,01	-1,01	-0,88	-0,91
Leite	-0,20	-0,31	-0,22	0,11	0,34	0,00	-0,77	-0,81	-0,68
Maçãs	-0,18	-0,14	-0,05	0,94	0,73	0,35	4,09	5,50	3,69
Milho	-0,20	-0,15	-0,35	4,39	2,41	2,43	-0,47	-0,39	-0,64
Óleo de soja	0,81	0,68	0,66	0,95	2,94	2,27	-1,01	-0,79	-0,92
Porco	0,01	-0,01	0,16	-0,01	-0,01	-0,22	-0,06	0,08	0,20
Soja	0,51	1,56	1,84	2,88	3,19	2,45	0,00	0,00	-0,01
Suco de laranja	2,27	2,23	1,96	0,02	0,06	0,01	-0,02	-0,03	-0,03
Tabaco	1,10	1,40	1,69	0,34	0,59	0,49	-0,08	0,25	0,35
Torta de soja	3,93	3,74	3,86	2,29	6,92	4,89	-0,27	-0,50	-0,86
Tortas	4,21	3,83	3,99	3,77	8,40	5,64	-0,29	-0,55	-0,92
Trigo	-1,57	-0,82	-1,91	5,53	4,41	3,28	-3,32	-0,33	-2,36
Uva	-0,01	-0,02	0,01	0,01	0,04	0,00	8,16	10,90	7,23
Complexo laranja	2,31	2,56	2,06	0,10	0,28	0,14	-0,04	-0,02	-0,03
Complexo açúcar	1,14	0,72	1,73	0,58	0,36	-0,04	-0,97	-0,79	-0,45
Complexo soja	4,70	5,98	6,29	6,21	12,98	9,66	-1,39	-1,24	-1,84

Participação Corrigida do Saldo Comercial dos Produtos no PIB (y'ik)

	Uruguai			Paraguai			Estados Unidos		
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão	-0,99	-0,93	-0,77	11,60	34,08	27,54	0,31	0,31	0,34
Açúcar bruto	-0,08	-0,18	-1,34	0,21	0,39	0,29	-0,12	-0,07	-0,11
Açúcar refinado	0,50	0,70	0,00	-0,11	-0,16	-0,19	0,03	0,02	0,01
Arroz	8,88	11,65	11,62	0,00	0,00	0,05	0,20	0,15	0,12
Aves	0,67	0,43	0,08	0,00	-0,01	-0,04	0,12	0,13	0,16
Bovino	24,81	20,46	14,45	1,10	13,03	7,10	-0,27	-0,08	0,05
Cacau	-0,20	-0,29	-0,23	0,00	-0,01	-0,04	-0,05	-0,06	-0,06
Café	-0,15	-0,18	-0,21	0,03	1,72	0,14	-0,27	-0,23	-0,22
Cebola	-0,04	-0,03	-0,05	0,00	0,00	0,00	0,00	-0,01	-0,01
Laranja	1,52	2,29	3,25	0,00	0,00	-0,05	0,05	0,04	0,05
Laticínios	3,87	6,24	6,72	-0,26	-0,30	-1,72	-0,04	-0,03	0,00
Leite	0,58	2,13	3,63	-0,28	-0,40	-1,64	0,06	0,04	0,05
Maçãs	0,00	0,01	-0,04	0,00	0,00	0,01	0,02	0,02	0,05
Milho	-0,14	-0,65	-1,09	0,02	0,02	0,44	0,97	0,93	0,80
Óleo de soja	-0,04	-0,02	-0,08	0,16	0,67	5,08	0,08	0,05	0,06
Porco	-0,09	-0,08	-0,39	0,00	0,00	0,00	-0,05	-0,06	0,00
Soja	0,27	0,55	0,09	6,92	38,10	28,54	0,83	0,69	0,70
Suco de laranja	0,01	0,18	0,14	0,00	0,00	-0,03	-0,06	-0,07	0,00
Tabaco	-0,58	-0,53	-0,85	1,02	0,95	0,47	0,21	0,13	0,10
Torta de soja	0,04	0,14	-0,29	0,93	1,90	7,15	0,28	0,20	0,18
Tortas	0,19	0,20	-0,30	2,00	3,41	7,72	0,31	0,23	0,20
Trigo	-0,07	0,95	-1,64	-0,94	1,52	-0,07	0,97	0,75	0,79
Uva	0,00	0,04	-0,01	0,00	0,00	0,00	-0,01	-0,02	-0,01
Complexo laranja	1,51	2,33	3,32	0,00	0,00	-0,08	-0,01	-0,05	0,04
Complexo açúcar	0,14	0,22	-1,39	0,26	0,42	0,12	-0,16	-0,08	-0,10
Complexo soja	0,29	0,70	-0,26	8,65	40,85	41,32	1,25	0,95	0,93

Tabela 13
 Contribuição dos Produtos ao Saldo Global dos Produtos Agrícolas
 em Relação à Média das Trocas (cik)

	Brasil			Argentina			Chile		
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão	-0,01	-0,69	-2,12	-0,53	-0,30	0,01	-0,66	-0,94	-0,45
Açúcar bruto	0,73	0,31	0,71	0,22	0,05	0,01	-0,22	-0,01	0,00
Açúcar refinado	0,42	0,24	0,34	0,04	0,02	-0,35	-0,77	-0,55	-0,26
Arroz	-0,84	-0,74	-0,99	0,05	0,00	0,08	-0,19	-0,22	-0,16
Aves	0,44	0,44	0,81	-0,28	-0,15	-0,61	-0,01	0,05	0,06
Bovino	-0,49	-0,76	-0,02	0,62	0,45	0,49	-0,18	-0,14	-0,98
Cacau	1,03	0,54	0,37	-0,27	-0,21	-0,22	-0,22	-0,29	-0,32
Café	3,52	2,18	1,98	-2,26	-1,40	-0,61	-0,29	-0,25	-0,21
Cebola	0,00	-0,02	-0,11	0,00	0,00	0,05	0,10	0,07	0,04
Laranja	0,03	0,03	0,03	-0,01	0,04	0,05	-0,01	0,00	0,00
Laticínios	-0,54	-0,99	-0,69	-0,25	-0,30	-0,82	-0,49	-0,53	-0,62
Leite	-0,39	-0,69	-0,46	-0,10	-0,22	-0,54	-0,32	-0,47	-0,48
Maçãs	-0,40	-0,32	-0,15	0,17	0,12	0,12	1,98	0,95	0,90
Milho	-0,87	-0,40	-0,63	1,32	0,42	0,87	-0,47	-0,38	-0,54
Óleo de soja	0,38	0,28	0,30	0,28	0,51	1,07	-1,07	-0,45	-0,61
Porco	-0,03	-0,13	0,10	-0,02	-0,06	-0,59	-0,02	0,01	0,05
Soja	-0,30	0,74	0,97	0,98	0,65	1,03	0,00	0,00	-0,01
Suco de laranja	1,15	1,48	1,36	0,00	0,01	-0,02	-0,01	-0,02	-0,02
Tabaco	0,68	0,74	0,90	0,04	0,05	0,10	-0,08	0,00	0,04
Torta de soja	2,58	2,35	2,56	0,55	1,34	1,97	-0,21	-0,33	-0,50
Tortas	2,67	2,38	2,62	0,88	1,61	2,26	-0,21	-0,36	-0,53
Trigo	-6,08	-2,07	-3,42	1,45	0,70	1,14	-3,13	-0,20	-1,19
Uva	-0,02	-0,05	-0,01	0,00	0,00	-0,03	3,24	2,12	1,95
Complexo laranja	1,17	1,51	1,39	-0,01	0,05	0,03	-0,02	-0,02	-0,02
Complexo açúcar	1,15	0,55	1,05	0,26	0,07	-0,34	-0,99	-0,56	-0,26
Complexo soja	2,65	3,36	3,82	1,82	2,49	4,07	-1,28	-0,78	-1,12

Contribuição dos Produtos ao Saldo Global dos Produtos Agrícolas
em Relação à Média das Trocas (cik)

	Uruguai			Paraguai			Estados Unidos		
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão	-1,85	-1,35	-0,63	9,30	7,53	8,00	0,53	0,41	0,28
Açúcar bruto	-0,34	-0,31	-1,23	0,26	0,00	0,08	-0,69	-0,19	-0,16
Açúcar refinado	0,08	0,09	-0,07	-0,14	-0,17	-0,10	0,04	0,02	0,00
Arroz	2,40	1,85	3,37	0,00	0,00	0,02	0,26	0,12	0,09
Aves	0,12	0,06	0,02	0,00	-0,01	-0,03	0,08	0,09	0,14
Bovino	4,91	3,47	4,08	0,48	1,68	2,02	-0,55	-0,27	-0,13
Cacau	-0,52	-0,43	-0,21	-0,02	-0,02	-0,03	-0,21	-0,13	-0,09
Café	-0,55	-0,33	-0,22	0,06	0,27	0,03	-1,60	-0,67	-0,41
Cebola	-0,06	-0,03	-0,05	0,00	0,00	0,00	-0,01	-0,02	-0,02
Laranja	0,34	0,43	0,95	0,00	0,00	-0,04	0,05	0,04	0,04
Laticínios	0,65	1,02	1,89	-0,44	-0,32	-1,12	-0,12	-0,08	-0,05
Leite	0,06	0,33	1,02	-0,42	-0,33	-1,07	0,05	0,03	0,03
Maçãs	-0,01	0,00	-0,04	0,00	0,00	0,00	0,01	0,01	0,03
Milho	-0,30	-0,72	-0,80	0,02	0,00	0,09	1,68	0,96	0,61
Óleo de soja	-0,08	-0,02	-0,07	0,12	0,15	1,80	0,13	0,05	0,05
Porco	-0,07	-0,07	-0,30	0,00	0,00	0,00	-0,10	-0,11	-0,04
Soja	0,10	-0,03	-0,01	4,95	6,11	8,96	1,47	0,79	0,61
Suco de laranja	0,00	0,03	0,03	0,00	0,00	-0,02	-0,16	-0,16	-0,03
Tabaco	-0,97	-0,54	-0,63	0,33	-0,06	-0,14	0,14	0,04	-0,02
Torta de soja	-0,05	-0,01	-0,24	0,57	0,35	2,10	0,36	0,23	0,15
Tortas	-0,03	-0,01	-0,25	1,23	0,67	2,26	0,39	0,26	0,15
Trigo	-1,13	-0,18	-1,26	-2,97	0,08	-0,49	1,54	0,76	0,55
Uva	0,00	0,00	-0,01	0,00	0,00	0,00	-0,03	-0,06	-0,04
Complexo laranja	0,34	0,45	0,98	0,00	0,00	-0,06	-0,10	-0,13	0,00
Complexo açúcar	-0,26	-0,21	-1,29	0,12	-0,17	-0,02	-0,65	-0,17	-0,15
Complexo soja	-0,03	-0,06	-0,32	5,64	6,60	12,86	1,96	1,07	0,81

Tabela 14
Contribuição Corrigida dos Produtos ao Saldo Global dos Produtos Agrícolas
em Relação à Média das Trocas (c'ik)

	Brasil			Argentina			Chile		
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão	-0,02	-0,48	-2,31	-0,31	-0,20	0,00	-0,38	-0,66	-0,48
Açúcar bruto	0,22	0,18	0,75	0,06	0,03	0,01	-0,06	-0,01	0,00
Açúcar refinado	0,34	0,26	0,38	0,03	0,02	-0,42	-0,61	-0,59	-0,28
Arroz	-0,67	-0,83	-1,01	0,04	0,00	0,09	-0,14	-0,24	-0,16
Aves	0,58	0,53	0,76	-0,36	-0,19	-0,58	-0,01	0,06	0,06
Bovino	-0,50	-0,78	-0,02	0,60	0,45	0,53	-0,19	-0,14	-1,06
Cacau	0,45	0,37	0,36	-0,12	-0,14	-0,21	-0,10	-0,20	-0,32
Café	1,02	1,26	1,53	-0,65	-0,74	-0,49	-0,08	-0,13	-0,16
Cebola	0,00	-0,02	-0,10	0,00	0,00	0,04	0,10	0,08	0,04
Laranja	0,02	0,03	0,03	-0,01	0,04	0,06	-0,01	0,00	0,00
Laticínios	-0,57	-1,06	-0,74	-0,26	-0,32	-0,85	-0,50	-0,55	-0,65
Leite	-0,46	-0,77	-0,50	-0,13	-0,26	-0,56	-0,38	-0,52	-0,50
Maçãs	-0,38	-0,36	-0,16	0,16	0,13	0,13	1,92	1,06	0,97
Milho	-0,51	-0,39	-0,74	0,72	0,40	0,97	-0,24	-0,36	-0,63
Óleo de soja	0,19	0,27	0,25	0,17	0,48	0,95	-0,53	-0,44	-0,55
Porco	-0,04	-0,15	0,11	-0,04	-0,07	-0,64	-0,03	0,01	0,05
Soja	-0,12	0,67	0,95	0,51	0,56	1,02	0,00	0,00	-0,01
Suco de laranja	1,04	1,23	1,34	0,00	0,01	-0,02	-0,01	-0,02	-0,02
Tabaco	0,50	0,76	1,06	0,03	0,05	0,11	-0,05	0,00	0,06
Torta de soja	1,77	2,07	2,67	0,40	1,12	2,04	-0,14	-0,28	-0,52
Tortas	1,89	2,11	2,76	0,65	1,36	2,35	-0,15	-0,32	-0,56
Trigo	-3,31	-2,04	-4,09	0,82	0,67	1,35	-1,68	-0,20	-1,43
Uva	-0,02	-0,05	-0,01	0,00	0,00	-0,03	3,63	2,07	1,92
Complexo laranja	1,02	1,40	1,41	-0,01	0,04	0,03	-0,02	-0,02	-0,02
Complexo açúcar	0,51	0,41	1,15	0,11	0,05	-0,39	-0,42	-0,43	-0,27
Complexo soja	1,54	3,02	3,78	1,10	2,14	4,03	-0,73	-0,69	-1,11

Contribuição Corrigida dos Produtos ao Saldo Global dos Produtos Agrícolas
em Relação à Média das Trocas (c'ik)

	Uruguai			Paraguai			Estados Unidos		
	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão	-1,06	-0,95	-0,66	4,92	5,44	8,43	0,27	0,29	0,29
Açúcar bruto	-0,09	-0,19	-1,28	0,08	0,01	0,09	-0,21	-0,11	-0,16
Açúcar refinado	0,09	0,11	-0,08	-0,17	-0,19	-0,12	0,02	0,02	0,00
Arroz	1,74	1,96	3,45	0,00	0,00	0,02	0,17	0,13	0,09
Aves	0,15	0,08	0,02	0,00	-0,01	-0,03	0,11	0,12	0,13
Bovino	4,99	3,53	4,40	0,49	1,71	2,16	-0,54	-0,27	-0,14
Cacau	-0,23	-0,29	-0,20	-0,01	-0,01	-0,03	-0,10	-0,09	-0,09
Café	-0,16	-0,18	-0,18	0,02	0,17	0,02	-0,48	-0,37	-0,33
Cebola	-0,05	-0,03	-0,05	0,00	0,00	0,00	-0,01	-0,02	-0,02
Laranja	0,29	0,42	0,98	0,00	0,00	-0,04	0,05	0,04	0,04
Laticínios	0,70	1,08	2,03	-0,46	-0,35	-1,20	-0,13	-0,08	-0,06
Leite	0,08	0,37	1,10	-0,51	-0,37	-1,14	0,06	0,04	0,03
Maçãs	-0,01	0,00	-0,05	0,00	0,00	0,00	0,01	0,01	0,03
Milho	-0,18	-0,65	-0,94	0,01	0,00	0,12	0,86	0,87	0,68
Óleo de soja	-0,04	-0,02	-0,07	0,07	0,15	1,57	0,07	0,05	0,05
Porco	-0,09	-0,08	-0,34	0,00	0,00	0,00	-0,12	-0,12	-0,04
Soja	0,05	-0,02	-0,01	2,48	5,22	8,82	0,74	0,65	0,60
Suco de laranja	0,00	0,02	0,03	0,00	0,00	-0,02	-0,13	-0,13	-0,03
Tabaco	-0,69	-0,57	-0,74	0,25	-0,06	-0,16	0,11	0,04	-0,02
Torta de soja	-0,03	-0,02	-0,25	0,40	0,30	2,15	0,25	0,19	0,15
Tortas	-0,01	-0,02	-0,27	0,88	0,57	2,32	0,28	0,22	0,16
Trigo	-0,68	-0,17	-1,39	-1,63	0,06	-0,46	0,85	0,70	0,65
Uva	0,00	0,01	-0,01	0,00	0,00	0,00	-0,04	-0,05	-0,04
Complexo laranja	0,29	0,42	0,99	0,00	0,00	-0,06	-0,08	-0,11	0,00
Complexo açúcar	-0,08	-0,18	-1,41	0,04	-0,11	-0,02	-0,29	-0,13	-0,17
Complexo soja	-0,01	-0,05	-0,32	3,19	5,74	12,73	1,12	0,90	0,80

Tabela 15
Adaptação à Demanda Mundial (Ai1) em Relação a dk1
Somatório em Relação aos Produtos

	1980/86	1987/91	1992/94
Brasil	1,47	2,81	3,27
Argentina	2,44	3,41	5,86
Chile	0,54	-1,36	-4,22
Uruguai	4,83	4,42	5,55
Paraguai	6,38	12,65	22,54
Estados Unidos	2,08	2,13	1,99

Tabela 16
Adaptação à Demanda Mundial (Ai1) em Relação a dk1
Somatório em Relação aos Anos

	Brasil	Argentina	Chile	Uruguai	Paraguai	Estados Unidos
Algodão	-10,74	-2,87	-7,65	-13,98	90,67	4,24
Açúcar bruto	5,97	0,49	-0,09	-6,78	0,94	-2,30
Açúcar refinado	5,08	-1,62	-8,16	0,91	-2,93	0,24
Arroz	-12,45	0,59	-2,69	34,82	0,05	2,01
Aves	9,24	-4,82	0,52	1,27	-0,15	1,81
Bovino	-7,26	7,83	-6,43	67,51	19,65	-4,70
Cacau	5,73	-2,12	-2,56	-3,38	-0,20	-1,37
Café	18,32	-9,79	-1,86	-2,62	0,84	-5,89
Cebola	-0,53	0,13	1,17	-0,63	-0,01	-0,20
Laranja	0,44	0,46	-0,05	8,09	-0,13	0,63
Laticínios	-13,43	-5,35	-8,11	18,59	-9,75	-1,39
Leite	-9,56	-3,36	-6,71	7,04	-9,82	0,68
Maçãs	-4,91	2,03	20,83	-0,20	-0,06	0,22
Milho	-7,56	10,21	-5,74	-8,05	1,60	12,36
Óleo de soja	3,79	7,03	-7,70	-0,60	7,11	0,80
Porco	-0,75	-2,28	0,08	-2,07	0,00	-1,55
Soja	5,94	9,42	-0,04	0,20	76,85	10,18
Suco de laranja	17,90	-0,08	-0,24	0,22	-0,08	-1,64
Tabaco	10,19	0,68	-0,03	-9,55	-0,47	0,88
Torta de soja	32,19	15,92	-4,48	-1,37	12,68	2,98
Tortas	33,59	19,71	-4,96	-1,42	17,51	3,28
Trigo	-45,48	13,40	-17,16	-8,71	-10,44	11,20
Uva	-0,50	-0,08	41,43	-0,01	0,00	-0,69
Complexo laranja	19,27	0,36	-0,32	8,03	-0,21	-1,17
Complexo açúcar	10,63	-0,94	-5,70	-7,04	-0,71	-2,85
Complexo soja	39,72	32,47	-12,67	-1,60	99,06	14,35

Tabela 17
Adaptação à Demanda Mundial (Ai2) em Relação a dk2
Somatório em Relação aos Produtos

	1980/86	1987/91	1992/94
Brasil	1,37	2,81	3,27
Argentina	2,32	3,37	5,86
Chile	0,16	-1,38	-4,22
Uruguai	4,56	4,30	5,56
Paraguai	6,78	12,55	22,54
Estados Unidos	2,10	2,11	1,99

Tabela 18
Adaptação à Demanda Mundial (Ai2) em Relação a dk2
Somatório em Relação aos Anos

	Brasil	Argentina	Chile	Uruguai	Paraguai	Estados Unidos
Algodão	-10,73	-2,86	-7,74	-14,47	95,68	4,56
Açúcar bruto	6,47	0,67	-0,45	-7,01	1,04	-2,66
Açúcar refinado	5,38	-1,57	-8,42	0,87	-2,85	0,29
Arroz	-12,74	0,64	-2,77	35,80	0,05	2,18
Aves	9,47	-5,29	0,48	1,49	-0,15	1,89
Bovino	-7,63	8,79	-6,54	70,97	19,51	-5,37
Cacau	6,29	-2,23	-2,62	-3,67	-0,22	-1,48
Café	19,65	-10,39	-1,93	-2,80	0,91	-6,55
Cebola	-0,53	0,12	1,26	-0,72	-0,01	-0,20
Laranja	0,46	0,36	-0,07	8,14	-0,13	0,65
Laticínios	-13,91	-6,05	-8,51	18,88	-9,93	-1,52
Leite	-10,00	-3,85	-6,88	7,08	-9,97	0,69
Maçãs	-5,31	2,23	22,04	-0,21	-0,06	0,23
Milho	-8,39	10,75	-6,09	-8,14	1,61	13,36
Óleo de soja	4,05	7,06	-7,87	-0,60	7,26	0,89
Porco	-0,72	-2,51	0,06	-2,04	0,00	-1,55
Soja	5,86	10,09	-0,04	0,25	79,03	10,92
Suco de laranja	18,47	-0,10	-0,24	0,23	-0,08	-1,60
Tabaco	10,54	0,69	-0,17	-10,23	0,42	0,94
Torta de soja	33,94	15,94	-4,56	-1,32	13,68	3,27
Tortas	35,42	20,09	-4,99	-1,29	19,28	3,59
Trigo	-49,56	14,47	-18,50	-9,39	-12,43	12,11
Uva	-0,52	-0,10	41,69	-0,01	0,00	-0,68
Complexo laranja	19,58	0,22	-0,33	8,10	-0,21	-1,09
Complexo açúcar	11,54	-0,66	-6,45	-7,36	-0,57	-3,28
Complexo soja	41,34	33,32	-12,95	-1,52	102,44	15,50

Tabela 19
Contribuição dos Produtos Agrícolas Estudados (Hi)
Somatório em Relação aos Produtos

	1980/86	1987/91	1992/94
Brasil	1,43	2,81	3,26
Argentina	2,33	3,40	5,85
Chile	0,34	-1,36	-4,22
Uruguai	4,78	4,39	5,51
Paraguai	6,84	12,62	22,49
Estados Unidos	2,10	2,13	1,98

Tabela 20
Contribuição dos Produtos Agrícolas Estudados (Hi)
Somatório em Relação aos Anos

	Brasil	Argentina	Chile	Uruguai	Paraguai	Estados Unidos
Algodão	-10,72	-2,90	-7,79	-14,58	96,07	4,59
Açúcar bruto	6,45	0,65	-0,44	-7,02	1,03	-2,63
Açúcar refinado	5,44	-1,54	-8,54	0,91	-2,92	0,29
Arroz	-12,82	0,64	-2,79	36,00	0,05	2,20
Aves	9,69	-5,44	0,48	1,55	-0,15	1,94
Bovino	-7,79	8,95	-6,56	72,25	19,67	-5,52
Cacau	6,25	-2,22	-2,61	-3,65	-0,21	-1,47
Café	19,53	-10,32	-1,92	-2,78	0,91	-6,51
Cebola	-0,53	0,11	1,29	-0,74	-0,01	-0,20
Laranja	0,47	0,36	-0,08	8,20	-0,13	0,66
Laticínios	-14,03	-6,11	-8,64	19,02	-10,01	-1,55
Leite	-10,14	-3,90	-7,02	7,08	-10,09	0,71
Maçãs	-5,40	2,27	22,50	-0,21	-0,06	0,23
Milho	-8,39	10,74	-6,08	-8,14	1,60	13,35
Óleo de soja	4,06	7,08	-7,93	-0,60	7,23	0,90
Porco	-0,74	-2,51	0,05	-2,06	0,00	-1,60
Soja	5,87	10,10	-0,04	0,25	79,08	10,94
Suco de laranja	18,78	-0,10	-0,24	0,23	-0,08	-1,64
Tabaco	10,61	0,70	-0,17	-10,32	0,45	0,96
Torta de soja	34,15	15,99	-4,57	-1,32	13,71	3,30
Tortas	35,63	20,18	-5,00	-1,28	19,35	3,62
Trigo	-49,49	14,45	-18,46	-9,39	-12,39	12,11
Uva	-0,52	-0,10	43,09	-0,01	0,00	-0,69
Complexo laranja	19,87	0,22	-0,34	8,16	-0,21	-1,12
Complexo açúcar	11,51	-0,67	-6,43	-7,34	-0,58	-3,27
Complexo soja	41,44	33,40	-13,00	-1,52	102,60	15,57

Tabela 21
Participação do Comércio Intra-Mercosul no Comércio Mundial dos Produtos
Estudados — 1988/94

	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	Total
	(Em %)							
Algodão	1,33	2,56	1,80	1,89	2,23	2,60	3,26	2,22
Açúcar bruto	0,02	0,07	0,00	0,13	0,33	0,27	0,74	0,18
Açúcar refinado	0,02	0,19	0,00	0,00	0,03	0,04	0,52	0,12
Arroz	0,89	1,21	2,78	3,38	2,37	3,69	3,17	2,54
Aves	0,00	0,02	0,05	0,09	0,74	1,02	0,81	0,48
Bovino	0,17	1,35	2,02	0,54	0,23	0,27	0,82	0,77
Cacau	0,08	0,10	0,45	0,85	0,88	0,81	1,01	0,58
Café	0,26	0,28	0,29	0,43	0,50	0,61	0,62	0,42
Laranja	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00
Leite	0,08	0,73	0,45	0,53	0,41	0,81	1,16	0,61
Laticínios	0,13	0,58	0,51	0,45	0,19	0,40	0,78	0,44
Maçãs	2,38	1,92	2,47	2,26	1,21	1,16	1,55	1,81
Milho	0,09	0,26	0,59	0,95	0,68	1,96	2,02	0,91
Óleo de soja	1,30	1,13	0,26	1,91	2,28	3,40	4,74	2,42
Porco	0,00	0,01	0,00	0,01	0,42	0,52	0,29	0,19
Soja	0,00	0,00	0,01	0,98	0,80	0,08	0,87	0,40
Suco de laranja	0,00	0,00	0,00	0,00	0,06	0,04	0,16	0,04
Tabaco	0,10	0,12	0,07	0,21	0,26	0,45	0,33	0,22
Torta de soja	0,00	0,00	0,00	0,02	0,02	0,05	0,08	0,02
Tortas	0,00	0,00	0,01	0,01	0,03	0,06	0,07	0,03
Trigo	0,71	1,12	0,00	2,14	0,25	0,08	0,03	0,62
Uva	0,32	0,62	0,59	0,58	0,49	0,46	0,49	0,51
Complexo laranja	0,00	0,00	0,00	0,00	0,03	0,02	0,07	0,02
Complexo açúcar	0,02	0,11	0,00	0,08	0,17	0,16	0,63	0,15
Complexo soja	0,16	0,14	0,04	0,71	0,69	0,51	1,34	0,53
Total	0,30	0,63	0,57	0,80	0,52	0,69	0,95	0,64

Tabela 22
Participação do Comércio Intra-Mercosul e Chile no Comércio Mundial dos
Produtos Estudados — 1988/94

	(Em%)							
	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	Total
Algodão	1,71	2,88	2,17	2,49	2,68	2,70	3,67	2,60
Açúcar bruto	0,02	0,08	0,00	0,13	0,33	0,27	0,74	0,18
Açúcar refinado	0,10	0,29	0,61	0,47	0,21	0,09	0,72	0,37
Arroz	1,05	1,25	2,87	3,48	2,52	3,85	3,32	2,66
Aves	0,02	0,02	0,05	0,10	0,76	1,05	0,86	0,51
Bovino	0,21	1,40	2,05	0,68	0,65	0,79	1,41	1,04
Cacau	0,17	0,15	0,55	1,00	1,12	0,99	1,25	0,73
Café	0,30	0,32	0,31	0,46	0,55	0,68	0,77	0,49
Laranja	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00
Leite	0,16	0,86	0,51	0,58	0,45	0,90	1,28	0,70
Laticínios	0,14	0,65	0,54	0,47	0,21	0,45	0,84	0,48
Maçãs	2,43	2,19	2,77	2,57	1,30	1,42	1,72	2,02
Milho	0,09	0,26	0,61	1,02	0,92	2,12	2,30	1,02
Óleo de soja	1,80	2,11	2,21	3,42	4,13	3,97	6,40	3,74
Porco	0,00	0,01	0,02	0,12	0,50	0,59	0,40	0,26
Soja	0,00	0,00	0,01	0,98	0,81	0,08	0,87	0,40
Suco de laranja	0,08	0,07	0,03	0,05	0,12	0,09	0,24	0,10
Tabaco	0,13	0,18	0,11	0,24	0,34	0,47	0,34	0,26
Torta de soja	0,21	0,12	0,16	0,33	0,50	0,27	0,47	0,29
Tortas	0,20	0,12	0,16	0,27	0,44	0,25	0,42	0,27
Trigo	0,75	1,12	0,00	2,18	0,49	0,13	0,31	0,71
Uva	0,72	1,78	1,34	1,54	0,95	1,15	1,33	1,26
Complexo laranja	0,03	0,03	0,02	0,02	0,05	0,03	0,11	0,04
Complexo açúcar	0,04	0,16	0,23	0,27	0,27	0,18	0,73	0,26
Complexo soja	0,31	0,31	0,38	1,03	1,14	0,67	1,81	0,83
Total	0,36	0,72	0,67	0,92	0,71	0,84	1,20	0,78

Tabela 23
Análise Fatorial
Brasil

Fator 1 - Correlação	
Açúcar bruto	0,95558
Açúcar refinado	0,94717
Aves	0,69735
Cacau	0,76231
Café	0,74439
Laranja	0,79115
Maçãs	-0,73271
Óleo de soja	0,86842
Torta de soja	0,88867
Tortas	0,88676
Trigo	-0,68877
Complexo açúcar	0,96997
Complexo soja	0,91874

Fator 2 - Correlação	
Arroz	0,63357
Bovino	0,93739
Laticínios	0,90472
Leite	0,90232
Milho	0,6586

Fator 3 - Correlação	
Algodão	0,76001
Cebola	0,86515
Porco	-0,67464

Análise Fatorial
Argentina

Fator 1 - Correlação	
Açúcar bruto	0,92621
Açúcar refinado	0,81299
Laranja	-0,7367
Milho	0,56489
Óleo de soja	-0,87784
Torta de soja	-0,669
Complexo açúcar	0,96007
Complexo soja	-0,82829

Fator 2 - Correlação	
Arroz	-0,77792
Suco de laranja	0,92702
Tortas	0,56698
Uva	0,71936
Complexo laranja	0,70626

Tabela 24
Competitividade-Preço do Brasil
Preço Interno/Preço das Importações Mundiais

	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95
Algodão Arb	1,65	1,59	1,83	1,98	1,73	1,56	1,88	1,92	1,23	1,25	1,12	1,06	1,16	1,16	0,97	0,76
Algodão Herb	1,65	1,59	1,83	1,98	1,73	1,56	1,88	1,92	0,99	1,01	0,90	1,06	1,15	1,16	0,97	0,76
Arroz	1,01	0,77	1,27	1,44	0,99	1,37	1,23	0,83	0,78	0,58	0,65	0,73	0,65	0,64	0,64	0,55
Aves	0,88	0,77	0,79	0,96	1,01	0,94	0,91	0,64	0,56	0,65	0,89	0,72	0,63	0,73	0,58	0,61
Bovino	0,50	0,64	0,56	0,69	0,85	0,79	0,89	0,58	0,42	0,72	0,66	0,70	0,61	0,60	0,57	0,49
Café	0,41	0,47	0,51	0,37	0,42	0,48	0,75	0,34	0,31	0,31	0,43	0,33	0,35	0,46	0,52	0,33
Cebola	3,17	7,91	4,82	3,52	1,87	10,2	2,81	1,63	3,33	0,73	4,39	0,60	1,15	1,99	0,83	1,61
Laranja	6,98	10,1	10,7	8,11	11,4	9,47	7,87	6,84	8,18	5,24	6,30	3,52	4,60	3,04	3,99	3,55
Milho	1,61	1,48	1,58	1,79	1,35	1,47	1,59	1,41	1,39	1,02	0,56	1,17	1,05	5,13	0,83	0,79
Porco	0,54	0,41	0,48	0,54	0,70	0,66	0,59	0,31	0,32	0,41	0,48	0,46	0,36	0,50	0,42	0,34
Soja	1,30	1,19	1,45	1,73	1,37	1,55	1,34	1,70	1,68	0,81	0,80	0,93	1,07	1,06	0,71	0,73
Trigo	1,97	2,73	3,53	3,19	3,39	4,35	3,14	3,69	3,24	1,08	0,71	1,31	1,94	1,81	0,97	0,85
Uva	0,66	0,59	0,56	0,59	0,30	0,26	0,61	0,70	0,35	0,36	0,29	0,25	0,15	0,13	0,17	0,47

Fontes: Preço interno: **Revista Agroanalysis** (FGV); Preço das Exportações Mundiais: FAO.

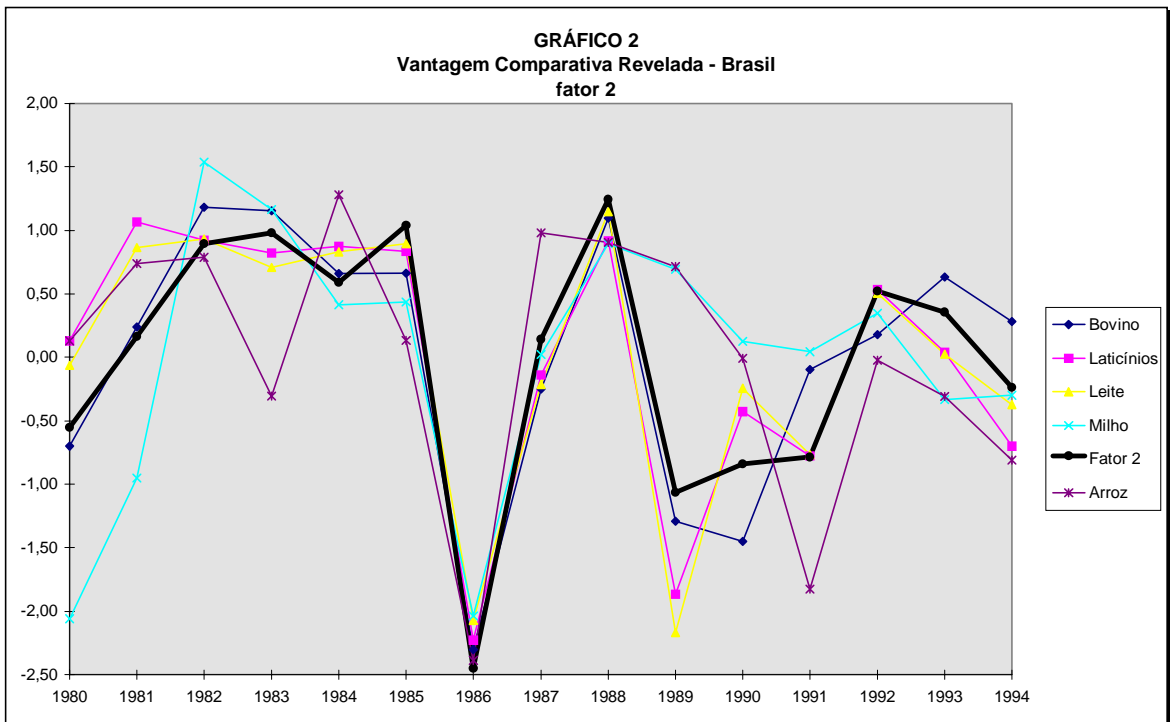
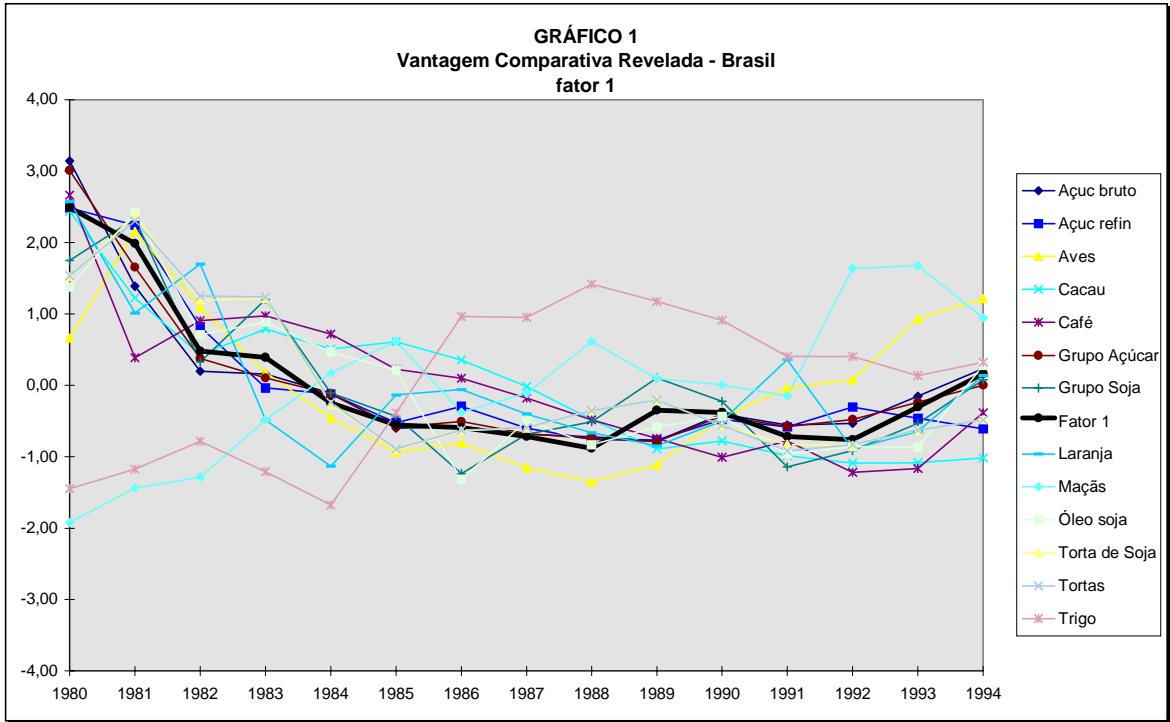
Tabela 25
Competitividade-Preço do Brasil por Períodos
Preço Interno/Preço das Importações Mundiais

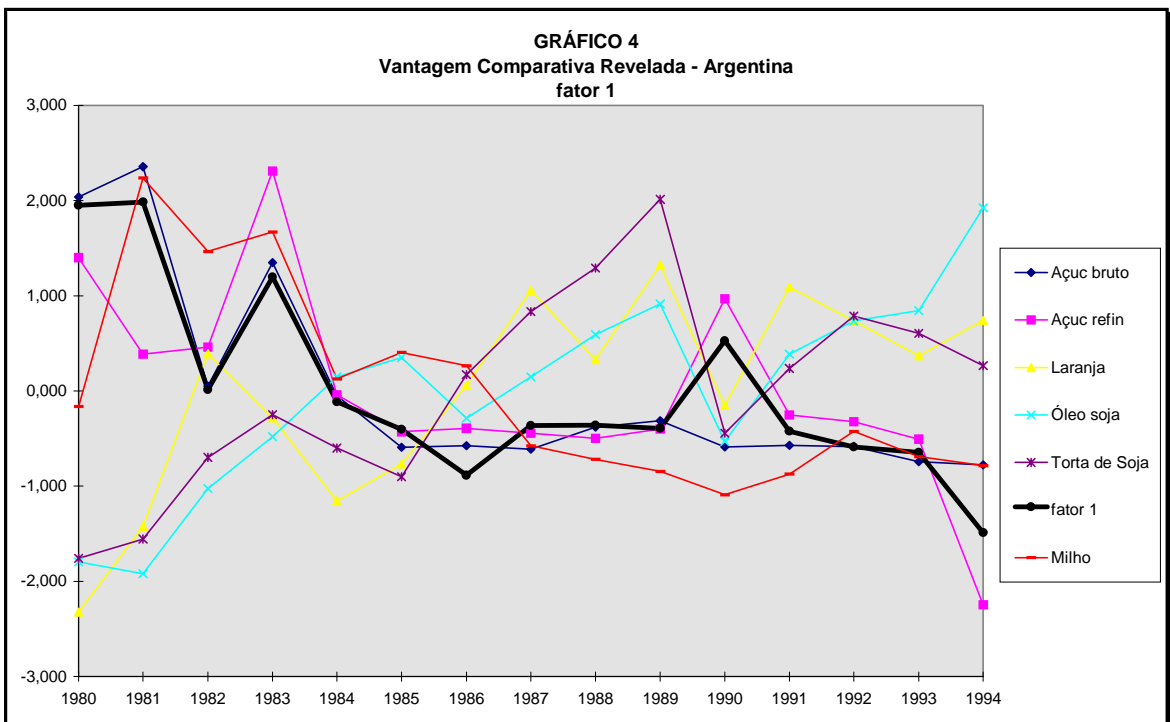
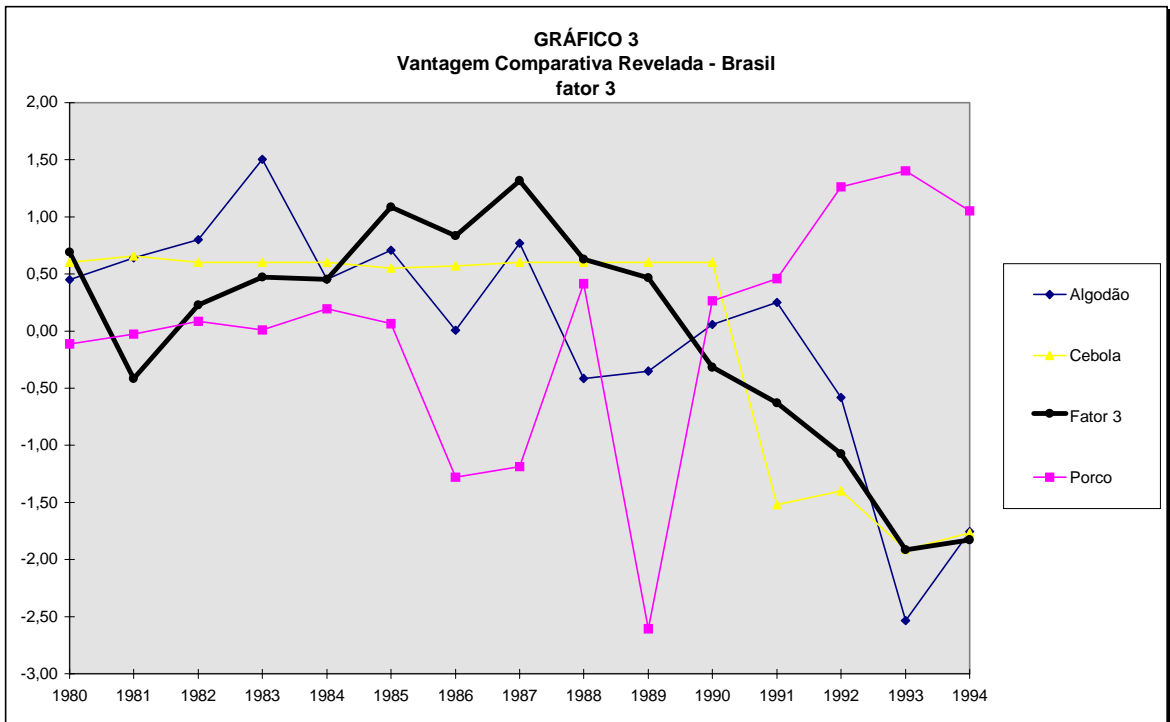
	1980/86	1987/91	1992/94
Algodão Arb	1,75	1,32	1,01
Algodão Herb	1,75	1,18	1,01
Arroz	1,16	0,71	0,62
Aves	0,89	0,69	0,64
Bovino	0,70	0,62	0,57
Café	0,49	0,34	0,42
Cebola	4,90	2,13	1,40
Laranja	9,23	6,01	3,80
Milho	1,55	1,11	1,95
Porco	0,56	0,40	0,40
Soja	1,42	1,19	0,89
Trigo	3,18	2,01	1,39
Uva	0,51	0,39	0,23

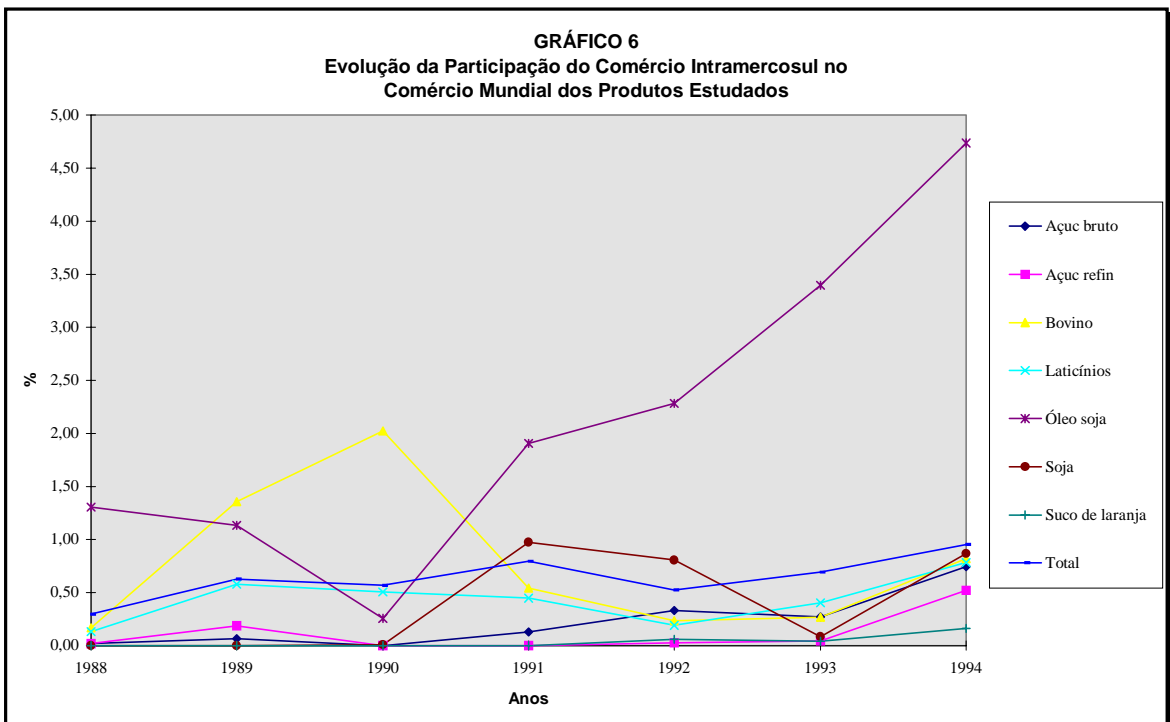
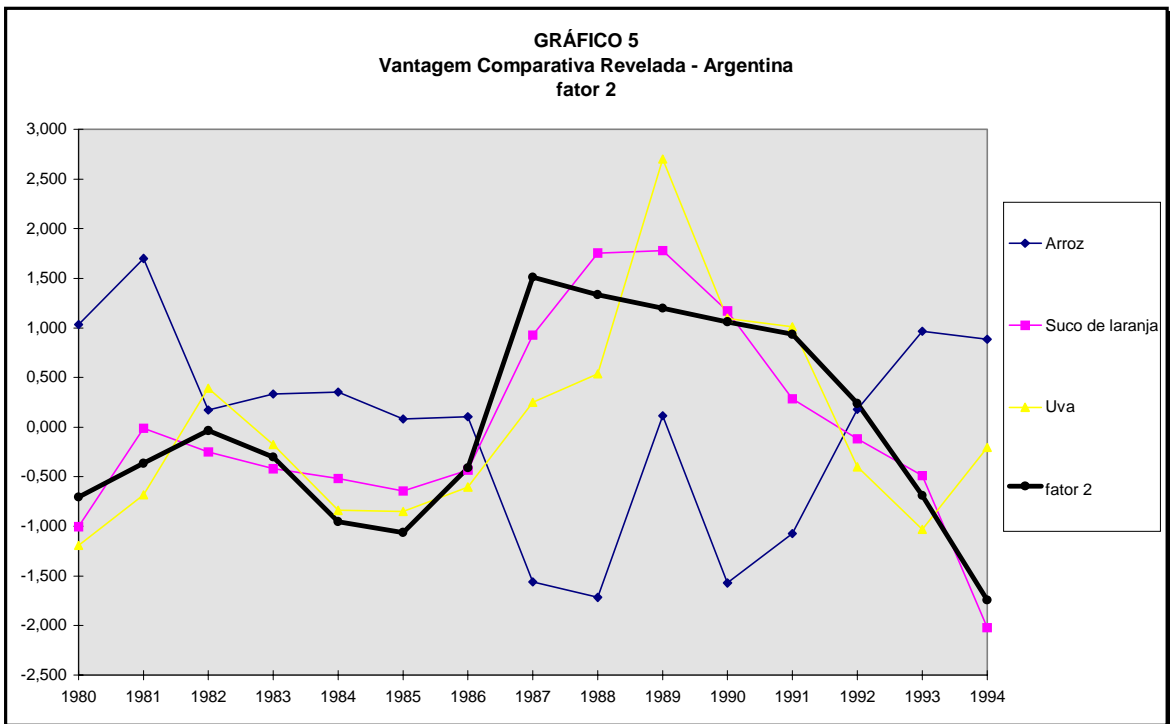
Fontes: Preço interno: **Revista Agroanalysis** (FGV); Preço das Exportações Mundiais: FAO.

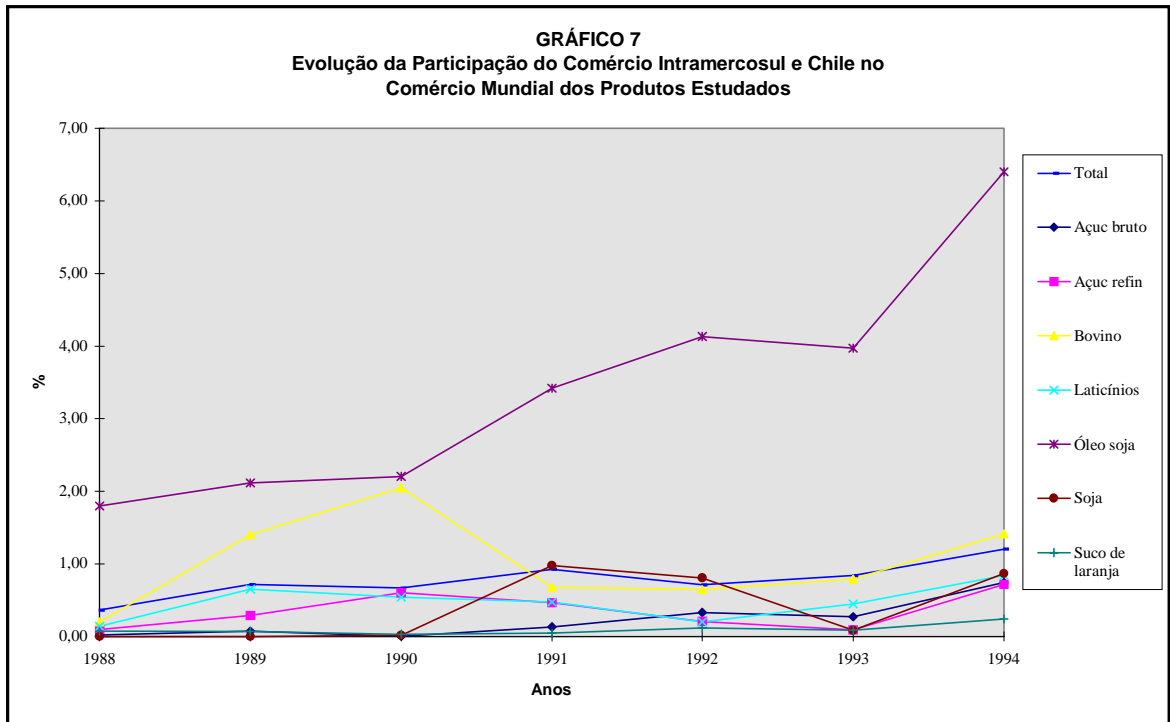
ANEXO 3

GRÁFICOS









BIBLIOGRAFIA

- AMABLE, B. **Effets nationaux d'apprentissage spécialisation internationale et trajectoires de croissance**. Paris: Ires, Juin 1990.
- BALASSA, B. The purchasing power parity doctrine: a reappraisal. **Journal of Political Economy**, v.72, Dec. 1984.
- CNI. **Comércio exterior em perspectiva**. Rio de Janeiro: CNI/Decex, jul. 1996.
- CORDEN, M. The normative theory of international trade In: JONES, R., KENEN, P.(eds.). **Handbook of international economics**. North-Holland, 1984.
- _____. A western hemisphere free trade area: implications for Latin America. In: ECLAC/IDB. **Trade liberalization in the western hemisphere**. Washington, D.C., 1995, 502 p.
- DURAND, M., GIORNO, C. **Indicators of international competitiveness: conceptual aspect and evaluation**. Paris: OCDE, 1987 (Economic Studies, 9).
- FAJNZYLBERG, F. Sobre la impostergable transformación productiva de America Latina. **Pensamiento Iberoamericano**, n. 16, 1990.
- FARGERBERG, J. International competitiveness. **Economic Journal**, v.98, June 1988.
- JACQUET, F. La réforme de 1992, un tournant dans l'histoire de la politique agricole commune. In: **Déméter 93 - Économie et Stratégies Agricoles**. Paris: Armand Colin, 1993.
- LAFAY, G. Dynamique de la spécialisation internationale. **Economica**, 1979.
- _____. Avantage comparatif et compétitivité. **Economie Prospective Internationale**, n.29, 1^o trimestre.
- LAFAY, G., HERZOG, C. Commerce international: la fin des avantages acquis. **Economica**, 1989.
- MACHADO, J.B., MARKWALD, R. Padrão de comércio e estratégia de integração. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, n. 46, jan./mar. 1996.
- MATHIS, J. **Compétitivité et élasticités du commerce extérieur**. Paris: Centre d'Études de Dynamiques Internationales, Jan. 1990.

- PEÑA, F. Mercosul 2000: algumas questões relevantes da agenda político-institucional. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, n. 46, jan./mar. 1996.
- REZENDE, G., NONNENBERG, M.J., MARQUES, M. **Abertura comercial, financiamentos externos, crescimento das importações brasileiras e o impacto sobre o setor agrícola**. Texto preparado para a FAO. 1996, 36 p.
- REGO, E.C. **O processo de constituição do Mercosul**. BNDES, fev. 1995 (Texto para Discussão, 23).
- SCAMMELL, W.M. **International trade and payments**. London: MacMillan, 1974, 605 p.
- SINGER, H. Is a genuine partnership possible in a western hemisphere free trade area? In: ECLAC/IDB. **Trade liberalization in the western hemisphere**. Washington, D.C, 1995, 502 p.
- VINER, J. **The customs union issue — carnegie endowment for international peace**. New York, 1950.